



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA

NATERCIO ANTONIO FERREIRA CAPOTE

O TEMPO NA NEUROSE OBSESSIVA: UM ESTUDO PSICANALÍTICO

FORTALEZA

2019

NATERCIO ANTONIO FERREIRA CAPOTE

O TEMPO NA NEUROSE OBSESSIVA: UM ESTUDO PSICANALÍTICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicanálise e Práticas Clínicas.

Orientadora: Prof^ª Dra. Caciana Linhares Pereira.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C246t Capote, Natércio Antonio Ferreira.
O tempo na neurose obsessiva : Um estudo psicanalítico / Natércio Antonio Ferreira Capote. – 2019.
122 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2019.
Orientação: Profa. Dra. Caciana Linhares Pereira.
1. Neurose obsessiva. 2. Tempo. 3. Eu. 4. Psicanálise. I. Título.

CDD 150

NATERCIO ANTONIO FERREIRA CAPOTE

O TEMPO NA NEUROSE OBSESSIVA: UM ESTUDO PSICANALÍTICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em 27/05/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Caciana Linhares Pereira (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará — UFC

Prof^a. Dra. Karla Patrícia Holanda Martins

Universidade Federal do Ceará — UFC

Prof^a. Dra. Laéria Bezerra Fontenele

Universidade Federal do Ceará — UFC

Prof. Dr. Vinicius Anciães Darriba

Universidade Estadual do Rio de Janeiro — UERJ

Aos temporais da vida!

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Caciana Linhares, pela amizade com amor e risos e pela acolhida no trabalho com indicações e esclarecimentos fundamentais.

À Professora Karla Patrícia, pela primeira acolhida, solicitude, contribuições importantes e torcida.

À querida professora Láeria Fontenele, por ser minha grande fonte de inspiração desde a época da graduação em psicologia.

Ao professor Vinícius Darriba, por sua contribuição nos processos avaliativos e por sua análise rigorosa.

À minha mãe, pelo amor e lugar de minhas redondezas.

Aos colegas e parceiros do mestrado e doutorado em psicologia da UFC.

Ao Laboratório de Psicanálise da UFC pela receptividade prestada nos grupos de estudo.

Ao Corpo Freudiano — Seção Fortaleza, pelos debates estabelecidos nos eventos e pelo empréstimo da palavra.

À CAPES, pelo incentivo financeiro com a bolsa de auxílio em tempos de um governo tenebroso.

RESUMO

A presente pesquisa investiga os modos de comparecimento do tempo nos mecanismos de defesa próprios da neurose obsessiva. Partindo da formulação freudiana da atemporalidade como uma característica do modo de funcionamento do processo primário, a pesquisa tomou como eixo de problematização o fato de que o entendimento que podemos conferir a esta característica do inconsciente exige pensar a passagem deste modo de funcionamento do aparelho psíquico para um outro modo de funcionamento próprio da lógica da consciência, ou seja, exige pensar as relações entre os dois modos de funcionamento do aparelho psíquico. Essa relação comparece em formulações metapsicológicas que assumem importância capital quando Freud aborda a neurose obsessiva, como as formulações em torno da insistência do passado traumático, do “só-depois” e da angústia expectante. Com vistas a aprofundar a investigação de tais formulações, realizamos uma pesquisa bibliográfica que teve como fonte fundamental a obra de Freud no período de 1893 a 1937. Os textos escolhidos expressam o percurso das formulações freudianas no período (dito) pré-psicanalítico e no período de construção metapsicológica da primeira e segunda tópicas. Em um primeiro momento, apresentamos as formulações iniciais de Freud sobre o trauma e a defesa, observando como a discussão em torno da etiologia das neuroses confere uma ênfase particular à insistência de um passado sexual traumático para, deste ponto, delimitar uma distinção entre histeria e neurose obsessiva. Em seguida, retomamos o caso clínico do Homem dos Ratos buscando apreender as proposições freudianas sobre o modo de estruturação próprio da neurose obsessiva e depreender como o tempo comparece em tais proposições. Por fim, buscamos extrair conclusões desse percurso realizando uma análise mais específica em torno do tempo e de seu modo de incidência nas proposições que afirmam haver, nesta neurose, uma experiência sexual precoce articulada a uma antecipação na constituição do Eu. No último capítulo procuramos sublinhar as principais formas de comparecimento do tempo na defesa obsessiva, a saber: o caráter de insistência e incompletude do passado; a contração temporal e a vinculação do passado ao só depois; a simultaneidade; a oscilação rítmica da inibição; a impressão da perda de tempo; a anulação retroativa; a demora nos pensamentos; a defesa perpétua e inconclusiva do Eu; a antecipação, a procrastinação e a espera; o tempo imóvel ou parado ligado a uma impressão de aprisionamento.

Palavras-chave: neurose obsessiva; tempo; eu; psicanálise.

ABSTRACT

The present research investigates the ways of time attendance in the defense mechanisms of obsessional neurosis. From the Freudian formulation of atemporality as a characteristic of the mode of operation of the primary process, the research has taken as its axis of problematization the fact that the understanding we can give to this characteristic of the unconscious requires thinking about the passage from this mode of functioning of the psychic apparatus to another mode of functioning proper to the logic of consciousness, in other words, it requires thinking about the relations between the two modes of functioning of the psychic apparatus. This relationship appears in metapsychological formulations that assume capital importance when Freud approaches obsessional neurosis, such as formulations around the insistence of the traumatic past, the “afterwardness” and the expectant anguish. In order to deepen the investigation of such formulations, we carried out bibliographical research that had as fundamental source the work of Freud in the period from 1893 to 1937. The chosen texts express the course of the Freudian formulations in the (said) pre-psychoanalytic period and in the period of metapsychological construction of the first and second topical. First, we present Freud's initial formulations on trauma and defense, noting how the discussion about the etiology of neuroses places particular emphasis on the insistence of a traumatic sexual past to delineate a distinction between hysteria and obsessional neurosis. Then we return to the case of the Rat Man, seeking to apprehend the Freudian propositions about the proper way of structuring the obsessional neurosis and to understand how the time appears in such propositions. Finally, we seek to draw conclusions from this path by conducting a more specific analysis of time and of its mode of incidence in the propositions that affirm that there is an early sexual experience in this neurosis articulated to anticipation in the constitution of the I. By the last chapter, we emphasize the main forms of time attendance in the obsessive defense, namely: the character of insistence and incompleteness of the past; the temporal contraction and the linking of the past to the afterwardness; the simultaneity; the rhythmic oscillation of inhibition; the impression of the loss of time; retroactive annulment; the delay in the thoughts; the perpetual and inconclusive defense of the I; the anticipation, the procrastination and the waiting; the still or stationary time attached to an impression of imprisonment.

Keywords: obsessional neurosis; time; i; psychoanalysis.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	TRAUMA E DEFESA NA TEORIA FREUDIANA	14
2.1	Inconsciente e trauma	14
2.1.2	<i>O “eu” e os mecanismos de defesa na neurose obsessiva</i>	21
2.2	Trauma, defesa e tempo nos modelos etiológicos de 1893 a 1896.....	22
2.2.1	<i>Mais precisão sobre a lógica temporal do trauma e da defesa no desencadeamento neurótico</i>	22
2.2.2	<i>O tempo da experiência sexual precoce comum às neuroses</i>	27
2.3	O “eu” e o tempo na neurose obsessiva.....	32
2.3.1	<i>A defesa sendo o próprio Eu</i>	34
2.3.2	<i>O Eu e o tempo na neurose obsessiva: por que o próprio tempo não está garantido?</i> 35	
3	O HOMEM DOS RATOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ASPECTOS TEMPORAIS DO CASO	38
3.1	Começo da história clínica.....	38
3.2	Os elementos ordenadores da neurose obsessiva, as funções do Eu e a oposição entre desejo e afeto doloroso	39
3.2.1	<i>O Inconsciente e os modos de comparecimento do tempo na neurose obsessiva</i>	41
3.2.2	<i>O grande medo obsessivo</i>	45
3.2.3	<i>O amor e ódio ao pai</i>	49
3.2.3.1	<i>Algumas características gerais das formações obsessivas</i>	68
3.2.3.2	<i>Algumas peculiaridades psíquicas dos neuróticos obsessivos — sua relação com a realidade, a superstição e a morte</i>	70
3.3	A vida pulsional e as origens da compulsão e da dúvida	73
4	ASPECTOS TEMPORAIS DA NEUROSE OBSESSIVA: DA SEXUALIDADE PRECOCE À ANTECIPAÇÃO DO EU	79
4.1	Contexto geral dos atos obsessivos.....	79
4.1.1	Trauma e defesa: a oposição complementar da insistência sexual às proibições cerimoniais	79
4.1.2	<i>Temporalidade indefinitiva e defesa perpétua no adiamento do preparo cerimonial</i>	83
4.1.3	<i>Isolamento/ ocultamento e anulação do acontecido como básculas do tempo</i>	86
4.3	Contexto geral dos pensamentos e da metapsicologia da neurose obsessiva	89
4.3.1	<i>“Tempo contínuo”: modalidades de defesa e aprisionamento perpétuo</i>	89
4.3.2	<i>“Perda de tempo”: o desejo de morte e a irreduzibilidade da Lei sobre o Homem dos Ratos</i> ..	95

4.4	“Prisão temporal”	98
4.4.1	<i>Da explosão sexual precoce à hipótese da antecipação do Eu</i>	98
4.4.1.2	<i>A formação dos juízos e a relação de amor e ódio</i>	102
4.4.1.3	<i>O “não-acontecido” e a espera como um dos nomes do desejo</i>	105
	5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
	REFERÊNCIAS	119

1 INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar o tempo na neurose obsessiva surgiu por dois motivos. Primeiro, pela escuta clínica do pesquisador que encontrava dificuldades no manejo com um elemento que apresentava o caráter de insolubilidade e que se relacionava a um modo de tratamento do tempo que lhe conferia uma forma aparentemente cíclica. O segundo motivo surgiu articulado ao primeiro, pois desta inquietação clínica começou a tomar forma uma exigência de aprofundar as teses relativas ao tempo na metapsicologia freudiana e as proposições freudianas acerca da neurose obsessiva.

A escuta na clínica da neurose obsessiva levantou questões sobre suas especificidades e, nesse contexto, sobre os modos de comparecimento do tempo nos mecanismos de defesa constituidores dessa neurose. Desse recorte, o processo secundário passou também a compor um eixo de investigação, na medida em que seu funcionamento implica a incidência do tempo e a complexa constituição nas noções de passado e de futuro. Mesmo sabendo que a atemporalidade é uma característica do processo primário, o entendimento que podemos conferir a esta característica do inconsciente exige pensar a passagem deste modo de funcionamento do aparelho psíquico para um outro, próprio da lógica da consciência, ou seja, uma exigência de analisar as relações entre os dois modos de funcionamento do aparelho psíquico.

Essa relação comparece em formulações metapsicológicas que assumem importância capital quando Freud aborda a neurose obsessiva, como as formulações em torno da insistência do passado traumático, do “só-depois” e da angústia expectante. A experiência clínica com os obsessivos levou à indagação sobre como o tempo se faz dizer nessa neurose e o que ela permite apreender sobre o tratamento que a psicanálise confere à própria noção de tempo.

Através dessas considerações e sabendo que “a psicanálise tem consistência pelos textos de Freud” (LACAN, 1967/2003, p. 256), seguimos o caminho freudiano para investigar suas formulações sobre a neurose obsessiva com especial atenção à discussão em torno da etiologia, do trauma, da defesa, da constituição do sintoma como formação de compromisso e da formação do Eu. Com vistas a aprofundar a investigação de tais formulações, realizamos uma pesquisa bibliográfica que teve como fonte fundamental a obra de Freud no período de 1893 a 1937. Sendo assim, os textos escolhidos expressam o percurso das formulações

freudianas no período (dito) pré-psicanalítico e no período de construção metapsicológica da primeira e segunda tópicas. Nesse contexto, alguns autores como Paul Laurent Assoun e Renato Gazzola contribuíram para a apreensão da relação que as estratégias defensivas próprias da neurose obsessiva estabelecem com o tempo. Indicaremos, ainda, as formulações de Laéria Fontenelle em torno da tese da constituição precoce do Eu.

Dessa forma, estabelecemos três etapas na construção da dissertação. No primeiro momento, apresentamos as formulações iniciais de Freud sobre o trauma e a defesa, observando como a discussão em torno da etiologia das neuroses confere uma ênfase particular à insistência de um passado sexual traumático para, deste ponto, delimitar uma distinção entre histeria e neurose obsessiva. Em seguida, retomamos o caso clínico do Homem dos Ratos buscando apreender as proposições freudianas sobre o modo de estruturação próprio da neurose obsessiva e depreender como o tempo comparece em tais proposições. Por fim, buscamos extrair conclusões desse percurso realizando uma análise mais específica em torno do tempo e de seu modo de incidência nas proposições que afirmam haver, nesta neurose, uma experiência sexual precoce articulada a uma antecipação na constituição do Eu.

Nosso recorte, que buscou investigar mais detidamente o comparecimento do tempo na tese de uma experiência sexual precoce articulada a uma antecipação na constituição do Eu, seguiu uma indicação feita por Freud: a antecipação na constituição dessa instância (do Eu) constitui um dos elementos centrais da etiologia da neurose obsessiva. Em 1926, no contexto da segunda tópica, esta discussão é retomada, assumindo uma importância capital no trabalho intitulado “Inibição, sintoma e angústia” (FREUD, 1926/2014).

Nosso primeiro objetivo específico foi investigar a relação entre trauma e defesa na constituição da neurose, ou seja, investigar a definição mesma da neurose a partir destas noções. Nesse momento, buscamos isolar as formulações freudianas sobre as medidas defensivas próprias da neurose obsessiva em sua relação com um modo particular de tratamento do tempo. Investigamos, aqui, a formulação da noção de um “passado traumático” agindo como um agente estranho à consciência e provocando mecanismos de resistência ao seu conteúdo sexual. Avançamos a investigação aprofundando a relação entre esse passado e a noção de trauma a partir da proposição de uma experiência sexual traumática que assume a forma de uma lembrança de difícil acesso, gerando excitações psíquicas descarregadas de modo inconcluso, insatisfatório e inacabado. Essa tese definiria o traumático como causa da neurose, expondo a

problemática da ocorrência de uma “*incompatibilidade*” na “*vida representativa*” do neurótico (FREUD, 1894a/2006, grifo do autor).

Ainda nesse momento inicial, investigamos como o tempo comparece na indicação freudiana da incidência de uma experiência sexual precoce — indicação que acompanha a articulação entre o sexual, o infantil e o trauma. A ideia central desse capítulo é acompanhar como a persistência do passado sexual traumático se vincula ao presente, o que permite a Freud o estabelecimento de uma distinção entre neurose obsessiva e neurose histérica, a qual conduz a outro avanço relativo à neurose obsessiva: a articulação entre a precocidade da constituição do Eu e uma experiência prematura de sedução e agressividade. A culpabilidade e a autoacusação são pontuadas como indícios de que as atividades agressivas são sentidas com prazer, previamente à sedução.

A direção do tratamento comparece aqui como um trabalho que busca refazer o caminho traumático, resgatando a relação simbólica da doença no presente com seu motivo desencadeador do passado. Para o caso da neurose obsessiva, veremos os mecanismos defensivos do Eu pautados no caráter de insistência da representação traumática, fazendo com que os afetos fiquem retidos na esfera psíquica. Apesar da tentativa de retirada do conteúdo sexual das obsessões, Freud escutará seu caráter traumático pelo fator de persistência e estranhamento na consciência. O Eu do obsessivo revela um modo particular de tratar o tempo na formulação de que nesta neurose “alguma coisa contemporânea toma lugar de algo do passado” (FREUD, 1896b/2006, p. 170).

Nesse percurso, concentramos nossa investigação e apresentação crítica nos seguintes textos freudianos: “Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência” (1893/2006), “As neuropsicoses de defesa” (1894a/2006), “Obsessões e fobias: Seu mecanismo psíquico e sua etiologia” (1894b/2006), “Projeto para uma psicologia científica” (1895/2006), “A Hereditariedade e a Etiologia das neuroses” (1896a/2006), “Rascunho K” (1896b/1996), “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa” (1896c/2006), “Carta 69” (1897/1996), A Interpretação dos Sonhos e Sobre os Sonhos (1900/2006) e “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/2006).

No segundo capítulo, nosso objetivo voltou-se para a investigação dos mecanismos de defesa próprios da neurose obsessiva presentes na apresentação de Freud sobre o caso clínico do Homem dos Ratos. A fim de situarmos o contexto do pensamento freudiano no momento da construção do caso, estabelecemos ainda relações entre os achados do primeiro capítulo e o

texto freudiano “Atos obsessivos e práticas religiosas” (1907/2015), o que permitiu conferir um ordenamento às teses da primeira tópica. Conferimos destaque às formulações em torno do medo, da agressividade e das interdições proibitivas para melhor aprender suas relações com o tempo. Essas relações se expressam, neste momento da teorização freudiana, nas afirmações de um sentimento de tempo perdido contra a luta das ideias obsessantes, de uma impossibilidade (que assume uma forma cíclica) relativa ao pagamento de uma dívida e de uma inibição paralisadora no amor e no trabalho.

Investigamos ainda como a sexualidade infantil vai marcando uma oposição efetiva ao Eu, que acaba formulando suas defesas através de medidas como o deslocamento, a antecipação e a morosidade diante das decisões. Essas medidas permitem depreender a articulação entre desejo e medo, assim como abordar a observação freudiana de que o futuro, nessa neurose, é marcado por uma angústia expectante.

Ainda em relação ao caso clínico do Homem dos Ratos, acompanhamos, de modo mais detido, as formulações sobre as defesas do Eu e sobre a sexualidade precoce. Voltamos para o princípio da não contradição e da atemporalidade inconsciente com vistas a explicitar como a simultaneidade e a assincronia se relacionam com a insistência de um impulso erótico e da revolta contra ele. A respeito desse indicador, buscamos explicitar a dimensão do ritmo que relaciona desejo e cumprimento à ordem na história de Ernst Lanzer. Ainda em relação à abordagem do tempo, destacamos as considerações sobre a dinâmica do pai “morto-vivo”, propondo pensar algo de “não-realizado” do passado como uma incompletude que retorna e se expressa na tentativa de tratar esse passado como “não-acontecido”. Acentua-se, aqui, a falta de sentido do sexual traumático e esse efeito de inacabamento que o tratamento do tempo confere ao “acontecido”.

Nesse percurso, a oposição entre amor e ódio também foi objeto de investigação. Esta oposição compareceu em sua vinculação à dúvida obsessiva, expressa na afirmação freudiana que a obsessão “é uma tentativa de compensar a dúvida e corrigir o intolerável estado de inibição de que a dúvida é testemunho” (FREUD, 1909/2013, p.106). Buscamos explicitar, no caso clínico de Freud, como certa indecisão ao amor pelo pai, ainda em um período de seus anos “pré-históricos”, estava na base de sua inibição — o que teve como consequência uma operação com o tempo em que este pareceu parar de se mover (o tempo pareceu parar). Buscamos apresentar, neste momento, a proposição de que a defesa obsessiva implicaria então uma defesa que incide sobre o próprio tempo.

Por fim, no último capítulo, resgatamos as relações estabelecidas nos capítulos anteriores acentuando com mais precisão os modos de tratamento do tempo na neurose obsessiva. Buscamos extrair conclusões a partir das proposições freudianas sobre a *precocidade*, no que diz respeito a uma experiência sexual precoce, e sobre a *antecipação*, no que diz respeito à constituição do Eu. Retomamos os achados relativos ao tempo (que expomos nos capítulos anteriores) com vistas a analisar uma mudança na posição freudiana relativa à tese da antecipação na constituição do Eu — mudança que pode ser observada no texto “Inibição, sintoma e angústia” (1926/2014). Observamos que Lacan (1966/1998) retomou esse movimento de Freud demonstrando que toda formação do Eu sofre uma antecipação constitutiva, o que permite pensar, como observa Fontenelle (2018), que a neurose obsessiva desnuda a própria Estrutura.

2 TRAUMA E DEFESA NA TEORIA FREUDIANA

2.1 Inconsciente e trauma

No ensaio “Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos” (1893/2006), Freud indicará uma fundamental importância ao papel do trauma como alternativa à condição da hereditariedade defendida por Charcot:

Nossas experiências nos mostraram, no entanto, que *os mais diferentes sintomas — tidos como produtos espontâneos, por assim dizer idiopáticos, da histeria — acham-se tão forçosamente ligados ao trauma ocasionador quanto os fenômenos acima mencionados, transparentes nesse ponto.* (FREUD, 1893/2006, p. 20, grifo do autor)

Incitado em buscar o agente provocador (terminologia emprestada de Charcot) das neuroses, de modo que não significasse o vazio explicativo da hereditariedade, Freud iria propor uma articulação entre a neurose geral (nome atribuído à neurose histérica entre os franceses) e um núcleo traumático. Portanto, toda histeria seria uma “histeria traumática”: “... *a analogia, quanto à patogênese, entre histeria comum e a neurose traumática, e justificar uma extensão do conceito de ‘histeria traumática’*” (FREUD, 1893/2006, p. 22, grifo do autor). A problemática que ele logo apresenta nessa formulação diz respeito ao o tempo das manifestações dos sintomas e sua origem patogênica, o trauma. Isso coloca-o em uma série de descrições que procuram conceitualizar o traumático, articulando sua condição com um efeito especial da memória:

Mas o nexos causal entre o trauma psíquico motivador e o fenômeno histérico não é tal que o trauma, como *agente provocateur* [agente provocador], desencadeasse o sintoma, que então, tornado independente, permaneceria. Devemos antes afirmar que o trauma psíquico ou, mais precisamente, a lembrança do mesmo age como um corpo estranho que ainda muito depois de sua penetração deve ser considerado um agente no presente. (FREUD, 1893/2006, p. 23, grifo do autor)

O trauma psíquico estaria vinculado à sua própria condição de lembrança e apresentaria uma característica perturbadora, assim como a penetração de um corpo estranho no organismo “que ainda muito depois de sua penetração deve ser considerado um agente presente” (FREUD, 1893/2006, p. 23). A ideia contida nessa passagem justificará uma série de desdobramentos fundamentais que repercutem até o final da teoria freudiana. Sem dúvidas, a descrição do trauma como uma lembrança presente é o que descreve um tipo de efeito contínuo do tempo sobre a histeria, conforme Freud expõe nesse texto uma de suas famosas frases: “*o histérico sofre de reminiscências*” (FREUD, 1893/2006, p. 25, grifo do autor).

Segue-se, logo após a enunciação dessa sentença, como poderia ser abusiva essa caracterização do fenômeno histórico. Ele dirá o seguinte: “Parece espantoso, a princípio, que vivências há muito tempo ocorridas possam agir tão intensamente; que as lembranças não seguem ao desgaste a que vemos sucumbirem todas as nossas lembranças” (FREUD, 1893/2006, p. 25). Ou seja, o que se acentua com um possível tom abusivo é o aspecto da lembrança com acentuado vigor, mantendo sua influência psíquica não deteriorada pela consideração com o passado. Isso conferiria uma temporalidade conflitiva às características da consciência.

A continuação de sua movimentação teórica traria o trauma baseado nessa dimensão de um tempo insistente, remetendo sua intensidade ao efeito quantitativo e qualitativo de reverberação no psiquismo. Ele também teria que obrigar uma localidade particular na psique, uma vez que seus efeitos e sua dinâmica se mostravam divergentes da consciência. Esse *modus operandi* estaria na consideração pela lembrança não sucumbir ao desgaste de uma vivência passada, ao mesmo tempo em que se apresentaria como um “corpo estranho” e um “agente provocador” na consciência. Começava a se delinear a espacialidade e as características do inconsciente, expandindo, inclusive, outras formas de perceber a lembrança e o esquecimento com particularidades temporais diferentes do que se imaginaria na consciência:

Quando me esqueço de fazer uma visita médica, sinto uma viva inquietação. Sei, por experiência, o que significa essa sensação: um esquecimento. Em vão examino minhas lembranças, sem encontrar a causa, até que de repente, em geral horas depois, ela me ocorre à consciência. Mas por todo o tempo estou inquieto. Assim, a ideia dessa visita está sempre ativa e, portanto, sempre existe, mas não na consciência. (FREUD, 1893/2006, p. 315)

Esse trecho está presente em suas considerações teóricas com Breuer, especificamente em um capítulo intitulado “Ideias inconscientes e insuscetíveis de consciência — cisão da psique” (1893). Trazendo para o âmbito da (dita) normalidade ou do cotidiano, Freud afirmará de maneira categórica que “todo nosso modo de vida é permanentemente influenciado por ideias subscientes” (FREUD, 1893/2006, p. 315). Tal pontuação seria um indício à caracterização da insistência do inconsciente, sendo tomado em aspectos temporais com efeitos complexos e interferentes, de forma que o passado teria uma característica ativa, “mas não na consciência” (FREUD, 1893/2006, p. 315). A ideia do psiquismo como um aparelho de memória, pela forma particular de construção, acessibilidade e ingerência da lembrança, expõe a cisão entre consciência e inconsciente. A marca conflitiva da condição de resgate e irrupção da lembrança não condicionada pela forma volitiva que podia se imaginar.

Com o trabalho nos “Estudos sobre a histeria” (1893/2016) percebemos as questões entre representação e afeto ligadas à gênese da neurose histérica, levantando o caminho para hipótese do inconsciente mais claramente vinculada ao traumático. Consumo inédita freudiana que, como podemos ler no texto sobre “A hereditariedade e a etiologia das neuroses” , não se “harmonizam com a teoria psicológica das neuroses sustentada por M. Janet, nem com qualquer outra” (FREUD, 1896a/2006, p. 153).

Todos os eventos subsequentes à puberdade a que se deva atribuir influência no desenvolvimento da neurose histérica e na formação de seus sintomas são, de fato, apenas causas concorrentes — ‘agents provocateurs’, como Charcot costuma dizer, embora, para ele, a hereditariedade nervosa ocupasse o lugar que reivindico para a experiência sexual precoce. (FREUD, 1896a/2006, p.153)

A situação dos sintomas histéricos expunha os indícios conflitivos e trazia a resolução de grupos psíquicos distintos tanto nas teorias de Pierre Janet como nas de Josef Breuer sobre a divisão da consciência (FREUD, 1894a/2006, p.53). Freud segue na linha de Breuer para pensar a histeria de modo não inato e como processo secundário. O autor rompe com a ideia de divisão da consciência, estabelecendo uma problemática para a cisão do psiquismo em consciente e inconsciente. Seu ponto vai de encontro a uma teoria da degenerescência individual ou hereditária, dirigindo-se para responder qual seria essa incompatibilidade representativa.

Na teoria do trauma, lemos que, no rascunho K intitulado “As Neuroses de Defesa: um Conto de Fadas para o Natal”, Freud (1896b/1996) traz como causa da neurose obsessiva a incidência da natureza sexual ocorrendo anterior à maturidade sexual. Mais uma vez, agora se tratando dos obsessivos, ele dispensava a hereditariedade como determinante na escolha das neuroses de defesa.

A ideia obsessiva apresentava-se em conflito nas medidas de conciliação da seguinte forma: correto quanto ao afeto de atuação presente; no entanto, falso devido ao deslocamento à substituição por analogia da categoria investida. Dessa forma, podemos ler que o deslocamento libidinal (afetivo) acompanha uma mudança cronológica de uma representação (destituída de afeto e supostamente não atuante) para outra no presente escolhida por alguma similaridade. Todavia, essa representação é sobrecarrega de afeto e acaba atuando de um modo estranho à consciência.

Nesse caso, Freud (1894a/2006) afirma que:

[...] o ego consegue libertar-se da contradição com a qual é confrontado; em contrapartida, porém, sobrecarrega-se com um símbolo mnêmico que se aloja na consciência como uma espécie de parasita, quer sob a forma de uma inervação motora insolúvel, quer como uma sensação alucinatória constantemente recorrente, que persiste até que ocorra uma conversão na direção oposta. (p. 56-57)

Destacamos a importância do ego (eu) nesse momento à neurose obsessiva, assim como a força insolúvel da ideia compulsiva, mas queremos frisar o trauma como lugar de uma lembrança constantemente recorrente que invade a consciência. Freud descreverá a incidência do inconsciente enquanto lugar da insistência temporal desses agentes provocadores (*agents provocateurs*); do algo que é estranho ao ego (eu), reivindicando a causação das neuroses para o trauma da experiência sexual precoce.

A vigência das condições que invadiam a consciência de modo anômalo era trazida por Freud como ideias inconscientes ou “substratos ideativos” (FREUD, 1893/2016, p. 316) e caracterizava-se pela reincidência de efeitos patogênicos desvinculadas da lógica consciente:

A existência dessas ideias insuscetíveis de consciência é patológica... A atividade psíquica ideativa se decompõe aqui em consciente e inconsciente; as ideias, suscetíveis de consciência e não suscetíveis de consciência. Portanto, não podemos falar de uma cisão da consciência, mas sim de uma *cisão da psique*. (FREUD, 1893/2016, p. 319, grifo do autor)

Trata-se de uma resolução metafórica em colocar a consciência e o inconsciente em lugares, tendo sua operacionalidade real em um tipo de narração mitológica: “quando nos acostumamos a utilizar metaforicamente relações de lugar, como ‘subconsciência’, com o tempo forma-se realmente uma ideia em que a metáfora é esquecida e que manipulamos facilmente como se fosse real. A mitologia está então completa” (FREUD, 1893/2016, p.322). Essas metáforas espaciais servem para mostrar diferentes modos operativos do psiquismo, em que encontramos a dificuldade de acessibilidade da consciência aos conteúdos que lhe causam efeitos: “Devemos reconhecer o fato de que nos histéricos uma parte da atividade psíquica é inacessível à percepção pela autoconsciência da pessoa desperta e, portanto, a psique está cindida” (FREUD, 1893/2016, p. 323).

O que implica dessa condição psíquica é o sentido de questionar essa dificuldade da consciência em sua acessibilidade aos conteúdos patogênicos, podendo ser caracterizados por seus efeitos e seu grau de insistência. Em outras palavras, ao citar a topologia das instâncias haveria uma obrigação teórica de descrever a cisão por meio de uma relação entre elas. Isso nos coloca diante dos primeiros caminhos para os fatores dinâmico e econômico no psiquismo. O desdobramento resulta na observação de certa economia condicionada pelo sentimento de prazer ou desprazer (FREUD, 1893/2016, p. 317).

Levantamos essas questões porque a autora Jô Gondar lembra-nos que se tende “a privilegiar na teoria freudiana o problema do espaço, e não do tempo: o psiquismo é usualmente pensado e descrito em termos espaciais” (GONDAR, 1995, p. 10). Gondar nos indica, a partir de Freud, que essa espacialidade considera os atributos qualitativos na elaboração freudiana, entre 1895 e 1900. O elemento que se destaca “é a própria dimensão temporal, que irá produzir uma enorme transformação no aparelho psíquico” (GONDAR, 1995, p. 14). O próprio Freud nos indica isso em 1900:

A rigor, não há necessidade da hipótese de que os sistemas psíquicos sejam realmente dispostos em uma ordem *espacial*. Bastaria que uma ordem fixa fosse estabelecida pelo fato de, em um determinado processo psíquico, a excitação atravessar os sistemas em uma dada sequência *temporal*. Em outros processos, a sequência talvez seja diferente, e essa é uma possibilidade que deixaremos em aberto. (FREUD, 1900/2006, p.132, grifo do autor)

Se, para Freud (1893/2016, p.322), é necessária uma disposição tópica para a mitologia estar completa, devemos suspeitar que isso acompanhe uma tomada sobre o tempo nos mesmos termos. O autor deixa em aberto a toma da “sequência temporal” nos “processos psíquicos” em uma forma mítica¹, ou seja, abre caminhos para justificar a diferenciação das instâncias pelo tempo de suas novas articulações processuais.

Devemos nos ocupar desses esboços metapsicológicos, uma vez que avançam em direção a dois pontos que articulam a tópica com o tempo. Em primeiro lugar: qual o conteúdo da lembrança ligada ao traumático, enquanto agente provocador de difícil acessibilidade e desencadeador das neuroses? Em segundo lugar, pelos caminhos de certa dinâmica e por consideração econômica em poupar-se de desprazer, ou obter prazer, questionamos: como são geradas e quais as defesas para esse corpo estranho que, mesmo depois de muito tempo, continua a exercer efeitos como se atuassem no presente?

Sobre essas questões, podemos indicar que as reminiscências do traumático, como um corpo estranho vinculado à lembrança inconsciente, remetem a um plano de tempo associativo para o desencadeamento da defesa nas neuroses. Dizemos associativo porque Freud (1893), ainda muito no início de suas considerações, já percebia que a dificuldade de conexão

¹ Lacan descreve o mito como uma narrativa, ou seja, uma ficção de “relação singular com alguma coisa que está sempre implicado por trás dela, e da qual ela porta, realmente, a mensagem fortemente indicada, a saber, a verdade. Aí está uma coisa que não pode ser separada do mito” (LACAN, 1956/1995, p. 258). Dessa forma, ele conjuga com a noção de estrutura: “A necessidade estrutural que é carregada por toda expressão da verdade é justamente uma estrutura que é a mesma da ficção” (LACAN, 1956/1995, p. 259). Com esses indicativos, podemos ver que a construção metapsicológica de Freud estabelece sua questão como mítica, e estrutural, portanto.

dos casos podia ser percebida “apenas por uma relação simbólica, por assim dizer, entre o motivo precipitador e o fenômeno patológico” (FREUD, 1893/2016, p.21).

O trauma como motivo precipitador representava um tempo repellido da consciência, mas em possível reverberação patológica na dinâmica psíquica. Esse movimento interno precisava apoiar-se na qualidade de um evento exterior; logo, a reminiscência traumática era vista clinicamente pela trilha das vias associativas e seus mecanismos defensivos (de resistência). Isso definiria porque o elemento desencadeador do trauma no presente, com ou sem uma gravidade necessária, precisava encontrar seu elo com a lembrança traumática do passado.

Observando que as formas e caminhos defensivos acabam por dizer do próprio conteúdo a ser defendido, a segunda pergunta (como são geradas e quais os caminhos defensivos) precipita-se para obter a resposta da primeira.

Podemos dizer que a tentativa de explicitação dos processos de defesa já pode ser encontrada em Freud desde 1893, nos “Estudos sobre a histeria”, mas a sistematização e a nomeação explícita do conceito de defesa só aparecerão um ano depois, no texto sobre “As neuropsicoses de defesa” (1894a/2006), contrapondo a ideia de “uma grave tara hereditária” ou de “uma atrofia degenerativa individual”. O ensaio freudiano procura expor a problemática das neuroses a partir da “*ocorrência de incompatibilidade em sua vida representativa*” (FREUD, 1894a/2016, p. 55, grifo do autor), e veremos sua relação com um conteúdo traumático.

A tese sobre o trauma psíquico, em meio a uma lembrança da esfera psíquica de difícil acesso pela consciência, reportava-se a uma excitação descarregada de modo inconclusivo e insatisfatório e dispersada por vias impróprias. A problemática do prazer e do desprazer já estava presente desde “O projeto” (1895/1996) e já pode ser encontrada nos “Estudos sobre a histeria”, entre 1893 e 1895, como uma dificuldade intrínseca de as “ideias” inconscientes virem à consciência: “sua capacidade de serem observadas pela consciência, de serem conscientes, é condicionada também pelo sentimento de prazer ou desprazer que despertam, por seu valor afetivo” (FREUD, 1893/2016, p. 317).

O tratamento direcionado ao trauma estaria escalonado em dois âmbitos que precisariam estar cada vez mais em conjunção. Pela característica da lembrança passada exercer força como uma atuação presente, a tarefa de rememoração seria o alvo da cura, mas vinculada à necessidade de o afeto estar atuante nesse processo. Freud nos adverte: “Recordar sem afeto

é quase sempre ineficaz” (FREUD, 1893/2016, p. 23). A continuidade do trabalho nos “Estudos sobre a histeria” se voltaria para a questão de a eficácia do tratamento estar baseada em refazer o caminho traumático tentando promover as ligações afetivas adequadas para sua descarga, ou seja, a “conciliação” (remodelação afetiva) com o passado (lembrança patogênica traumática) arquitetava a direção da cura neurótica. A estratégia² é similar ao arremeter nos voos de avião: procedimento tomado por motivos de alguma falha do piloto ou da aeronave que obriga a reposicionar o transporte aéreo em uma posição inicial, ainda de voo, mas mais adequada ao destino de pouso.

Sobre as vias impróprias ou inadequadas das excitações traumáticas, teríamos as conversões como efeitos da neurose histérica. Porém, ao que diz respeito às obsessões, encontraríamos o que pareceria a tentativa de uma defesa mais eficiente, já que os afetos estariam restritos ao campo psíquico. Podemos ler em “As neuropsicoses de defesa”:

Quando alguém com predisposição (à neurose) carece de aptidão para a conversão, dispõe-se a separá-la de seu afeto, esse afeto fica obrigado a permanecer na esfera psíquica. A representação, agora enfraquecida, persiste ainda na consciência, separada de qualquer associação. *Mas seu afeto, tornado livre, liga-se a outras representações que não são incompatíveis em si mesmas, e graças a essa “falsa ligação”, tais representações se transformam em representações obsessivas.* (FREUD, 1894a/2006, p.58-59, grifo do autor)

Aprendemos aqui a importância da referência inicial que fizemos à histeria. É nesse trabalho que Freud classifica a neurose obsessiva como “uma segunda forma de histeria” (FREUD, 1894a/2006, p. 54) e, em seguida, menciona que vai chamá-la “histeria de defesa” (FREUD, 1894a/2006, p. 55). Esse indício permite falarmos dos modos particulares das defesas no obsessivo.

Com a citação freudiana podemos ler como a energia afetiva fica retida na esfera psíquica, ao passo que a tentativa da resolução seria o deslocamento dos afetos por diferentes representações. A incompatibilidade da representação primeira, traumática, portanto, seria enfraquecida.

² Escolhemos e citamos a ideia de “estratégia” ao longo do texto como referência a Luiz Renato Gazzola em “Estratégias na neurose obsessiva”: “Estratégia, podemos ler nos dicionários, é a arte de fazer evoluir um exército em um teatro de operações até o momento em que ele entra em contato com o inimigo. É a parte da ciência militar que diz respeito à condução geral da guerra e à organização da defesa de um país – operações de grande envergadura, elaboração de planos. É o conjunto de ações coordenadas, de manobras com vistas a uma vitória. Trata-se efetivamente de um combate. Um combate no qual, ao contrário do que é proposto pela corrente que criticamos, o que está em primeiro plano não é uma visão adaptativa daquilo que faz desordem, uma certa estratégia. É, de fato, no conceito de estratégia obsessiva que se trata de captar a posição subjetiva que está em jogo nessa neurose” (GAZZOLA, 2005, p.12-13).

O avanço da teoria freudiana na escrita sobre “As neuropsicoses de defesa” é o passo no qual Freud começa a circunscrever o que seria esse “conteúdo” incompatível da vida psíquica e permite que cheguemos à resposta de nossa primeira questão: “Em todos os casos que analisei, era a *vida sexual* do sujeito que havia despertado um afeto aflitivo, precisamente da mesma natureza do ligado à sua obsessão” (FREUD, 1894a/2006, p. 59, grifo do autor).

Lembramos que é na persistência dessa representação na consciência, embora enfraquecida, onde Freud localiza seu conteúdo sexual. Como havíamos indicado anteriormente, os caminhos ou modos defensivos delimitavam o próprio conteúdo de contra o que se defendia, ou seja, delimitavam o agente provocador do traumático.

2.1.2 O “eu” e os mecanismos de defesa na neurose obsessiva

No caminho seguido por Freud, o trauma começa a se apresentar enquanto marca da libido. Outro ponto interessante sobre o trabalho das neuropsicoses é a utilização de Freud do termo “eu”³, que ainda não era delimitado como instância, mas permanece por todo o texto como aquilo que seria o gerador das tentativas defensivas.

[...] *houve uma ocorrência de incompatibilidade em sua vida representativa* — isto é, até que seu eu se confrontou com uma experiência, uma representação ou um sentimento que suscitaram um afeto tão aflitivo que o sujeito decidiu esquecê-lo, pois não confiava em sua capacidade de resolver a contradição entre representação incompatível e seu eu por meio da atividade do pensamento. (FREUD, 1894a/2006, p.55, grifo do autor)

Parece-nos muito relevante que essas teorizações indicando a neurose obsessiva já apontem o termo “eu” desde o início. O que poderia ter um sentido obscuro em sua terminologia parece nos direcionar, na verdade, para os desdobramentos futuros da relação entre a neurose obsessiva e a formação do “eu”.

Consideramos ser necessário perceber esse momento como um vislumbre do “eu” enquanto instância psíquica e, do ponto de vista tópico, sua relação com a libido (“marca da libido”) parece já sugerir importantes formulações sobre o tempo. Em uma consideração mais panorâmica da teoria freudiana, não consideramos que a conjunção do termo “eu” com as questões da neurose obsessiva seja desproposital ou mero recurso de clareza textual. Apreendemos, nesse momento, antecedentes das formulações que irão levar Freud a situar o “eu” como instância central para pensar modos de tratamento do tempo na neurose obsessiva.

³ Optamos, nesse momento, pela escrita do “eu” com minúscula e aspas para acentuar que ainda não recebeu de Freud seu estatuto de instância psíquica.

Podemos notar que, em outra passagem sobre “As neuropsicoses de defesa”, Freud deixa explícito que é o “eu” que se defende e apresenta a forma como o faz:

[...] a tarefa que o eu se impõe, em sua atitude defensiva, de tratar a representação incompatível como ‘non-arrivé’, simplesmente não pode ser realizada por ele... o eu *transforma essa representação poderosa em uma representação fraca* retirando-lhe o afeto — a soma de excitação — do qual está carregada. (FREUD, 1894a/2006, p.56, grifo do autor)

O primeiro empenho defensivo do “eu” para promover o “*non-arrivé*” (não acontecido) é fracassado, promovendo um deslocamento do investimento de uma representação forte, intolerável e que se obteve (marca psíquica do “acontecido”, possível alusão ao sexual traumático) para outra de menor valor e mais suportável. Podemos perceber como aqui também está descrito, simultaneamente à tarefa do eu, o mecanismo da formação dos sintomas na neurose obsessiva.

O esforço defensivo do “eu”, contra a persistência sexual representada na consciência, ficaria descrita por uma tarefa na qual podemos depreender certa uma relação com o tempo: “uma defesa perpétua vai erigindo contra representações sexuais que reemergem continuamente — ou seja, um trabalho que ainda não chegou a sua conclusão” (FREUD, 1894a/2006, p.60). Assim como o traumático faria recair sobre “um tempo passado” uma característica ativa de insistência, o “eu” marcaria sua defesa por uma reversibilidade dessa insistência, configurando-se, desse modo, “uma luta perpétua”.

Interessa-nos acentuar com isso que, assim como as histéricas sofrendo de reminiscências, os obsessivos também padeceriam do traumático, mas sob uma ligação com a lembrança que descreve um tipo de efeito contínuo do tempo, tomando o passado e o presente em uma conjunção. Isso apontaria para um efeito perturbador, ao mesmo tempo em que indicaria as vias possíveis de estabelecimento da “cura”.

2.2 Trauma, defesa e tempo nos modelos etiológicos de 1893 a 1896

2.2.1 Mais precisão sobre a lógica temporal do trauma e da defesa no desencadeamento neurótico

Nos primeiros momentos da teorização freudiana a defesa aparece como um mecanismo mais vinculado a evitar o desprazer, repelindo da consciência algum conteúdo de tensão psíquica. Freud (1894) destaca no texto sobre “As neuropsicoses de defesa” como esse mecanismo poderia estar vinculado à transposição do afeto no lugar da conversão histórica.

Nesse texto ele já acentua como as questões defensivas estariam ligadas à sexualidade, mas será em 1896, no trabalho sobre “A hereditariedade e a etiologia das neuroses”, que será taxativo quanto ao agente traumático ser de origem sexual:

Com base em um árduo exame dos fatos, afirmo que esta última suposição concorda perfeitamente com a realidade, que cada uma das grandes neuroses que enumerei tem como causa imediata uma perturbação específica da economia do sistema nervosa, e que essas modificações patológicas funcionais *têm como fonte comum a vida sexual do sujeito, quer residam em um distúrbio de sua vida contemporânea, quer em fatos importantes de sua vida passada.* (FREUD, 1896c/2006, p.148, grifo do autor)

De maneira precisa encontramos a consideração da importância do passado nos distúrbios da vida contemporânea dos sujeitos — distúrbios marcados pelo sexual. Nesse mesmo ensaio foi citada pela primeira vez em publicação a palavra “psicanálise”, circunscrevendo um método insubstituível “para lançar luz sobre os obscuros caminhos da ideia inconsciente” (FREUD, 1896c/2006, p.150, grifo do autor).

O método psicanalítico, como procedimento próprio de investigação da origem dos sintomas, já apontava que o vínculo entre o passado e o presente estaria ligado a um núcleo de ordem sexual. Os componentes desses mecanismos, como a defesa relegando ao esquecimento os acontecimentos, sustentavam tanto a diferença dos tempos em questão como um tipo de mescla entre eles. Destacamos que a proposição da precocidade de uma experiência sexual é central nesse momento, assim como a atividade e passividade como reações a esse núcleo (sexual) como ponto de distinção entre neurose histérica e obsessiva.

O trauma psíquico, tal como é proposto na obra “Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos” (1893), seria esclarecido no texto sobre “A hereditariedade e a etiologia das neuroses” (1896a) como uma lembrança inconsciente da precocidade sexual vivida. Cabe frisar que esse aspecto temporal definido como precoce implicaria a própria incidência da sexualidade marcando e estabelecendo o passado de forma traumática. Além disso, há nesse momento uma conotação fatídica dessa experiência com a insígnia de um atentado sexual. Essa condição do agente desencadeador das neuroses tinha como seu sustentáculo as excitações nos órgãos genitais, levando à excitação psíquica.

Esse agente é, de fato, uma lembrança relacionada à vida sexual, mas que apresenta duas características de máxima importância. O evento do qual o sujeito reteve uma lembrança inconsciente é *uma experiência precoce de relações sexuais com excitação real dos órgãos genitais, resultante de abuso sexual cometido por outra pessoa; e o período da vida em que ocorre esse evento fatal é a infância* — até a idade de 8 ou 10 anos, antes que a criança tenha atingido a maturidade sexual. (FREUD, 1896a/2006, p.151, grifo do autor)

Os textos sobre “As neuropsicoses de defesa” (1894a) e as “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa” (1896c) são complementares à discussão sobre a sexualidade em “A hereditariedade e a etiologia das neuroses” (1896a). No primeiro encontra-se publicado pela primeira vez o termo “defesa” em sua relação com a vida sexual: “é fácil verificar que é precisamente a vida sexual que traz em si as mais numerosas oportunidades para o surgimento de representações incompatíveis” (FREUD, 1894a/2006, p. 59). Ainda no texto sobre “A etiologia da histeria” (1896c) encontramos de maneira mais conclusiva a solução freudiana para a investigação dos sintomas neuróticos: “qualquer que seja o caso e qualquer que seja o sintoma que tomemos como ponto de partida, *no fim chegamos infalivelmente ao campo da experiência sexual*” (FREUD, 1896c/2006, p. 196, grifo do autor).

De maneira conclusiva, em “A hereditariedade e a etiologia das neuroses” (1896a), Freud pontuará a insuficiência da hereditariedade nervosa para explicação das neuroses, situando a etiologia finalmente ao campo do sexual: “Creio que mesmo a decisão quanto ao desenvolvimento de uma ou duas neuroses, histeria ou obsessões, em determinado caso, não provém da hereditariedade, mas de uma característica especial do evento sexual na tenra infância” (FREUD, 1896a/2006, p. 155).

A discussão em torno da etiologia das neuroses esboça uma teoria da sedução na qual o atentado sexual é tratado como fato consumado. Freud o diz diretamente no texto sobre a hereditariedade e a etiologia das neuroses: “O evento do qual o sujeito reteve uma lembrança inconsciente é *uma experiência precoce de relações sexuais com excitação real dos órgãos genitais, resultante de abuso sexual cometido por outra pessoa*” (FREUD, 1896a/2006, p.151, grifo do autor).

Um ano após essas colocações, em uma longa correspondência privada com seu amigo e confidente Wilhelm Fliess, ocorre uma fundamental correção ante a conjectura do caráter fatídico da sexualidade infantil. Na intitulada Carta 69 (1897/1996), Freud afirma não mais acreditar em sua neurótica e, dentre alguns os motivos elencados para justificar sua posição teórica, ele cita:

A descoberta comprovada de que, no inconsciente, não há indicações da realidade, de modo que não se consegue distinguir entre a verdade e a ficção que é catexizada com o afeto. Em quarto lugar, a reflexão de que, na psicose mais profunda, a lembrança inconsciente não vem à tona, não sendo, pois, revelado o segredo das experiências da infância nem mesmo no delírio mais confuso. Se, dessa forma, verificamos que o inconsciente nunca supera a resistência do consciente, então também abandonamos nossa expectativa de que o inverso aconteça no tratamento, a ponto de o inconsciente ser totalmente domado pelo consciente. (FREUD, 1897/1996, p.310)

As questões não poderiam aqui ser reduzidas a questões de foro íntimo, e em uma nota de rodapé acrescentada em 1924 nas “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa” (1896b), Freud reafirma o direcionamento do fato real da teoria da sedução para a consideração da fantasia:

Esta seção é dominada por um erro que desde então tenho repetidamente reconhecido e corrigido. Naquela época, eu ainda não sabia distinguir entre as fantasias de meus pacientes sobre sua infância e suas recordações reais. Em consequência disso, atribuí ao fator etiológico da sedução uma importância e universalidade que ele não possui. Depois que esse erro foi superado, tornou-se possível alcançar um discernimento das manifestações espontâneas da sexualidade das crianças que escrevi em meus Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. (FREUD, 1896c/2006, p. 168)

O que depuramos pelos indicativos da fantasia é a energia sexual como fonte motriz do inconsciente, justificando a dimensão traumática da sexualidade tanto como origem das formações neuróticas como da própria dinâmica do inconsciente. Mas, desta vez, a realidade material estaria comprometida por uma irreparável perda: “no inconsciente, não há indicações da realidade, de modo que não se consegue distinguir entre a verdade e a ficção” (FREUD, 1897/1996, p.310). A força psíquica, marcada pela tentativa de resolução do trauma sexual, seria o motivo mesmo da contaminação de seu investimento na realidade. O resgate da realidade estaria perdido logo de saída pelos recursos dispostos em sua captura, assim, a teoria da sexualidade infantil resolveria o enigma das fantasias neuróticas e o desenvolvimento de seus sintomas.

Apesar de creditar certa dependência de “circunstâncias *cronológicas* no desenvolvimento da libido” (FREUD, 1896b/2006, p.169, grifo do autor) para a emergência da histeria ou da neurose obsessiva, as formulações sobre a etiologia do trauma já apresentavam um tratamento particular do tempo. Devemos situar que o germe teórico do conceito de fantasia já estava situado, à época, por essa dinâmica, trazendo em sua complexidade uma configuração estranha ao caráter fatídico do trauma. Encontramos aqui um tipo de conjugação necessária entre o trauma (situado no passado) e a lembrança do mesmo (situada, portanto, no presente). O evento sexual sentido como precoce, anterior à puberdade, seria responsável pela predisposição neurótica de tomar o trauma como uma ação vivida no presente. A ideia seria a de um “efeito persistente de uma lembrança infantil” (FREUD, 1896b/2006, p. 168).

O acontecimento presente é o que configuraria, por meio de uma lembrança, o passado sexual como traumático. Essa interligação assinalava uma estranha relação de causa e efeito, uma vez que atribuía um papel fundamental aos acontecimentos futuros: a posterioridade do efeito é que daria condições à causa.

Sustentamos, portanto, que as experiências sexuais infantis constituem a precondição fundamental da histeria, que são, por assim dizer, a predisposição para esta, e que são elas que criam os sintomas histéricos — mas não o fazem de imediato, permanecendo inicialmente sem efeitos e só exercendo uma ação patogênica depois, ao serem despertadas, após a puberdade, sob forma de lembranças inconscientes. (FREUD, 1896c/2006, p. 207)

Podemos ler ainda nos textos das observações adicionais que “não são as experiências em si que agem de modo traumático, mas antes sua revivência como *lembrança* depois que o sujeito ingressa na maturidade” (FREUD, 1896c/2006, p. 165, grifo do autor). O caráter da predisposição ganha cada vez mais ênfase na exigência de considerar o vínculo associativo entre o passado e o presente: “O ‘recalcamento’ da lembrança de uma experiência sexual aflitiva, que ocorre em idade mais madura, só é possível para aqueles em quem essa experiência consegue ativar o traço mnêmico de um trauma da infância” (FREUD, 1896c/2006, p. 167). Essa lógica temporal estará presente em vários momentos da obra freudiana, marcada pelo significante “*Nachträglichkeit*”⁴.

Presente já em textos de 1895, a noção de *Nachträglichkeit* significa o movimento pelo qual a memória da sedução, que não adquiria valor traumático na hora do acontecimento, se tornava traumática após a puberdade. Portanto, a sedução infantil não teria efeitos imediatos. Só depois, com o advento da sexualidade na puberdade, iria adquirir um sentido sexual e traumático, precipitando a defesa ou recalque. Mas, para que isso ocorresse, seria preciso um fato atual que, estabelecendo relações associativas com a cena inicial, deslanchasse a libido (energia de ordem sexual). (REUDGE, 2009, p. 20, grifo do autor)

Nas considerações sobre o trauma e a defesa, Freud estabelece um complexo tratamento do tempo presente na lógica do “só depois” (“*Nachträglichkeit*”). Podemos ordenar, daí, a seguinte proposição: “só depois” de uma ligação presente remeter-se a uma lembrança traumática, ou seja, sexual, é que haveria em si a incidência do trauma.

As considerações sobre o tempo expressas em termos como “traumas infantis”, “precocidade”, “imaturidade” e “predisposição” fazem referências a um tipo de passado que só o é, enquanto tal, após uma configuração no presente acioná-lo. Em outras palavras, o trauma passado é inócuo, inicialmente sem efeitos e só exercendo uma ação patogênica depois (FREUD, 1896c, 2006, p. 2017)), e tendo que se submeter a uma operação do presente para configurá-lo enquanto tal. O acionamento traumático atualizaria o próprio passado, fazendo do momento presente um tipo de futuro posterior na apreensão da etiologia: “[...] não pode haver

4 No “Dicionário de Psicanálise” de Elisabeth Roudinesco e Michel Plon também podemos ler: “Palavra introduzida por Sigmund Freud, em 1896, para designar um processo de reorganização ou reinscrição pelo qual os acontecimentos traumáticos adquirem significação para o sujeito apenas em um a posteriori, isto é, em um contexto histórico e subjetivo posterior, que lhes confere uma nova significação. No Brasil também se usa ‘só-depois’” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.32).

uma coincidência entre discurso histórico e passado, de vez que as ideias, os desejos, e os interesses do presente sempre influenciam a reconstrução do passado” (RUDGE, 2009, p. 21).

As referências aos acontecimentos passados emergiriam por uma situação presente ao mesmo tempo em que (re)formulariam o próprio estatuto do passado. O modo de configuração de tal situação (dita) presente seria psiquicamente derivada (percebida clinicamente pelas associações posteriores) da lembrança passada: “quando há uma causa precipitante atual, entram em ação as antigas experiências sob a forma de *lembranças inconsciente*” (FREUD, 1896c/2006, p. 213, grifo do autor).

O passado seria evocado pelo presente confundindo-se com o mesmo e isso demarcaria como a definição mesma de neurose, nesse momento teórico, implica um modo de tratamento particular do tempo. O presente não seria o que aparece no instante, mas um tempo de profundas camadas, com tensões, contradições e conflitos. O que emerge na superfície de um instante traumático é a assunção, pela lembrança inconsciente, de um núcleo “latente” que não é aquilo que desaparece, mas aquilo que, pelo fracasso de uma descarga total (Freud fala de descarga por vias impróprias), continua ressoando.

A localidade, espacialidade ou tópica determinada por Freud pela cisão entre consciência e inconsciente, havia sido definida por certa dificuldade de acesso aos conteúdos do segundo pela primeira, reportando ao conteúdo sexual traumático. Assim, os processos que definem a formações das instâncias implicariam modos de lidar com o tempo e, portanto, com o trauma. É dessa forma que o irrompimento da lembrança traumática desvelaria uma experiência com o tempo descontrolada e anômala (se levarmos em conta apenas a consciência), manifestando sua presença e existência nas formações sintomáticas. Voltar-nos-emos agora, de modo mais específico, para os mecanismos de defesa na neurose obsessiva e suas relações com o tempo.

2.2.2 O tempo da experiência sexual precoce comum às neuroses

Tomávamos os mecanismos do trauma e da defesa observando aí o tratamento conferido ao tempo. Na sequência dos textos freudianos, podemos ler em “A sexualidade na etiologia das neuroses” (1898/2006) como o velamento operado sobre a sexualidade corresponde a um valor civilizatório. Toda uma força é empenhada para não reconhecer o núcleo sexual vigente na tenra infância que, entretanto, o próprio armazenamento das pulsões

sexuais encontraria posteriores fins de servir à cultura. Freud nos diz, então, sobre a importância de notarmos “seu efeito *retardado*” (FREUD, 1898/2006, p. 266, grifo do autor).

Esse efeito retardado se origina — como não poderia deixar de ser — nos traços psíquicos deixados pelas experiências sexuais infantis. Durante o intervalo entre as experiências dessas impressões e sua reprodução (ou melhor, o reforço dos impulsos libidinais delas provenientes), tanto o aparelho sexual somático como o aparelho psíquico sofrem um importante desenvolvimento; e é assim que a influência dessas experiências sexuais primitivas leva então a uma reação psíquica anormal e à existência de estruturas psicopatológicas. (FREUD, 1898/2006, p. 266)

Como “as manifestações das psiconeuroses provêm da ação retardada de traços psíquicos inconscientes” (FREUD, 1898/2006, p. 266), Freud dirá que seu método psicanalítico é a forma de tratamento mais exitosa. Seguindo suas formulações, tentaremos articular o conteúdo sexual e os desdobramentos do tempo de latência da libido. Para tanto, escolhemos delimitar formulações mais precisas sobre os aspectos temporais presentes na definição da neurose obsessiva. Citamos a relação entre o esforço do velamento sexual e o correspondente valor civilizatório porque permitem apreender aspectos fundamentais das estratégias defensivas próprias da neurose obsessiva.

Em “A hereditariedade e a etiologia das neuroses”, Freud pontua que seu trabalho marca uma inovação nosográfica (utilizamos esse termo devido à proximidade, à época, da Psiquiatria e da Psicopatologia) retirando a neurose obsessiva do que, até então, era considerada uma manifestação da fobia pertencendo ao quadro das psicoses (RIBEIRO, 2003, p.14). O pai da psicanálise a indicava ao lado da histeria “como distúrbio autossuficiente e independente” (FREUD, 1896a/2006, p. 146).

Considerando que “as experiências sexuais da primeira infância têm na etiologia da neurose obsessiva a mesma importância que na histeria” (FREUD, 1896c/2006, p. 168), o trabalho sobre “A hereditariedade e etiologia das neuroses” (1896a) já acusava a causa, tanto para a histeria quanto para o(a) obsessivo(a), da experiência sexual precoce como fator desencadeador da “doença”, tal como podemos destacar:

A neurose obsessiva emerge de uma causa específica muito semelhante à da histérica. Também aqui encontramos um evento sexual precoce, ocorrendo antes da puberdade, cuja lembrança torna-se ativa durante ou depois desse período. (FREUD, 1896a/2006, p. 153)

O inconsciente se mostraria nos efeitos precoces da experiência sexual. A precocidade seria um aspecto temporal comum há ambas as neuroses, mas Freud já supunha que nas temporalidades divergentes entre histeria e neurose obsessiva estariam abrigadas suas

marcas diferenciais. Essa problemática marcaria a tentativa de isolar uma marca distintiva, separando um tipo clínico do outro. Se a defesa estava definida na forma psíquica de responder ao conteúdo sexual do traumático no desencadeamento das neuroses, seria necessário explicitar os mecanismos diferenciais entre histeria e neurose obsessiva para especificá-las.

Os modos de comparecimento do tempo nas formulações sobre o trauma, o que pode ser encontrado nos termos da atividade e da passividade, é o que inscreve um tempo de resposta no (dito) desenvolvimento da libido. Entendamos esse desenvolvimento como um movimento de organização libidinal, uma vez que a criança estaria sobre o arbítrio das pulsões descontroladas a se satisfazerem de modo perverso- polimorfo (FREUD, 1905/2006). No texto sobre a hereditariedade e a etiologia, encontramos o sujeito obsessivo sendo caracterizado por responder com uma posição ativa e prazerosa à experiência sexual precoce, enquanto a histérica responderia com uma posição passiva:

Há apenas uma diferença que parece capital. Na base da etiologia da histeria encontramos um evento de sexualidade passiva, uma experiência à qual alguém se submeteu com indiferença ou com um pequeno grau de aborrecimento ou medo. Na neurose obsessiva, trata-se, por outro lado, de um evento que proporcionou prazer, de um ato de agressão inspirado no desejo (no caso de um menino) ou de um ato de participação nas relações acompanhada de gozo (no caso da menina). As representações obsessivas, quando seu significado íntimo e reconhecido pela análise, quando se reduzem, por assim dizer, a sua expressão mais simples, nada passam de *recriminações dirigidas pelo sujeito a si mesmo por causa desse gozo sexual antecipado*, mas recriminações distorcidas por um trabalho psíquico inconsciente de transformação e substituição. (FREUD, 1896a/2006, p. 154, grifo do autor)

O parágrafo é extenso e rico de esclarecimentos. Retomando as palavras de Freud, a neurose obsessiva implicaria um ato de agressão inspirado no desejo ou um ato de participação nas relações acompanhada de gozo, e as representações obsessivas poderiam ser reduzidas, em sua significação, a *recriminações dirigidas pelo sujeito a si mesmo por causa desse gozo sexual antecipado*, mas recriminações distorcidas por um trabalho psíquico inconsciente de transformação e substituição. Prazer e recriminação se articulariam nas representações obsessivas que são “*invariavelmente, autoacusações transformadas que reemergiram do recalcamto e que sempre se relacionam com algum ato sexual praticado com prazer na infância*” (FREUD, 1896c/2006, p. 169).

O que desponta certa curiosidade é sobre a causalidade marcada pela antecipação do gozo sexual. Afinal, já não veríamos insistentemente situada a precocidade da experiência sexual como fator comum a ambas as neuroses? Percebendo que “só se consegue despertar o vestígio psíquico de um evento sexual precoce sob a mais vigorosa pressão da técnica analítica e vencendo uma enorme resistência” (FREUD, 1896a/2006, p. 152), o autor dirá em sequência:

“a neurose obsessiva emerge de uma causa específica muito semelhante à da histérica. Também aqui encontramos um evento sexual precoce” (FREUD, 1896a/2006, p. 153). É aí que Freud nos diz claramente como a precocidade está colocada para as duas neuroses. Por que a neurose obsessiva traria uma acentuação para o sexual antecipado? Não haveria uma relação de proximidade entre precocidade e antecipação?

Dando sequência para se pensar a diferenciação dessas neuroses, sabemos que a conjectura conceitual que se mostrou delimitativa por algum período a partir da proposição de que “o elemento ativo na vida sexual como causa das obsessões, e da passividade sexual na patogênese das histerias” (FREUD, 1896a/2006, p.154), avança na direção da formulação de que a posição passiva só poderia ter essa descrição se a considerarmos como “incompleta”. O próprio termo defesa já exigiria a consideração de uma posição subjetiva mínima, não podendo corresponder a um estado de resposta ao sexual de maneira inteiramente subjugada. Podemos ver essa colocação ganhando contornos em 1913, no texto denominado “A predisposição à neurose obsessiva” (1913/2015):

[...] as tentativas que eu fizera antes para descobrir essas duas predisposições — por exemplo, de que a histeria podia ser determinada pela passividade, e a neurose obsessiva pela atividade, na vivência infantil — logo tiveram de ser rejeitadas como falhas. (FREUD, 1913/2015, p. 327)

O trabalho sobre a predisposição manterá a marca do obsessivo em sua ligação com o caráter anal: “os instintos⁵ parciais que dominam essa organização *pré-genital* da vida sexual são os erótico-anais e os sádicos” (FREUD, 1913/2015, p. 330). Essa posição situa como “a corrente passiva é alimentada pelo erotismo anal” (FREUD, 1913/ 2015, p.332) e mescla as características de atividade e passividade nessa neurose. Alguma delimitação mais precisa deveria se destacar no contexto das neuroses.

Em um passe mais delimitativo do que havia em 1896, a neurose obsessiva emergindo da causa semelhante à da histérica (“também aqui encontramos um evento sexual precoce”), percebemos que no ano de 1909 Freud acentua a precocidade de forma mais destacada para os obsessivos:

Ao contrário da histeria, nela (a neurose obsessiva) sempre se acha a característica da atividade sexual prematura. A neurose obsessiva leva a perceber, muito mais claramente que a histeria, que os fatores constitutivos devem ser buscados na vida sexual infantil, não na atual. (FREUD, 1909/2014, p.25)

5 Ao longo de todas as citações do texto, onde houver as palavras “instinto” ou “instintos”, lê-se “pulsão” ou “pulsões”.

Freud estabelece de forma cada vez mais acentuada que, apesar da precocidade sexual comparecer em ambas as neuroses, o obsessivo deixa perceber mais claramente a ligação com a vida sexual infantil. Nossa hipótese para que Freud apreenda e apresente essa impressão clínica são as considerações que confere às elaborações sobre o “eu” nessa neurose. Observamos que, em um dado momento, no texto sobre “Obsessões e fobias”, Freud já havia acentuado que o motivo das substituições “pode ser considerado como um ato de defesa do ego contra a representação incompatível” (FREUD, 1894b/2006, p. 84). Encontramos duas consequências desses mecanismos definidos por transformações ou substituições operadas a partir do “eu” e implicados no problema da diferença entre histeria e obsessão. A primeira corresponde à dimensão da *atividade* na neurose obsessiva: o “eu” *transforma essa representação poderosa em uma representação fraca* retirando-lhe o afeto — a soma de excitação — do qual está carregada (FREUD, 1894a/2006, p.56, grifo do autor). Na segunda, destaca-se que, diferente da histeria, as obsessões parecem exigir do “eu” um maior esforço em sua condição da transposição de afetos. Nas palavras do autor:

[...] o eu leva muito menos vantagem escolhendo *a transposição do afeto como método de defesa do que escolhendo a conversão* histérica da excitação psíquica em inervação somática. O afeto de que o eu sofre permanece como antes, inalterado e não diminuído, com a única diferença de que a representação incompatível é abafada e isolada da memória. (FREUD, 1894a/2006, p.61, grifo do autor)

Em ambos os parágrafos percebemos uma consideração especial ao “eu” quando se trata dos casos de neurose obsessiva. O evento sexual precoce comum às neuroses e a antecipação do gozo sexual do obsessivo parecem apontar alguma proximidade e distanciamento entre histeria e obsessão, ou seja, marcam características comuns, mas resguardam certas especificidades.

Tendo em vista esta acentuação da referência ao “eu”, encontramos em textos freudianos posteriores (datam de 1909, 1913 e 1926) uma condição diferencial da formação do “eu”, relativo à precocidade, na neurose obsessiva. A relação entre a sexualidade precoce mais acentuada e o desenvolvimento do “eu” implicam um modo de tratamento do tempo específico da neurose obsessiva. É o que podemos encontrar de maneira explícita no trabalho sobre “A predisposição à neurose obsessiva”: “uma aceleração temporal do desenvolvimento do eu ante o desenvolvimento libidinal” (FREUD, 1913/2015, p.335).

Mas, antes de adentrarmos especificamente nesse assunto, outros mecanismos relativos à defesa e ao trauma apontavam considerações/aspectos temporais delimitativos da

neurose obsessiva. Apresentaremos alguns destes mecanismos antes de articulá-los de modo mais preciso às formulações em torno do “eu”.

2.3 O “eu” e o tempo na neurose obsessiva

Como já mencionado, no estabelecimento dos modos de defesa próprios da neurose obsessiva, ao contrário da histeria, não se trata aqui “de *passividade* sexual, mas de atos de agressão praticados com prazer e de participação prazerosa em atos sexuais — ou seja, trata-se de *atividade* sexual.” (FREUD, 1896c/2006, p. 168). Encontramos essa especificação nas primeiras canetadas do segundo capítulo de “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa” (1896c/2006).

Freud refere-se às circunstâncias cronológicas do desenvolvimento libidinal, sublinhando, mesmo antes de se referir diretamente ao “eu”, precedência e precocidade sexual à obsessão. Antes de a sedução se estabelecer, uma atividade agressiva teria emergido em relação com o ato *sexual* praticado com prazer na infância (FREUD, 1896c/2006, p. 169).

[...] em todos os casos de neurose obsessiva, descobri um *substrato de sintomas histéricos* que puderam ser atribuídos a uma cena de passividade sexual que precedeu a ação prazerosa. Suspeito de que essa coincidência não seja fortuita, e de que a agressividade sexual precoce implique sempre uma experiência prévia de ser seduzido... tenho apenas a impressão de que o fator decisivo quanto à emergência de histeria ou neurose obsessiva a partir de traumas na infância depende de circunstâncias *cronológicas* no desenvolvimento da libido. (FREUD, 1896c/2006, p. 168-169, grifo do autor)

Encontramos aqui a consideração por uma experiência prévia de sedução e uma agressividade sexual precoce. Temos que acentuar primeiramente como Freud, outra vez, lê que “só depois” da incidência traumática do sexual ele poderia concluir o estado anterior. No caso das obsessões, haveria esse atributo de precocidade agressiva antes da experiência de sedução, e essa indicação se encontraria associada a uma sensação de prazer masturbatório repreensivo, ou seja, uma atividade auto-prazerosa advindo da própria agressividade.

A agressão sentida com prazer seria o correspondente prévio ao ato da experiência de ser seduzido, sofrendo recalçamento e podendo admitir caminhos variados. Mas a agressividade teria uma incidência particular nesta neurose, uma vez que ela deriva dessa anterioridade (precocidade) em relação à própria experiência de sedução, implicando um ato prazeroso produzido pelo próprio sujeito. É nesse sentido que, posteriormente, aparece a autoacusação, índice da culpabilidade, “ligada à lembrança dessas ações prazerosas” (FREUD, 1896c/2006, p. 169).

Apesar de Freud referir-se a uma cronologia — ao tratar do desenvolvimento da libido na predisposição das neuroses — a atividade precoce marca a apreensão do tempo a partir da constituição mesma da defesa e do “eu” — esses aspectos constitutivos passam, também, a delimitar ainda mais a arquitetura da neurose obsessiva. Essa apreensão de um modo de operar com o tempo na neurose obsessiva encontra-se, então, relacionada ao próprio tempo e sua incidência na constituição dessa neurose, expressos na proposição de uma “experiência prévia de ser seduzido” (FREUD, 1896c/2006, p.169). Daí também se depreende a suposição lógica (e mítica) da atividade precoce em sua relação com os mecanismos da autoacusação.

Ora, para haver autoacusação é necessário haver um “eu” e, nesse sentido, começamos a perceber o direcionamento freudiano para a precocidade do desenvolvimento dessa instância. Esse mecanismo julgador aponta para uma sofisticada forma defensiva na neurose obsessiva e, à época, a defesa coincidia com uma única modalidade, o recalque, e a consideração por esse processo se apresenta nas considerações sobre a autoacusação.

Para Freud (1896), o recalque e a substituição comporiam um segundo momento na constituição da neurose. Elementos como a “conscienciosidade, a vergonha e a autodesconfiança são sintomas dessa espécie, que dão início ao terceiro período — período de aparente saúde, mas, na realidade, de defesa bem-sucedida” (FREUD, 1896c/2006, p. 169).

Os desdobramentos dessas considerações teóricas encaminham-se para o argumento sobre a falha do processo de defesa e o “despertar” da “doença” obsessiva como “*formação de compromisso* entre as representações recalçadas e as recaladoras” (FREUD, 1896c/2006, p. 170, grifo do autor). A falha do recalque é indicada por um *retorno das lembranças recalçadas* (FREUD, 1896c/2006, p. 169). O que nos chama atenção, e condiz com nosso estudo dos aspectos temporais, é a forma como Freud dimensiona o tempo ao abordar o desencadeamento da doença: “Em primeiro lugar, alguma coisa contemporânea toma lugar de algo do passado e, em segundo lugar, alguma coisa sexual é substituída por algo não sexual que lhe é dado análogo” (FREUD, 1896c/2006, p. 170).

Ao definir que algo contemporâneo, na situação presente, toma lugar de alguma coisa do passado, acompanhamos uma complexa articulação entre o tempo e o trauma. Dessa forma, o estatuto da memória circunscreve-se por uma “permanência” que pode eclodir por um acionamento contemporâneo.

2.3.1 A defesa sendo o próprio Eu

Em primeiro lugar, temos que a memória carregaria um caráter de indestrutibilidade (que é um termo mais adequado, de nosso ponto de vista, do que permanência) considerando seu surgimento na situação presente como uma substituição que produziria um corpo estranho na consciência, ou seja, irreconhecível pela mesma. Essa ocorrência conduziria ao plano da formação de compromisso sobre o pensamento (representação) intolerável e os que já operavam na consciência:

Aquele que passou pela lembrança recalçada revela-se tão corretamente lógico em sua estrutura quanto o outro, embora seja incapaz de se tornar consciente e não seja passível de retificação. Quando os produtos dessas duas operações psíquicas não se coadunam, o que ocorre não é uma espécie de ajustamento lógico da contradição entre elas; em vez disso, paralelamente ao resultado intelectual *normal*, introduz-se na consciência, como uma solução de compromisso entre resistência e o produto intelectual *patológico*, uma representação obsessiva que parece absurda. (FREUD, 1896c/2006, p. 170-171, grifo do autor)

O eu, então, “procura rechaçar os derivados da lembrança inicialmente recalçada e, nessa luta defensiva, cria sintomas que poderiam ser conjuntamente classificados como ‘*defesa secundária*’” (FREUD, 1896c/2006, p. 171). Vemos novamente como as ações obsessivas do “eu” ampliariam a luta contra o retorno da representação recalçada. Com esses indicativos, vemos indícios de que será o próprio “eu”, na situação presente, a tomar um lugar com a lembrança passada, inclusive para delimitar “o corpo estranho traumático”. Tanto pela formação de compromisso como por suas defesas secundárias, o “eu” procura retomar na situação do passado um caminho para contornar o obstáculo da situação presente. O obsessivo expressa, assim, o modo de operar do recalque como mecanismo de defesa.

A tentativa de recalçamento do indício conflitivo atual aciona um vínculo com o próprio conteúdo recalçado como medida defensiva a ser tomada, dificultando a tarefa resolutiva do “eu”. Em outras palavras, o retorno das formas defensivas, em meio a algo presente⁶, despertaria ainda mais o vínculo das forças já recalçadas para contornar a incompatibilidade psíquica atual. Freud insiste no “efeito persistente de uma lembrança infantil” (FREUD, 1896c/2006, p. 168) e na apresentação da constituição do “eu” como “uma

⁶ Temos que esclarecer o seguinte ponto do que vem se destacando nessa argumentação com o significante “presente”. Se o “eu” busca nos mecanismos da estrutura os dados e recursos para lidar com uma problemática presente, ou atual, é porque essa mesma já demonstra uma invasão do passado ou evasão para o passado. Essa lógica só está parcialmente correta, porque o que demonstra o sentido do trauma é a descompensação ilusória do presente, ou seja, sua propensão constitutiva não só sofre de ressonâncias, mas habita sobre elas. Assim, sua verdadeira forma de um “aqui e agora” só é possível por aspectos temporais de fixação em camadas díspares do próprio presente. O presente não podendo se inscrever, se não pelo que ele não é.

defesa perpétua” em “um trabalho que ainda não chegou a sua conclusão” (FREUD, 1894a/2006, p.60).

A coisa contemporânea que “toma lugar de algo do passado” (FREUD, 1896c/2006, p. 170) nos parece indicar algo do conteúdo do Eu (com maiúscula, para destacarmos agora que se trata mesmo é da instância, apesar de não ser explicitamente nomeada nesse momento por Freud). Nesses termos, podemos perceber o sentido do que Freud chamou de “infantilismo neurótico”, marca do tempo que ele anunciou com a experiência sexual precoce (FREUD, 1896a/2006, p.153). O movimento é de retorno do sexual e de tentativa de controle/destino do mesmo, justificando porque “em segundo lugar, alguma coisa sexual é substituída por algo não sexual que lhe é dado análogo” (FREUD, 1896c/2006, p. 170).

A inversão é a própria forma da coisa contemporânea retornar ao Eu-ideal — o passado substituindo a situação conflituosa presente, atingindo assim um estado de autoerotismo e “fagocitando” por vez o trauma sexual. Isso seria uma impossibilidade, porque o que se estabelece são as condições das defesas do Eu que retomam as funções recalcentes. Assim, a busca pelo passado ideal só pode ser tomada como um modo defensivo em perspectiva futura, ou seja, determina o próprio conteúdo do futuro, promovendo o anelamento do presente com os círculos do passado e do futuro.

2.3.2 O Eu e o tempo na neurose obsessiva: por que o próprio tempo não está garantido?

Dizíamos que uma situação presente adentra no passado (como forma defensiva do Eu) por uma ligação de memória traumática, desta maneira, o próprio presente revelaria sua particularidade anacrônica: o “agente estranho” na consciência indicando uma continuação temporal da insistência do traumático, ou seja, da insistência do próprio tempo; da não desistência do passado. Assim, a possibilidade de o passado se multiplicar, ressoar e se contrair no presente, indica a característica de se desconfiar do próprio tempo enquanto mecanismo estático. Sua força espectral emergente sobre o Eu contradiz a ilusão de que o tempo passado está morto. O tempo nunca morre, mas se ausenta nas formas organizadoras egóicas enquanto pura medida distintiva e organizadora entre sucessores e predecessores, tal como causa a ilusão da consciência.

A ausência temporal organizada é sentida pela emergência do traumático e pelas formas ou recursos temporais em que o próprio Eu do obsessivo utiliza-se como defesa. Essa mesma condição é o que permite a lembrança traumática afirmar sua possibilidade de

reorganização ou reajuste dos traços mnemônicos. Vale recordar uma breve colocação do texto sobre as “Observações sobre um caso de neurose obsessiva” (1909): “[...] o inconsciente é relativamente imutável...” (FREUD, 1909/2014, p. 36).

No Eu do obsessivo, ainda sobre o período de 1896, podemos ver os indícios do que Freud chamou de recalque secundário ou recalque propriamente dito, colocando os aspectos temporais em jogo. Um mecanismo que força um pós-calcar, ou seja, o “eu” (tal como a sua forma de escrita, com minúscula, na época) dirigindo suas defesas como formas recalcadoras, inclusive para ele mesmo na agressividade das autoacusações. Essa é a própria tentativa do “eu” em desempenhar sua força para situar-se temporalmente, como na tentativa mesma de retomar (ou criar) uma distinção entre presente e passado. A forma de defesa secundária do obsessivo costuma utilizar-se da força do próprio pensamento para afastar o conteúdo sexual traumático, como se fosse uma tentativa de empurrar o próprio passado para seu lugar: “eis por que a *ruminação obsessiva*, quando bem-sucedida, versa regularmente sobre coisas abstratas e *supra-sensuais*, pois as representações recalcadas sempre se referem à *sensualidade*” (FREUD, 1896c/2006, p. 172, grifo do autor).

O lugar do sexual seria no passado precoce; para isso, a tentativa de controle/organização temporal do “eu” começa a exigir grande empenho energético. O obsessivo começa, então, a utilizar-se de estratégias temporais “pelo trabalho lógico e pelo recurso a suas lembranças conscientes. Isso leva a um *pensamento obsessivo*, a uma *compulsão a testar coisas* e à *mania de duvidar*” (FREUD, 1896c/2006, p. 171).

Mais uma vez notamos como há uma aproximação entre a formação dos sintomas e os aspectos temporais na neurose obsessiva em jogo. A dúvida e o teste, tanto pelo trabalho lógico como pelos recursos das lembranças conscientes, envolvem uma questão sobre o ato, apontando diretamente uma relação temporal: “Algo foi feito, ou não? Se realizado, foi correto? O que se pode fazer? Qual a melhor decisão?”.

A respeito da dúvida, Freud aponta como os atos obsessivos procuram relacionar os aspectos da lembrança com os testes — podem encaminhar precauções, medidas penitenciais como tentativa de reparo, formas de não entregar suas intenções e possibilidades de “entorpecer” o próprio pensamento como uma medida de não responsabilização.

A vantagem que a percepção leva sobre a lembrança em tais testes inicialmente impele e depois compele o paciente a colecionar e armazenar todos os objetos com que entra em contato. A defesa secundária contra os *afetos* obsessivos leva a um conjunto ainda mais vasto de medidas protetoras passíveis de se transformarem em atos obsessivos.

Estes podem ser agrupados de acordo com seu objetivo; medidas *penitenciais* (cerimoniais opressivos, observação de números); medidas *de precaução* (toda sorte de fobias, superstição, minuciosidade, aumento do sintoma primário de conscienciosidade); medidas relacionadas com o *medo de delatar-se* (coleccionar pedaços de papel, isolar-se), ou medidas para assegurar o *entorpecimento* da mente. (FREUD, 1896c/2006, p. 173, grifo do autor)

Percepção e lembrança, como aspectos do presente e do passado, articulam-se como um artifício de verificação comprobatória na tentativa de eliminar a dúvida. Dessa maneira, os atos obsessivos ganharam a dimensão de cerimoniais, marcados pela frequência (série de eventos regulares) ou repetição como uma tentativa de se precaver da indeterminação, presságio da dúvida.

O pensamento compartilha da mesma lógica dos atos, mas sofre um particular superinvestido nessa neurose. Expõe-se como um mecanismo de ocultamento em não se delatar, ou mesmo como medida protetiva das mais variadas formas de preocupar-se (representação da culpabilidade e da dúvida). Seu superinvestimento ganha tais proporções pela própria maneira em que ele se define como um teste, uma ação simulada: “deve ser concebido como se fosse uma ação experimental, simulada, um tatear motor com reduzida saída de energia” (FREUD, 1925/2007a, p. 150).

Iremos nos aprofundar nessas questões e melhor relacioná-las com seus aspectos temporais nos capítulos seguintes. Para tanto, vamos incidir uma apresentação do caso clínico freudiano sobre o Homem dos Ratos, buscando destacar os aspectos temporais da história clínica que se implicam nas formulações teóricas.

3 O HOMEM DOS RATOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ASPECTOS TEMPORAIS DO CASO

3.1 Começo da história clínica

Em outubro de 1907, Freud inicia a análise de um homem com formação universitária que apresentava queixas sobre obsessões, tratava-se do caso de Ernst Lanzer. Sobre o pseudônimo de “O homem dos ratos” (em versões anteriores era chamado de tenente H) seu tratamento durou aproximadamente um ano e seu caso foi publicado em 1909 sobre o título de “Notas sobre um Caso de Neurose Obsessiva”. Esse trabalho se tornaria paradigmático para o estudo da neurose obsessiva.

O pai da psicanálise considerava a publicação como uma continuação do trabalho de 1896, “Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa”, mais precisamente, da segunda parte: “Natureza e mecanismo da neurose obsessiva”. Seu intento era retornar à “gênese e ao delicado mecanismo dos processos psíquicos obsessivos” (FREUD, 1909/2014, p. 14).

A história clínica narrava a vida de um tenente (o pseudônimo tenente H aparecia em versões anteriores para o nome de Ernst Lanzer) com formação universitária que se queixava de obsessões sofridas desde a infância. Logo no início, o paciente relata que procurava um amigo “em altíssima conta” (FREUD, 1909/2014, p. 18) nos momentos em que era acometido por impulsos de delinquência. Sua questão era se o amigo o desprezava quanto a isso. Em outro momento, também teria sido tomado pela mesma dúvida.

Os impulsos de delinquência sentidos por Ernst não são extensamente elaborados nesse momento, mas já apontam elementos ordenadores da neurose:

- 1 — O medo de maus acontecimentos a quem estimava amor;
- 2 — Impulsos de agressão dirigidos a si próprio;
- 3 — Interdições proibitivas ligadas a conteúdos sem (ou nem tanto) valor.

Somava-se a isso uma sensação temporal de anos perdidos em sua vida. Nas palavras de Freud:

O conteúdo principal de sua doença, diz ele, são *temores* de que aconteça algo a duas pessoas que muito ama, o pai e uma dama da qual é admirador. Além do que, sente *impulsos obsessivos*, como cortar a garganta com uma navalha de barbear, e cria *proibições* relativas também a coisas insignificantes. Na luta contra essas ideias perdeu anos de sua vida, e por causa disso ficou para trás. (FREUD, 1909/2014, p. 17, grifo do autor)

A narrativa do caso avança nessas quatro prerrogativas — medo, agressividade, lei proibitiva e tempo perdido —; seu aprofundamento segue desdobramentos sobre outras temáticas, como as do ódio, do amor, do desejo, da diferença sexual, da culpa e do pensamento.

3.2 Os elementos ordenadores da neurose obsessiva, as funções do Eu e a oposição entre desejo e afeto doloroso

O paciente dizia a Freud que havia buscado vários tipos de tratamento, mas só havia encontrado alguma melhora com a hidroterapia realizada em um sanatório, atribuindo esse resultado favorável às relações sexuais mantidas com uma mulher naquele estabelecimento. Em geral, sua prática de atividade sexual era rara e de intervalos irregulares, descrevendo uma vida sexual pobre.

Ernst (ou “o Homem dos Ratos”, como assim intitula o trabalho) afirmava que sua vida sexual havia começado muito cedo e contava uma história de que certa vez, por volta dos quatro ou cinco anos, pôde entrar na saia da governanta de sua casa, desde que mantivesse o caso em segredo. Isso lhe permitiu tocar nos genitais e no ventre, despertando-lhe uma “curiosidade ardente, dolorosa, de ver o corpo feminino” (FREUD, 1909/2014, p. 14).

Com outra governanta, Sra. Lina, conseguia apertar-lhe os abcessos das nádegas, afirmando saciar o que descrevia como curiosidade. Dizia que aos seis anos já sofria de ereções e, após superar alguma inibição que sentia de suas ideias, conseguiu queixar-se disso à sua mãe. Ao mesmo tempo, sentia que a força de seus pensamentos, ou algum sentido denunciativo das suas intenções, fazia-o acreditar que seus pais soubessem de seus pensamentos: “durante algum tempo, naquela época, abriguei a ideia doentia de que *meus pais sabiam de meus pensamentos, e a explicação que dava a mim mesmo é que os havia falado sem ouvi-los*” (FREUD, 1909/2014, p. 21, grifo do autor). Ernst acusava essa forma como o início de sua doença.

O desejo em ver o corpo nu das garotas que lhe agradavam implicava a constatação da diferença entre os sexos. O desejo assinalado pela curiosidade ardente e dolorosa (que comparece desde o episódio com a primeira governanta) comportava, a um só tempo, a formação de um pensamento proibitivo: “com esses desejos eu tinha *uma sensação inquietante de que algo aconteceria, se eu pensasse tais coisas, e eu devia fazer tudo para evitá-lo*” (FREUD, 1909/2014, p. 21, grifo do autor).

Ao ser questionado sobre esse “algo que aconteceria” (prenúncio de um temor) ele cita o exemplo da morte de seu pai: “Pensamentos sobre a morte de meu pai me ocuparam bastante cedo e por muito tempo, causando-me grande tristeza” (FREUD, 1909/2014, p. 21).

Podemos assinalar, até o presente momento, dois apontamentos que se articulam ao nosso interesse de pesquisa. Primeiramente, notamos que o valor das proibições recai sobre os atos e pensamentos como uma atitude ou *providência* a ser tomada pelo “eu”: “*se eu pensasse tais coisas, e eu devia fazer...*”. Depois, vemos que o pensamento de morte do pai lhe ocupou “bastante cedo” e, não menos grave, “por muito tempo”. Notamos como a relação entre o “eu” e a formação de compromisso do sintoma indica aspectos temporais que determinam o próprio estatuto do tempo no dizer formulado na neurose obsessiva.

A formação de um pensamento (proibitivo) em estado prematuro, digamos, associado a algum tipo de permanência (desde os episódios da infância), descreve precocidade e duração configurando o tempo da insistência do sexual traumático, tal como descrito no primeiro capítulo. Soma-se a isso uma ocupação ao “eu” em “fazer tudo” para evitar o pensamento libidinoso, uma vez que haveria graves consequências, como a morte do pai.

A narrativa chega a um ponto que surpreende Freud: o pai ao qual recaía o medo obsessivo de morte, como penalidade por certos desejos, já estava morto. Assim, ele tange a conclusão afirmando uma neurose obsessiva completa, com todos os elementos essenciais. Descreve como a pulsão sexual do desejo de olhar (escopofilia) marca uma repreensão pelo prazer produzido, remetendo ao Eu (já em maiúscula no texto) a tarefa de colocar-se em plena oposição ao desejo. Mesmo sem o empenho do Eu nessa contrapartida, Freud nos diz que “de alguma parte já se move uma oposição a esse desejo, pois um afeto doloroso acompanha regularmente o surgimento dele” (FREUD, 1909/2014, p. 22). Isso é um dado interessante, pois ilustra que a contrapartida do desejo não fica ligada só à formação do Eu, mas por um tempo mais arcaico, no qual o afeto de dor já se opõe ao conteúdo desejante. Como já mencionado: “curiosidade ardente, dolorosa, de ver o corpo feminino” (FREUD, 1909/2014, p. 14).

Pensamos que essa dor venha da agressividade precoce anterior à experiência de sedução. Esse afeto seria o responsável pelo que dizíamos no primeiro capítulo sobre a produção de prazer sentida pela agressividade. O doloroso é uma expressão do masoquismo que fará oposição ao conteúdo desejante e, possivelmente, seria mais um indício ao despertar precoce do Eu na neurose obsessiva. Dizemos isso porque esse sentimento precisa se localizar em uma instância que não se confunde mais com o mundo externo; além disso, a dor

demonstraria de onde o Eu do obsessivo tira sua expressão e fixação de autoagressividade para também se opor ao conteúdo desejante.

3.2.1 O Inconsciente e os modos de comparecimento do tempo na neurose obsessiva

Com o anúncio dessa oposição entre desejo e afeto doloroso e as funções do Eu, sublinhando aí o lugar dos pensamentos e atos cerimoniais, Freud reafirma a descrição completa dos elementos ordenadores da neurose obsessiva. A tomada do desejo seria repreensível como algo alheio ao Eu, uma vez que seu reconhecimento estaria ligado a uma consequência nefasta e contrária à sua conscienciosidade — fórmula do medo obsessivo: “Se tenho o desejo de ver uma mulher nua, meu pai vai morrer” (FREUD, 1909/2014, p. 22). Esse temor obsessivo chama a atenção de Freud por configurar uma distorção temporal na qual o pai enquanto morto (temos aqui o registro de um *passado*) não exclui a possibilidade de que ainda pudesse vir a morrer (aqui, o registro de um *futuro*). É esse o “paradoxo” que surpreende Freud: como um medo toma a forma de uma ameaça sobre um pai que já estava morto?

A fim de elucidarmos como Freud capta essa questão, devemos avançar brevemente ao ano de 1915, quando o texto “O inconsciente” resume as características da instância que leva o nome do trabalho: “*ausência de contradição, processo primário* (mobilidade das cargas de investimento), *atemporalidade e substituição da realidade externa pela realidade psíquica*” (FREUD, 1915c/2006, p.38, grifo do autor). Podemos notar que, sob a perspectiva do inconsciente, não há paradoxo no medo obsessivo pela morte do pai já morto. O modo como o tempo comparece no temor explicitado na frase ““Por exemplo, *que meu pai morreria*”” (FREUD, 1909/2014, p. 21) expõe em uma só canetada como Freud ouve o inconsciente e um dos principais atributos do seu funcionamento: a supremacia da enunciação sobre o enunciado.

Sobre a realidade psíquica e as mobilidades de cargas de investimento, Freud observava que o medo e suas respectivas precauções davam garantia de que o pai não estava de todo morto na esfera psíquica. Assim, a insistência do desejo sexual traumático levaria a uma insistência de trazer, igualmente, o pai à vida, mesmo que sob ameaça.

Sobre a atemporalidade e a ausência de contradição, estas assumem o sentido de uma desconsideração pela ordenação temporal sucessiva. A conjunção entre simultaneidade — o pai morreu e está vivo porque sofre a ameaça de que pode morrer — e a dispersão/assincronia — o pai morreu e não pode morrer novamente, porque já está morto — demarcam dois modos de comparecimento do tempo. Essa espécie de distorção fundamenta-se na persistência do

passado e, como tudo que persiste, indica algo de “não-realizável”, tanto no passado quanto no presente — o pai morto. Assim, essas características indicam duas consequências: tanto a morte (passado) como o próprio medo de que o pai morra (futuro) têm algo de “não-realizável”, já que se provou da sua não toda mortalidade.

Freud percebe como esses aspectos temporais compelem o temor obsessivo para uma estratégia particular: a antecipação do acontecimento terrível com um revestimento de indeterminação.

[...] junto ao desejo obsessivo, e intimamente ligado a ele, encontra-se um temor obsessivo: toda vez que tem esse pensamento, ele não pode deixar de temer que algo terrível deve acontecer. Essa coisa terrível já se reveste de uma indeterminação característica, que doravante não faltará nas manifestações da neurose (FREUD, 1909/2014, p. 22).

A “coisa terrível” dispõe-se sobre uma fixação irremediável ao futuro, ela deve acontecer. O impasse dirige-se justamente ao “não-realizável” da morte do pai como representante da coisa terrível, que já provou sua parcela de não mortalidade por sua ressuscitação pelo próprio temor. Parece-nos que é nesse sentido que a antecipação do acontecimento se reveste de uma indeterminação característica, garantindo no medo um acúmulo de variáveis condizente com um enigma. Esse índice indeterminante é retrato da dúvida que assombra o obsessivo no pai vivo-morto.

A partir destas condições, podemos formular sobre o temor obsessivo: algo ruim deve acontecer, mas não é possível garantir sob qual simulacro isso possa advir. É o que nos recordamos em “Atos obsessivos e práticas religiosas”, sobre a manifestação obsessiva de tomar o “futuro como angústia expectante” (FREUD, 1907/2015, p.309). Ou seja, esse “algo terrível” diz respeito ao conteúdo futuro da morte do pai, mas não especifica sua forma — deverá ser terrível, mas como? É por isso que as medidas protetoras (ou preventivas, para melhor aludirmos aos seus aspectos temporais) são acionadas pela preocupação, estabelecendo modos de preparo e precauções. Ao mesmo tempo em que elas só podem ser estabelecidas por vincular a questão “deverá ser terrível, mas como?” com certa premissa inconsciente: “Como, afinal, matar o pai?”. Com isso, a dúvida sobre as medidas protetoras/preventivas corresponde às modulações, ou variáveis, que podem assumir a forma do terrível.

Na continuação do caso clínico, o autor aponta como as características das “generalidades” obsessivas parecem aludir a uma sofisticação da operação de recalque⁷, sendo que a censura não promoveria um esquecimento, mas uma dispersão de conteúdo ou desvalorização dele: “[...] para alguma das vagas generalidades da neurose obsessiva, tenha-se a certeza de que tal exemplo é a coisa original e autêntica mesma, que deve permanecer escondida por generalização” (FREUD, 1909/2014, p. 23). O psicanalista francês Paul-Laurent Assoun traz um oportuno comentário sobre essa questão:

[...] todo o seu regime de pensamento é orientado para a produção de ‘generalidades’, logo, de pseudo-exemplos. A abstração retórica, especialidade obsessiva, é o que faria uma tela para a confissão do conteúdo desejante: ele passa o tempo fingindo ‘ilustrar’, ali onde, simplesmente, ele *diz*. (ASSOUN, 1995, p.46, grifo do autor)

Falávamos que o aspecto temporal do medo obsessivo, frente ao seu revestimento de indeterminação característico, conduziria à dúvida por meio de uma antecipação defensiva. Com as generalizações, Freud nos diz como o discurso do obsessivo tenta esconder, desvalorizar ou driblar seu conteúdo de horror (o “algo terrível que deve acontecer”). Assoun expõe que a consequência da estratégia de generalização incide sobre uma consideração com a temporalidade: “ele passa o tempo fingindo ‘ilustrar’, ali onde, simplesmente, ele *diz*”. Não nos pareceria desproporcional uma comparação com os atos cerimoniais, ou seja, ele passa o tempo *preparando*, ali, onde simplesmente *faz*.

É por isso que no caso do Homem dos Ratos, Freud consegue restaurar o sentido de como desejo e medo associam-se: “Se tenho o desejo de ver uma mulher nua, meu pai vai morrer” (FREUD, 1909/2014, p. 23). A força dessa ligação supersticiosa, promovida pelo pensamento, justifica esconder o conteúdo desejante pela generalização na tentativa de evitar entrar em contato com o afeto conflitivo. Algo similar ao plano da antecipação dos acontecimentos, uma vez que a generalização implica um estado em que se evita chegar aos pontos determinantes, embora ela também carregue as particularidades de onde se quer evitar chegar.

Com base nesses indicativos, o mestre vienense sintetiza a dinâmica neurótica: “um instinto erótico e uma revolta contra ele, um desejo (ainda não obsessivo) e um temor (já obsessivo) que a ele se opõe, um afeto penoso e um impulso a atos de defesa; o inventário da

⁷ Um mecanismo defensivo da censura do Eu com intuito de separar a representação de coisa da representação de palavra. Um procedimento de equacionar a economia psíquica poupando-se de desprazer ou mantendo a tensão psíquica ao nível mais baixo possível. Nas palavras de Freud: “uma etapa preliminar à condenação da manifestação pulsional, situada entre a fuga e o repúdio condenatório” (FREUD, 2004/1915b, p. 177).

neurose está completo” (FREUD, 1909/2014, p. 23). Notemos o seguinte itinerante dos aspectos temporais: um temor já se destaca antecipadamente ao desejo como obsessivo. Isso parece confuso, uma vez que há primeiramente um instinto erótico (impulso erótico) seguido da revolta contra o mesmo. Contudo, não deixemos nos enganar. Essa colocação freudiana só reforça a dinâmica temporal obsessiva, marcada por um aspecto que ainda aprofundaremos: a antecipação.

Na sequência do caso de Ernst encontramos outro fator que se destaca: a ideia ilusória, ou delirante, de que seus pais ouviriam seus pensamentos mesmo não enunciados: “‘Expresso meus pensamentos sem ouvi-los’ — isto soa como uma projeção para o exterior de nossa suposição de que ele tem pensamentos sem saber algo deles, como uma percepção endopsíquica de reprimido” (FREUD, 1909/2014, p. 23-24).

Primeiramente, Freud considera a hipótese de projetar para o exterior uma percepção interna sentida dos conteúdos endopsíquicos reprimidos. Dessa forma, a reedição da situação é promovida pela ilusão dos pensamentos serem ouvidos pelos pais, mesmo que não ditos. Cabe destacar a força dada ao pensar em relação com duas questões anteriores — a tentativa de esconder o conteúdo desejante e uma ligação particularizada ao eu: “com esses desejos eu tinha *uma sensação inquietante de que algo aconteceria, se eu pensasse tais coisas, e eu devia fazer tudo para evitá-lo*” (FREUD, 1909/2014, p. 21, grifo do autor).

Essa parte da narrativa é finalizada com uma especificação da neurose obsessiva em relação à histeria — destaque relativo à “característica da atividade sexual prematura” (FREUD, 1909/2014, p. 25):

Ao contrário da histeria, nela (a neurose obsessiva) sempre se acha a característica da atividade sexual prematura. A neurose obsessiva leva a perceber, muito mais claramente que a histeria, que os fatores constitutivos devem ser buscados na vida sexual infantil, não na atual (FREUD, 1909/2014, p.25).

Expomos essa colocação no primeiro capítulo, sobre “As indicações do ‘eu’ no obsessivo”. Essa colocação delimita mais especificamente a relação da neurose obsessiva com esse tempo da experiência precoce comum às neuroses. O que encontrávamos em “A hereditariedade e a etiologia das neuroses” sobre “*uma experiência precoce de relações sexuais com excitação real dos órgãos genitais*” (FREUD, 1896a/2006, p.151, grifo do autor) como característica comum das neuroses, ganha no obsessivo um destaque pela especificação da marca dessa experiência como *prematuro* ou *precoce*.

3.2.2 O grande medo obsessivo

Ernest começa expondo o motivo que o levou a buscar tratamento, ainda que os pensamentos obsessivos o incomodassem há muito tempo. Conta uma história da perda de seus óculos (pincenê) durante uma série de exercícios do exército ao qual servia. A fim de seguir na marcha, abandona-o e telegrama ao seu oculista de Viena encomendando um novo, que fora enviado pelos correios.

Durante um intervalo de descanso, começou a conversar com um capitão tcheco que, frente ao qual, retinha certo medo, “*pois evidentemente ele gostava de crueldades*” (FREUD, 1909/2014, p. 26, grifo do autor). Durante uma conversa, o capitão (que certamente representava um sádico) conta a história de um horrível castigo que havia lido e era aplicado no Oriente. Nesse momento Ernest tem dificuldades em continuar fazendo com que Freud persista para que ele consiga dizer o possível:

Ele estava se referindo à empalação? — Não, não é isso, o condenado é amarrado — (ele expressou-se de modo tão pouco claro, que não pude entender logo em qual posição) — Sobre o seu traseiro colocam um recipiente virado, contendo ratos que — ele novamente se ergueu e mostrava todos os sinais de horror e resistência — *perfuravam*. O ânus, completei. (FREUD, 1909/2014, p. 26, grifo do autor)

Ao narrar o suplício dos ratos nos momentos mais importantes, Freud diz uma importa contestação: “percebe-se nele uma expressão facial muito peculiar, que posso entender apenas como *de horror ante um prazer seu que ele próprio desconhecia*” (FREUD, 1909/2014, p. 26-27, grifo do autor). Em seguida e acentuada a dificuldade para conseguir falar, ouve-se: “Naquele momento estremei com *a ideia de que aquilo sucedia a uma pessoa cara para mim*” (FREUD, 1909/2014, p. 27, grifo do autor). Ernst confessa que seria a mulher por ele adorada.

Descrevendo esses pensamentos como estranhos e desagradáveis, ele interrompe a narrativa. Ernest diz que tudo se passa por dentro dele de modo extraordinariamente rápido e Freud utiliza-se disso para recorrer a um dado temporal: “Simultaneamente à ideia há também a ‘sanção’, isto é, a medida defensiva que é obrigada a tomar para que a fantasia não se realize” (FREUD, 1909/2014, p. 27). Trata-se do que já expomos anteriormente sobre a defesa obsessiva de, ante o traumático sexual, recorrer ao aspecto (ou forma) da antecipação. Recordemos: “um instinto erótico e uma revolta contra ele, um desejo (ainda não obsessivo) e um temor (já obsessivo) que a ele se opõe, um afeto penoso e um impulso a atos de defesa” (FREUD, 1909/2014, p. 23).

Utilizamos o termo “aspecto” ou “forma” porque a temporalidade antecipativa só pode ocorrer de maneira incompleta — assim como pontuamos (ao falar da “Retomada da neurose obsessiva em 1907”) que as estratégias defensivas na neurose obsessiva apontam que a antecipação do trauma seria usada para afastar o próprio trauma. Ou seja, esta é uma estratégia defensiva como a descrita na parte do primeiro capítulo sobre “A defesa sendo o próprio Eu”, que apresenta o modo como essa instância retoma os mecanismos de defesa do próprio recalque.

Pela lógica, toda antecipação só pode servir para algo que já tem um mínimo de presença ou chegada, tal como o impulso erótico (e uma revolta contra ele). Isso é mais facilmente percebido com a procrastinação, fazendo do adiamento um tipo de afastamento pelo comparecimento simbólico da instância da lei. Ambos os casos têm uma estratégia temporal que, assim como o recalque, deixa sintomas em seu rastro: “Sabemos que o recalque deixa *sintomas* atrás de si” (FREUD, 1915b/2004, p. 183, grifo do autor).

Freud, sofisticando as acepções e consequências da noção de atemporalidade, se utiliza do significante “simultaneidade”: “Simultaneamente à ideia há também a ‘sanção’...” (FREUD, 1909/2014, p. 27)), deflagrando que a antecipação é apenas uma das modalidades ou “formas” de comparecimento do tempo no aparelho psíquico.

Quando o autor, abordando os sentidos da atemporalidade do inconsciente, utiliza-se do significante “simultaneidade” — “Simultaneamente à ideia há também a ‘sanção’...” (FREUD, 1909/2014, p. 27)) — a antecipação pode ser aprendida como um aspecto ou forma de tratamento de tempo, dentre outros. Esta forma está circunscrita à negatividade mais radical do funcionamento do processo primário — a atemporalidade — e a interveniência de uma cronologia própria do processo secundário. O processo secundário implica a tomada dos eventos em um passado ou futuro, mas, por sua vez, estas posições frente ao tempo (como passado ou futuro) também configuram a realidade psíquica, regida pela possibilidade simultânea dos eventos, sem que sua presença no passado exclua sua presença no futuro. Esse modo de tratar o tempo produz essa aparência de serem contrários ao que seria uma “realidade objetiva”, mas não são incoerentes com a realidade psíquica, na qual se encontram articulados os modos de funcionamento dos processos primário e secundário.

Ao prosseguir na história clínica do caso, Freud destaca outro aspecto que implica a simultaneidade: ele soube por Ernst que o castigo dos ratos lhe viria à cabeça tanto para a mulher amada como para seu pai. Inicia-se aqui a problemática da dívida.

O paciente conta que recebeu os óculos pelas mãos daquele mesmo capitão tcheco e esse o entregou afirmando (erroneamente, mas isso é por hora ignorado) que o reembolso da encomenda fora pago pelo primeiro-tenente A. Nesse mesmo momento formula-se em Ernst uma sanção: “*Não dar o dinheiro*, senão aconteceria (isto é, a fantasia dos ratos se concretizaria no pai e na mulher)” (FREUD, 1909/2014, p. 28, grifo do autor). Em seguida aparece uma contrapartida à mesma sanção: “uma ordem que era como um juramento: ‘*Você tem que pagar as 3,80 coroas ao primeiro-tenente A.*’” (FREUD, 1909/2014, p. 28, grifo do autor).

Essa tensão entre proibição e cumprimento da ordem implica uma relação com o tempo na estratégia obsessiva e denuncia um problema sobre o estatuto do tempo quando se considera o inconsciente: “Ele gastou esse tempo com esforços para devolver a pequena soma ao primeiro-tenente A, mas dificuldades de natureza aparentemente *objetiva* ergueram-se contra isso” (FREUD, 1909/2014, p. 28, grifo do autor).

A descrição das dificuldades era realizada em uma espécie de ênfase em sua “natureza objetiva”, indicando, ao mesmo tempo, uma ordem que se opunha externamente à realização do pagamento. Encontramos aí uma espécie de autonomia da ordem, que comparece como que à revelia do sujeito. Passando dias para pagar o tenente A, finalmente encontra-o e ouve que este não havia pagado pelos óculos, sendo que o pagamento deveria ser pago a outro tenente (tenente B), o oficial responsável pelos serviços dos correios (“a premissa do seu juramento, de que o primeiro-tenente A. fizera o pagamento para ele, não correspondia aos fatos” (FREUD, 1909/2014, p. 30)). Ele fica atônito por não poder realizar seu juramento — a ordem de pagamento foi feita especificamente ao tenente A e isso ganhava mais importância do que B ser realmente o credor.

Em meio a isso, Ernst descobre que o real pagamento fora realizado por uma moça dos correios, mas, mais disposto ao cumprimento de seu juramento do que ao pagamento da pessoa devida, ele intenta um plano: leva ambos os tenentes ao correio, dá o dinheiro à funcionária, esta ao tenente B e esse, por sua vez, a “A”. Percebemos claramente que a dívida se refere mais ao seu ato juramentado do que ao real pagamento dos óculos.

É nesse contexto que Freud aponta como as dificuldades de natureza aparentemente *objetiva*, apontadas anteriormente, revelaram tratar-se de uma ordem — a ambiguidade é proposital — psíquica: “Apenas na terceira narração pude levá-lo a compreender essas obscuridades, revelando os equívocos de memória e os deslocamentos em que ele havia incorrido” (FREUD, 1909/2014, p. 29).

Ainda nessa sessão, o Homem dos Ratos comunica sobre temores relativos a castigos que poderiam recair em pessoas amadas “não apenas na vida atual, mas também na eternidade, no além” (FREUD, 1909/2014, p. 29). A possibilidade do castigo traz consigo a ideia de eternidade anteriormente apresentada a partir do texto “As neuropsicoses de defesa”. Encontramos aqui a articulação entre a ideia de eternidade e uma espécie de defesa perpétua: “uma defesa perpétua vai erigindo contra representações sexuais que reemergem continuamente — ou seja, um trabalho que ainda não chegou a sua conclusão” (FREUD, 1894a/2006, p.60). Essa defesa perpétua articula-se também ao que indicamos sobre o inacabamento ou não realização completa da morte do pai, mas aqui a ênfase recai ao inacabamento da própria defesa, àquilo que resiste à sua plena realização.

Ernst prossegue em questões de cunho existencial para si mesmo: “Que sabe você da vida no além?”, “Que sabem os outros?”, “Não se pode saber nada realmente, você não está arriscando nada, então faça isto”. Freud apreende aí a incerteza da razão, a dúvida que indica um limite nas concepções religiosas do mundo. Podemos ler no texto freudiano “Atos obsessivos e práticas religiosas” uma relação entre neurose obsessiva e religião: “a neurose obsessiva oferece uma caricatura, meio cômica e meio triste, de religião privada” (FREUD, 1907/2015, p. 301).

Destacamos a relação nas práticas cerimoniais religiosas e neuróticas como tentativas de garantir uma segurança (subjativa) futura, mesmo que remetida a um pós-vida. Dessa forma, os castigos que poderiam perseguir Ernst, mesmo depois de morto, retratam a preocupação com “a defesa perpétua”, ligada por um sentimento de eternidade persecutória.

O caminho do paciente de Freud é fazer com que o primeiro-tenente A receba a devida quantia, cumprindo seu juramento obsessivo, mas isso não acontece: “Ele consolou-se com a ideia de que aquilo não havia passado, de que A os acompanharia até certo ponto P, na manhã seguinte. E ele teria tempo de falar-lhe acerca do obséquio. Não o fez, deixou que A seguisse” (FREUD, 1909/2014, p. 30). Ernst havia gastado tempo e esforços para reembolsar o tenente A e assim permaneceu. Situava-se na bifurcação entre a ideia de uma *covardia*, em pedir esse incômodo ao chefe do pelotão, ou de *bravura*, por conseguir cumprir seu juramento e livrar-se das obsessões.

Com ajuda de um amigo, finalmente dirigiu-se aos correios e pagou a quantia sabendo que “não estava devendo a taxa de remessa a *outra pessoa que não o funcionário do correio*” (FREUD, 1909/2014, p.32, grifo do autor). Dessa forma, prossegue um

questionamento à sua obsessão. Ao pagar a quantia à pessoa do correio, ele “lembrava de que algumas horas antes de encontrar o capitão cruel tivera oportunidade de apresentar-se a outro capitão, que o informara da verdadeira situação” (FREUD, 1909/2014, p.32). Como ele deixa-se levar pelo erro do capitão cruel (referindo o reembolso ao primeiro-tenente A) ao ponto de juramentar e transformar a questão toda em um tormento? Parece que ele sempre quis se manter na dúvida e, na verdade, utilizar-se dela para não concluir o juramento, que tinha conotação ao cumprimento de uma ordem.

Mesmo tendo conseguido pagar o reembolso ao funcionário do correio, Ernst não conseguiu livrar-se das ideias obsessivas.

3.2.3 O amor e ódio ao pai

Ernst decide contar a história da relação com seu pai considerando-a significativa e atormentadora. Em uma noite de 1899, ele estava ao lado de seu genitor durante o que achava ser apenas uma crise; na confiança que seu pai ainda viveria segundo um parecer médico, recolheu-se para descansar uma hora e acabou perdendo o momento em o pai veio a óbito. Isso lhe gerou um peso de recriminações, mas no início elas não o afetavam e “durante algum tempo não se deu conta da morte do pai” (FREUD, 1909/2014, p. 34).

Sabendo e “ignorando” a morte de seu pai, começaram a acontecer situações em que desejava ver-lhe como um fantasma. Após dezoito meses, com o falecimento e comparecimento no velório (tempo de despedida) de uma tia, começou a ocorrer-lhe a lembrança em que estivera ausente na hora da morte do pai. Com essa suposta negligência, começou a considerar-se um criminoso.

Ao tema do desejo fantasmagórico da imagem paterna podemos ler, novamente, uma passagem que remete seus pensamentos obsessivos ao “além” e encontramos, como resolução, a produção de uma incapacidade para o trabalho. Os questionamentos sobre o pós-vida (“Que sabe você da vida no além?”, “Que sabem os outros?”, “Não se pode saber nada realmente, você não está arriscando nada, então faça isto”) podem não lhe ter garantido uma visão religiosa do mundo, como assinala Freud, mas no desejo de ver o pai como fantasma há uma atualização do “além” para o presente. Esse deslocamento não repercute em medo da condenação eterna pela religião, mas se arrasta para o eterno do tempo terreno, ou seja, ainda em vida. Talvez isso seja mais uma consideração para sua incapacidade no trabalho, uma vez que o interminável do “além” pode se deslocar em suas atividades de labor.

Ao tema da culpabilidade, Freud expõe os seguintes pressupostos psicanalíticos:

Quando há uma disparidade entre conteúdo ideativo e afeto, ou seja, entre o grau da recriminação e o ensejo para ela, um leigo diria que o afeto é demasiado grande para o ensejo, isto é, exagerado, e a inferência tirada da recriminação — a de ser um criminoso — é falsa, portanto. Já o médico diz: ‘Não, o afeto é justificado, a consciência não deve ser criticada, mas liga-se a outro conteúdo, que não é conhecido (*inconsciente*), e que deve antes ser procurado. O conteúdo ideativo conhecido chegou a esse lugar devido a um nexos errado... O fato da conexão errada também explica a impotência do labor da lógica para combater a ideia penosa. Concluo, então, admitindo que essa nova concepção resulta inicialmente em grandes problemas, pois como justificaria ele sua recriminação de ser um criminoso, se sabia que na realidade não cometera nenhum crime contra o pai?’ (FREUD, 1909/2014, p. 35-36, grifo do autor)

Ernst questiona como poderia livrar-se das recriminações e do sentimento de culpa apenas sabendo que esses afetos teriam sua legitimidade. Freud lhe diz que o efeito esperado viria “da descoberta do teor desconhecido a que se liga a repreensão” (FREUD, 1909/2014, p. 36). O diálogo prossegue em pontos nos quais há uma tentativa de operar expondo resoluções da teoria psicanalítica. Dentre eles, deparamo-nos com a metáfora que elucida o posicionamento do inconsciente freudiano de maneira temporal: “Pompeia sucumbe apenas agora, depois que foi descoberta” (FREUD, 1909/2014, p. 36).

Trata-se de uma passagem que retrata a essência da proposta “arqueológica” de Freud, na qual o “trabalho de construção — ou, se preferirem, de reconstrução — mostra uma ampla coincidência com o arqueólogo” (FREUD, 1937/2018, p.330) no recolhimento dos detalhes para evidenciar seu método, ensinamento freudiano com sua *paixão pela origem* (COTTET, 1993). O trecho aborda a divisão psíquica dando pistas de um dos sentidos da atemporalidade do inconsciente pela característica de relativa imutabilidade.

Para ilustrar minhas breves observações sobre as *diferenças psicológicas entre o consciente e o inconsciente*, sobre o desgaste a que se acha submetido tudo o que é consciente, enquanto o inconsciente é relativamente imutável, indico as antiguidades expostas em minha sala. São objetos que foram desenterrados, o sepultamento significou para eles a conservação. Pompeia sucumbe apenas agora, depois que foi descoberta. (FREUD, 1909/2014, p. 36, grifo do autor)

O parágrafo é curto, mas significativo. Podemos imaginar que o conteúdo desconhecido (inconsciente) foi soterrado pelo desgaste temporal ao qual a consciência está submetida, provocando assim uma preservação como aquela ocorrida aos objetos na sala de Freud. A parte final (“Pompeia sucumbe apenas agora, depois que foi descoberta”) desfaz uma linearidade de ordenação sucessiva e aparece-nos como referência à lógica do “só depois” (“*Nachträglichkeit*”). Já trouxemos o sentido desse termo quando falávamos sobre a temporalidade do traumático: “*Nachträglichkeit* significa o movimento pelo qual a memória da

sedução, que não adquiria valor traumático na hora do acontecimento, se tornava traumática após a puberdade. Portanto, a sedução infantil não teria efeitos imediatos. Só depois...” (RUDGE, 2009, p. 20).

Agora podemos defini-lo como aquilo que “resume o conjunto da concepção freudiana da temporalidade, segundo a qual o sujeito constitui seu passado, reconstruindo-o em função de um futuro ou de um projeto” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.32). Assim, o descobrimento das peças arqueológicas expostas por Freud, como exemplo dos indícios inconscientes à consciência, provoca o projeto de constituição do próprio passado, não o dando como uma anterioridade prévia, mas em consequência direta com o presente/futuro. Em outras palavras, o passado não é substancializado em uma construção pronta, seu resgate é ficcionado pela suposição de indícios.

É por isso que a metáfora de “sucumbir e descobrir Pompeia” segue o tempo do traumático estipulado no primeiro capítulo: “só depois” de uma ligação presente remeter-se a uma lembrança traumática, ou seja, sexual, é que haveria em si a incidência do trauma. Dessa forma, podemos dizer que o traumático se vincula ao passado pelo sentido inacabado do mesmo, sua constituição é interdependente e sobredeterminada pelas dinâmicas do presente e do futuro, pela energia livre que caracteriza o psiquismo inconsciente.

Até esse momento da narrativa, os achados arqueológicos do inconsciente de Ernst foram muitos: o capitão cruel, a história do suplício dos ratos, a morte e velório da tia etc. A proposta freudiana para Ernst é sobre um trabalho à relativa imutabilidade inconsciente, seguindo como possibilidade de a lembrança traumática sofrer reorganização, ou seja, reajuste dos traços mnemônicos. Ideia coerente com a lógica do desencadeamento da doença sobre o tempo do traumático: se o trauma é desperto, ou melhor, constitutivo por uma conjugação de tempos com determinados elementos e em certo momento, isso significa um determinismo psíquico ainda sobredeterminado. A análise seguiria os indícios inconscientes pelas histórias adjacentes, ou seja, ao mesmo tempo, juntas e laterais.

O problema que se apresenta com a neurose obsessiva é que as tentativas de resgate ou religamento da representação traumática, produzida pela culpa e por recriminações, proporciona as vias de reconhecimento ao mesmo tempo em que são responsáveis pela retomada da inundação: “[...] é da própria natureza da situação que toda vez o afeto seja superado, geralmente já durante o trabalho [analítico]. Há o esforço para preservar Pompeia, e o desejo de livrar-se absolutamente de tais ideias penosas.” (FREUD, 1909/2014, p. 36-37).

O trabalho de preservar Pompeia corresponde à manutenção dos elementos inconscientes, uma vez que esses dão origem à “antiguidade” histórica dos afetos e representações que o neurótico deseja se livrar. Mas o trabalho de preservação, que designa o tratamento analítico, só pode advir em uma temporalidade de abertura e fechamento: “Pompeia sucumbe apenas agora, depois que foi descoberta” (FREUD, 1909/2014, p. 36). Sobre essas condições, em que tempo pode um neurótico obsessivo sucumbir/descobrir Pompeia? Apesar de a análise tomar cada caso em sua especificidade, essa questão evoca a duplicidade ou cisão que é própria da estrutura. Se pontuamos que as dificuldades de reconhecimento afetivo vinham pela culpabilidade e pelas recriminações é porque são elas mesmas que conseguem implicar o obsessivo em um trabalho de preservação. Ou seja, esses afetos que norteiam as ideias penosas nesse tipo de neurose são os mesmos que localizam o sujeito no seu mal-estar e preservam-no algum achado irredutível.

Nesse momento do caso clínico, esse assunto aborda a cisão psíquica entre consciente e inconsciente da seguinte forma: Ernst sente-se uma pessoa moral, embora uma lembrança da imagem de si na infância o situe como se ele tivesse cometido certas coisas, parecendo emanar de outra pessoa. A pergunta sobre quando pode sucumbir Pompeia parte dessa temporalidade que toma algo próprio como estranho. Freud vincula esse estrangeirismo/estranhamento íntimo ao “soterramento” do tempo infantil:

O inconsciente seria o infantil, mas exatamente, aquela parte da pessoa que então se separou dela, não acompanhou o desenvolvimento posterior e por isso foi *reprimida*. Os derivados desse inconsciente reprimido seriam os elementos responsáveis pelo pensar involuntário em que consiste o seu sofrimento (FREUD, 1909/2014, p. 37, grifo do autor).

A outra pessoa que descreve Ernst em seus apetites sensuais na infância é sua própria representação inconsciente que, então, “se separou dele”. Já falamos sobre isso no início da dissertação, seguindo a linha de raciocínio do trabalho “Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos”, e podemos afirmar que esse outro é o mesmo corpo estranho que se irrompe na consciência, tal como descrito por Freud: “a lembrança do mesmo age como um corpo estranho que ainda muito depois de sua penetração deve ser considerado um agente no presente” (FREUD, 1893/2016, p. 23).

Lemos o paciente começar a sessão seguinte falando de sua infância e conseguindo expor mais detalhadamente como os desejos iam contra sua moralidade. Diz que sentia a sensação dos pais lhe adivinharem os pensamentos e, ao amar uma garota que não lhe

correspondia em sentimento, chegou a ter a ideia de que ela o amaria de volta se ele chegasse a sofrer um infortúnio. De inevitável, pensou na morte do pai.

Afirmando ser uma banal vinculação de pensamentos e não um desejo, procurava rejeitar a ideia formulada. Em seguida, contava que teve um igual pensamento uma outra vez, seis meses antes da morte do pai: “*Com a morte do pai ele talvez se tornasse rico, de forma a poder esposá-la*” (FREUD, 1909/2014, p. 39, grifo do autor). Uma terceira vez a mesma ideia surgiu, mas de forma atenuada, pensando no dia anterior à morte do pai: “Agora posso perder meu ente mais querido... Não, há outra pessoa cuja perda me seria ainda mais dolorosa” (FREUD, 1909/2014, p. 39).

Surpreso com a oposição entre as duas pessoas amadas, o pai e a senhora, só conseguia garantir uma certeza de temor ao pai, e não de desejo pela morte do mesmo. Freud diz que “esse medo corresponde a um *desejo* antigo” (FREUD, 1909/2014, p. 40, grifo do autor); tendo o inconsciente sentidos opostos à consciência, isso responde como o amor intenso do paciente é, também, a condição para um ódio recalcado. O mestre da psicanálise detém-se mais demoradamente nesse assunto e deixa margens para considerarmos esses afetos em seus aspectos temporais no obsessivo:

[...] sua esposa, digamos — ele se empenhará em ter um sentimento homogêneo, e por isso, como fazem universalmente os seres humanos, revelará os defeitos que poderiam provocar sua aversão, deixará de enxergá-los, como que engeuecido. Logo, justamente o grande amor não admite que o ódio (assim designado caricaturalmente), que deve ter alguma fonte, permaneça consciente... porque o amor não foi capaz de eliminar o ódio, como habitualmente sucede quando há duas emoções opostas. Pode-se apenas supor que o ódio esteja ligado a uma fonte, um motivo que o torne indestrutível. Logo, tal nexos impede, por um lado o desaparecimento do ódio ao pai e, por outro lado, não deixa que se torne consciente o grande amor a ele, de modo que só lhe resta a existência no inconsciente, do qual pode emergir subitamente em alguns instantes (FREUD, 1909/2014, p. 40-41).

Há duas questões relativas ao tempo que devem ser levantadas nessa parte do trabalho: o desejo antigo da morte ao pai e o recalçamento do amor e do ódio. A premissa que Freud acentua de como o “medo corresponde a um *desejo* antigo” (FREUD, 1909/2014, p. 40, grifo do autor) é uma prerrogativa que justificaria o ódio anterior ao amor. Nessa temporalidade primeira, o segundo afeto poderia aparecer à consciência propondo uma ilusão de um sentimento homogêneo, uma vez que o ódio, surgindo primeiro, sucumbiu ao recalque no momento seguinte e causaria a impressão de desvincular-se em sua totalidade do amor. Isso promoveria a ilusão (por isso caricatura) de síntese: “justamente o grande amor não admite que o ódio (assim designado caricaturalmente), que deve ter alguma fonte, permaneça consciente” (FREUD, 1909/2014, p. 41).

O ódio seria o primeiro afeto a surgir e sucumbir (como demonstrado nas atividades agressivas sentidas com prazer) porque sua fonte pulsional representaria as primeiras distinções do mundo interno e externo e “embora a indiferença tenha sido antes a precursora do ódio, ela deve ser inserida como um caso especial do ódio, da aversão” (FREUD, 1915a/ 2004, p. 159). Por isso podemos dizer que “em rigor, não há, de início, diferença entre o externo, o objeto e o odiado” (FREUD, 1915a/ 2004, p. 159). A simples questão de onde há amor também haverá ódio, explicitando a ambivalência paterna de Ernst, destaca-se da seguinte forma:

Se mais tarde o objeto se revelar como uma fonte de prazer, ele passará a ser amado, mas também será incorporado ao Eu, de modo que para o Eu-prazer purificado, mais uma vez, o objeto coincidirá com o que é estranho e odiado (FREUD, 1915a/ 2004, p. 156).

Vemos com clareza como esses dados metapsicológicos de 1915 remetem-se às resoluções clínicas que lemos no caso do Homem dos Ratos, ligando a relação do amor-ódio com a constituição do Eu. No medo e no desejo antigo marcado pelo ódio (morte ao pai) temos como um “impulso hostil contra uma pessoa amada é que está submetido ao recalque” (FREUD, 1915b/ 2004, p. 185); logo, temos a volta do ódio ao próprio sujeito por meio da transformação de sadismo em masoquismo, produzindo as recriminações e a culpabilidade sentidas por Ernst.

A manifestação dos seus impulsos eróticos na infância estava em paralelo com a hostilidade ao pai, sendo essa sua fonte pulsional responsável pela indestrutibilidade dos desejos ambivalentes: seus sentimentos eróticos sempre percebiam “o pai como um *estorvo* de algum modo” (FREUD, 1909/2014, p. 42, grifo do autor).

Com isso, Freud indicará mais uma importante questão temporal nessa clínica. A intermitência de perceber seus sentimentos hostis ao pai, tidos por longos intervalos de tempo, estava relacionada com a “precoce explosão de sua sensualidade” e que “de imediato verificou-se nela um considerável amortecimento” (FREUD, 1909/2014, p. 42). A lógica é a mesma dos tempos do traumático. O ressurgimento dos intensos sentimentos amorosos seria o responsável pelo reaparecimento da hostilidade, reproduzindo a sexualidade traumática infantil e deflagrando as particularidades intrínsecas da relação amor e ódio.

Ao fator de sua explosiva sensualidade precoce, Freud parece apontar algo como se o desejo não encontrasse no sujeito uma divisão delimitativa entre o mundo externo e o interno, de modo que amor e ódio estariam vinculados a pontos indistintos:

O desejo (de eliminar o pai como sendo um estorvo) devia ter se originado em um tempo em que a situação era muito diferente, em que talvez não amasse o pai mais do

que a pessoa desejada sensualmente, ou em que não fosse capaz de uma clara decisão, isto é, cedo na infância, antes dos seis anos de idade, antes que sua memória se tornasse contínua, e isto permaneceu assim para sempre (FREUD, 1909/2014, p. 43)

O tempo de explosão sensual precoce parece se vincular com duas hipóteses ligadas ao amor-ódio e para isso Freud nos deixa duas opções: uma anterioridade de querer eliminar o pai em prol do objeto amado ou um tempo ainda mais remoto, em que não se pudesse tomar decisão alguma. Vamos continuar a narrativa clínica para os possíveis desdobramentos da questão.

Nos assuntos subsequentes ao caso, Ernst fala de uma série de ideias com amor e ódio (morte): ao irmão, à mulher com quem o irmão se casará, à mulher que venera e a outra mulher com quem se casaria. A morte do pai deflagraria os impulsos reprováveis, caracterizando um dos núcleos do desejo de Ernst e condicionando sua patologia a uma expressão como o luto de duração indefinida, nos diz Freud.

O estado de enlutamento implica um tratamento do tempo que nos interessa. Trata-se de um processo que estabelece uma manutenção temporalmente paralisada dos objetos, remetendo ao próprio Eu a possibilidade de, também, paralisar-se. A predisposição paralisante é representada pelo modo como “a libido se apega a seus objetos e, mesmo quando dispõe de substitutos, não renuncia àqueles perdidos” (FREUD, 1916a/2010, p. 250). O luto remete-se ao objeto pai do paciente e o modo como Freud percebe sua duração indefinida, não renunciando a esse objeto, já é prólogo de uma inibição paralisadora vinculada à identificação paterna.

A história clínica prossegue em um comentário sobre a difícil tradução das ideias obsessivas. Freud nos adverte que não devemos nos deixar enganar por sua aparente insolubilidade, que devemos situá-las “em relação temporal com as vivências do paciente, ou seja, ao pesquisar quando surgiu primeiramente uma ideia obsessiva particular e em que circunstâncias externas costuma se repetir” (FREUD, 1909/2014, p. 47).

A aparência insolúvel das ideias é o que faz combinação com a duração indefinida, mas isso pode ser averiguado pelo nexos entre as vivências e os pensamentos obsessivos dos pacientes, trazendo a repetição como seu fator característico. É isso que Freud retrata como uma dimensão temporal, trazendo para o tratamento o que “houver de enigmático e digno de conhecimento na formação patológica, sua significação, o mecanismo de sua gênese, sua derivação das forças instintuais psíquicas decisivas” (FREUD, 1909/2014, p. 47).

Para isso, há um exemplo claro do Homem dos Ratos: seu frequente *impulso de suicídio* (FREUD, 1909/2014, p. 47, grifo do autor). Os inconscientes desejos homicidas às pessoas que tinha certo afeto voltavam-se para ele mesmo como punição por tais sentimentos: “todo o processo vai à consciência do obsessivo, acompanhado pelo mais veementemente afeto, *em ordem inversa* — a ordem de punição antes, e no fim a menção do desejo condenável” (FREUD, 2014/1909, p. 48-49, grifo do autor). O tempo da consciência que deflagra apenas a ordem de punição omite uma “anterioridade-simultânea” dos processos inconscientes da agressividade aos seus mais estimados. A antecipação autopunitiva apresenta-se como um recurso obsessivo para estipular suas defesas, não sendo incomum essa punição vincular-se aos atos cerimoniais.

Recordemos que “tudo nos atos obsessivos tem significado e pode ser interpretado. O mesmo vale para o cerimonial propriamente” (FREUD, 1907/2015, p. 307). Podemos ler que, certa vez, sobre um impulso de suicídio indireto, não foi tão claro encontrar seu nexos pelas vias associativas, mas uma história denunciou sua significação sobre a formação patológica.

Um dia, em uma estadia de veraneio, achou que estava muito gordo [*dick*, em alemão], que precisava *emagrecer*. Ele começou a levantar-se da mesa antes do pudim, correndo pela rua sem chapéu, no sol de agosto, e subindo a montanha em passo rápido, até que tinha de parar, coberto de suor. A intenção de suicídio por trás dessa mania de emagrecer apareceu abertamente uma vez, quando à beira de uma escarpa, surgiu o imperativo de que pulasse, o que certamente acarretaria a morte. A explicação para este absurdo ato obsessivo lhe ocorreu apenas quando lembrou, de repente, que naquela época a sua amada também se encontrava na estação de férias, mas acompanhada de um primo inglês que se desdobrava em zelos por ela, e do qual ele sentia muito ciúme. O nome do primo era *Richard* e, como é costume na Inglaterra, chamavam-no *Dick*. Ele queria matar esse Dick, tinha muito mais raiva e ciúme dele do que podia confessar a si mesmo, e por causa disso impôs-se, como autopunição, a dor daquele tratamento de emagrecer. (FREUD, 1909/2014, p.49, grifo do autor)

O elemento comum aos impulsos autopunitivos do paciente liga-se ao aparecimento de alguém como obstáculo para seu amor: “Embora este impulso obsessivo pareça diferente da ordem de suicídio anterior, um traço significativo é comum aos dois, o surgimento como reação a uma raiva enorme, inapreensível à consciência, a alguém que aparece para atrapalhar seu amor” (FREUD, 1909/2014, p. 49-50).

Esse momento obsessivo remete-se à ideia do pai como obstáculo aos prazeres libidinosos sentidos na infância e deriva de um imperativo aparentemente incompreensível, uma medida protetora em “que *nada podia acontecer à amada*” (FREUD, 1909/2014, p.50, grifo do autor). Mas Freud antecipa uma pista dessa ideia impositiva, no rodapé da página: “Acrescentemos: ‘de que ele pudesse ter culpa’” (FREUD, 1909/2014, p.50).

Durante um dia de partida da donzela, Ernst chegou a tropeçar em uma pedra “no meio da estrada e *teve* de afastá-la para o lado” (FREUD, 1909/2014, p. 50, grifo do autor) considerando que o veículo dela passaria ali e a pedra poderia danificá-lo. Logo em seguida, veio-lhe esse pensamento como um absurdo “e *teve* de voltar e colocar a pedra no mesmo lugar. Depois que ela partiu, foi tomado de uma *obsessão de compreender*” (FREUD, 1909/2014, p.50-51, grifo do autor).

Remetemos essas ordens obsessivas (ter que retirar e ter que colocar a pedra, como bem assinala Freud) mais uma vez com a situação que já citamos em “As neuropsicoses de defesa”, ou seja, a questão da defesa perpétua: “uma defesa perpétua vai erigindo contra representações sexuais que reemergem continuamente — ou seja, um trabalho que ainda não chegou a sua conclusão” (FREUD, 1894a/2006, p.60). A defesa recebe o adjetivo de perpétua pelo seu sentido inconclusivo ou indefinitivo. Isso fica demarcado na divisão psíquica quando o impulso hostil vem seguido de sua reação contrária. Dessa forma, arrependimento e penitência, assim como na religião, configuram a temporalidade da repetição cerimonial.

O relato da pedra, que poderia prejudicar o veículo de sua amada, nos indica um desejo agressivo em relação a ela. Esse afeto viria de um mal-entendido a partir do qual a donzela amada supostamente queria “repudiá-lo ante pessoas presentes” (FREUD, 1909/2014, p.51). Apesar de deixar a história da pedra de lado, e ver o absurdo do caso, ele volta-se à obsessão de compreender o estatuto do mal-entendido até ser esclarecido que ela “quisera antes protegê-lo do ridículo” (FREUD, 1909/2014, p. 51).

Essa questão despontava nele um deslocamento generalizado: “Depois disso você não pode novamente entender mal alguém, se quiser evitar um sofrimento inútil” (FREUD, 1909/2014, p. 51). Essa obsessão que incluía “a insatisfação e dúvida quanto à repetição do que foi escutado” (FREUD, 1909/2014, p. 51) gerou a consequência representativa de como a ideia da pedra poderia machucar a amada: “A obsessão protetora não pode significar outra coisa senão a reação — arrependimento e penitência — a um impulso contrário, ou seja, hostil, dirigido à amada antes do esclarecimento” (FREUD, 1909/2014, p. 51-52).

A ideia da pedra, como uma ação protetora da “anterioridade-simultânea” ao sentimento hostil, define a antecipação preventiva do impulso agressivo sentido pela amada. Os parâmetros da dúvida e da insatisfação nos recordam algo digno do trabalho de Sísifo, o Titã. Na mitologia grega ele era o rei de Ephyra (atual cidade de Corinto) e foi condenado pela

crônica traiçoeira de ser obrigado a erguer uma imensa rocha até o topo da montanha, só para vê-la rolando abaixo, e repetir esse ato eternamente.

[...] o caso é que Sísifo recebeu um castigo exemplar. Os Juízes dos Mortos mostraram-lhe um enorme bloco de pedra — do tamanho extado daquele em que se havia transformado Zeus quando fugia de Asopo — e ordenaram-lhe que que o rolasse encosta acima até o topo de uma montanha e depois o soltasse encosta abaixo pelo outro lado. Ele jamais conseguiu fazer isso. Sempre que esteve prestes a alcançar o topo, o peso da ignominiosa pedra o obrigava a retroceder, e ela ia rolando de volta ao sopé da montanha. Dalí ele a recuperava, extenuado, e se punha novamente a carregar o fardo montanha acima, apesar do suor que lhe encharcava os membros e da nuvem de poeira que se erguia sobre sua cabeça (GRAVES, 2018, p. 334).

A dúvida e a insatisfação, tanto dos atos como das representações (ideias) obsessivas, seriam como a pedra reerguida pelo mais astuto dos mortais (“... os gregos tenham entendido ‘Sísifo’ com o significado de ‘muito sábio’” (GRAVES, 2018, p. 334)), condenada a sempre sucumbir quando “esteve prestes a alcançar o topo”. Por essa metáfora podemos dizer que a penitência, como uma tentativa de erguer ou empurrar a pedra até o topo, já aponta um produto de compromisso e deformação do desejo transformado em agressividade dirigida à própria pessoa. É nesse sentido “que o sintoma obsessivo representava a *efetividade* de uma experiência sexual e a sua *interdição*” (DAVID-MÉNARD, 2000, p. 151, grifo nosso).

Repetir-se, tal como Sísifo, esboça que na realização da tarefa algo já desponta para o seu fracasso. Um “não-realizável” (da morte do pai) com a premissa de restabelecimento da tarefa. Eis o critério da repetição ritualística, um tempo de vai-e-volta que parece não ir e nem voltar, abrindo a divisão subjetiva com uma temporalidade rítmica.

A respeito disso, destacamos o sentimento moral e conscienciosidade de Ernst como prenúncio de uma instância que se relaciona com a ritmicidade e o simbólico: o Supereu. Proteger a amada demonstrou modos de preparo para o futuro em uma ritmicidade orientada pela ordem superegóica: Ter que tirar/ ter que colocar a pedra.

O pensamento obsessivo de lesão ou morte que poderia incorrer à dama indica as ideias de agressividade e ódio sentidas por Ernst. A disputa de amor e ódio fica patente pela manifestação dos atos obsessivos, evidenciando o conflito do Eu referente às exigências superegóicas. Essa dualidade, de sentimentos e atos contraditórios, expressa a dúvida como uma característica marcante nessa neurose. É isso que Freud vai designar na sequência:

A dúvida da obsessão de compreender é dúvida quanto ao seu amor. Em nosso apaixonado há uma luta entre o amor e o ódio que dizem respeito à mesma pessoa, e essa luta é representada plasticamente no ato obsessivo, também simbolicamente significativo, de tirar a pedra do caminho que ela irá percorrer e depois desfazer esse

ato de amor, colocando a pedra novamente onde estava, para que seu veículo nela esbarre e ela se machuque (FREUD, 1909/2014, p. 52).

A dúvida obsessiva se faz presente nesse aspecto de ritmo temporal, envolta da plasticidade que abre o tempo de compreender em dois momentos: um tempo para o amor e outro para o ódio.

Se considerarmos a imagem do movimento pendular, temos um peso na ponta de um fio enquanto sua outra extremidade está fixada, inerte. Dessa forma, assim como o balançar do pêndulo depende de um ponto preso (dentro do movimento oscilatório), os atos obsessivos demonstram sua fixação (tempo de parada) no momento de compreender: “Depois que ela partiu, foi tomado de uma *obsessão de compreender*” (FREUD, 1909/2014, p.50-51, grifo do autor).

As ações de Ernst, desde seus impulsos até as retroações anulativas, tanto na história dos óculos quanto na história da pedra, estariam sobre o auspício de severo julgamento e cumprimento à ordem. Ela seria derivativa da dúvida de ser amado (basta lembrarmos do mal-entendido sobre a amada “repudiá-lo ante pessoas presentes”) que reflete em seu amor ao outro: se o outro não o ama, por que amá-lo? A dúvida de seu amor é condicionada pela incerteza, ou falta de garantia, do outro amor. Por isso ele reserva seus esforços para provar seu amor, na tentativa de certa compensação de uma falta no outro, e isso já indicaria sua dualidade em estado nascente. As provas do seu amor, como averiguação de garantias, já revelam a própria dispersão do amor vinculada ao caso. É por isso que a “dúvida da obsessão de compreender é dúvida quanto ao seu amor” (FREUD, 1909/2014, p. 54):

O que o Outro pede é amor, um amor exclusivo. O objeto demandado é prova desse amor. Essa demanda insaciável suscita a oscilação da dúvida: *ou amor ou desejo; ou o moi ou o dejetto*. E isso tanto mais porque não há amor sem ódio. O obsessivo vai cercar esse eu de todos os cuidados: amor pelo semelhante, outro ele mesmo; ele-dejeto. (LACHAUD, 2007, p.134, grifo do autor)

A obsessão de compreender corresponde à dúvida nas diferentes formas da gramática pulsional: amar-se, amar o outro, ser amado e fazer-se amar. A prova desse amor a ele mesmo, e/ou seus semelhantes, é assinalada por uma demanda de cuidados vinculada ao cumprimento superegóico, ou seja, quanto mais ele tenta obedecer a certos imperativos, mais os deve. O paradoxo refere-se também ao excesso em “cercar esse eu de todos os cuidados”, pois isso é a simples prerrogativa de uma ameaça.

Os cuidados em pagar a dívida dos óculos e proteger o coche da amada se prestariam como provas do amor de Ernst, ao mesmo tempo em que desvelariam o ódio latente

referente ao outro e redirecionado a si. Esse afeto se traduz no inconsciente como destinado a alteridade de modo anterior e, também, simultâneo aos atos e ideias cerimoniais que o neurótico expressa.

A hesitação então aparece caracterizando os atos obsessivos pela dúvida e os pensamentos ganham sua marca pela racionalização das ideias. As tentativas de anulação da primeira ação promovida (ou de, muitas vezes, no que foi pensado), assinalam a anterioridade e simultaneidade do ódio percebido mesmo durante o primeiro movimento. Tal como um pêndulo, a movimentação da neurose obsessiva se encarna em um ritmo conflitivo próprio de seu pensar (pela hibridez dos afetos de amor e ódio) e do seu Eu (enquanto desígnio do que faz com o corpo em seus atos retroativos).

Assim, tanto o tempo do amor quanto o tempo do ódio ganham proporcionalidades de atos oscilatórios, com a premissa de um anular/desfazer o outro. Nas palavras de Freud:

Tais ações obsessivas em dois tempos, em que o primeiro é anulado pelo segundo, ocorrem tipicamente na neurose obsessiva. Elas são naturalmente mal-entendidas pelo pensamento consciente do enfermo e dotadas de uma motivação secundária — *racionalizadas*. Seu verdadeiro significado, porém, está na representação do conflito entre impulsos contrários de magnitude aproximadamente igual, pelo que até agora pude constatar: sempre a oposição entre amor e ódio (FREUD, 1909/2014, p. 53, grifo do autor).

Há uma satisfação dos opostos de amor e de ódio em tempos diferentes, de modo que a anulação operaria uma marcha ilógica à luz da consciência, levando-se a questionar o sentido da formação do primeiro ato: “os opostos aí são satisfeitos isoladamente, primeiro um e depois o outro, naturalmente não sem que antes se fizesse a tentativa de criar uma espécie de conexão lógica — muitas vezes ao arrepio de toda lógica” (FREUD, 1909/2014, p. 53).

Vemos como “a suposição do inconsciente é *necessária e legítima*” (FREUD, 1915c/2006, p. 19, grifo do autor) para corresponder às ações obsessivas em dois tempos considerando a ausência de contrários. O “conceito” de consciência é gerado na tentativa de resolver essas contradições, sendo essa a premissa da conscienciosidade obsessiva de proteção (vínculo de amor e ódio) ao pai e à moça. Para ambos ele conseguia remeter uma causalidade “ignorada” dos momentos conflitivos, ou seja, sem acentuação de energia psíquica às histórias que lhe caracterizavam a raiva: “ele não avaliava corretamente a profundidade de seus impulsos negativos” (FREUD, 1909/2014, p. 55).

Desse modo, a anulação do acontecido, promovido pelo segundo ato obsessivo, parece participar da energia empenhada em retirar o valor de significação da primeira ação. O

“arrepio lógico” é fazer como se o feito anterior não tivesse existido, desconsiderando o sentido de um tempo anterior, mas tendo que promovê-lo primeiramente.

A anterioridade temporal só é possível por uma consideração específica pela memória. Diferentemente da típica amnésia dos motivos recentes ocorridos na histeria, o obsessivo preservaria o ensejo traumático recente “subtraindo-lhe o investimento afetivo, de modo que na consciência resta apenas um conteúdo ideativo indiferente, tido por insignificante” (FREUD, 1909/2014, p. 57).

Assim, a tentativa de indiferença ao conteúdo mnêmico é produzida por uma retirada afetiva, preservando e desconsiderando (a suposta anulação do acontecido) uma anterioridade. Enquanto na neurose histérica o recalque operaria com o esquecimento, a neurose obsessiva denunciaria à luz do dia um tempo traumático, indicação “da falta de sentido dos seus atos”. Freud consegue distinguir os mecanismos defensivos das duas neuroses nos seguintes aspectos temporais: “a sensação de que em um caso sempre soube aquilo, e no outro o esqueceu há muito tempo” (FREUD, 1909/2014, p. 57).

O esquecimento histérico direciona mais claramente a um tipo de resgate do passado, uma rememoração. Já a neurose obsessiva conseguiria expor um efeito mais sofisticado, indicado pelo caso de que ele “sempre soube aquilo”. A implicação da falta de sentido da constatação traumática produziria um saber desvalorativo e por isso falamos de um tempo do traumático à luz do dia. Isso pode ser analisado pela desqualificação do dito e da falta de sentido dos atos obsessivos. Lembremos dois episódios da narração freudiana.

No primeiro ele percebe a expressão da face de Ernst ao narrar como o suplício dos ratos poderia atingir a mulher amada: “posso entender apenas como *de horror ante um prazer seu que ele próprio desconhecia*” (FREUD, 1909/2014, p. 27, grifo do autor). Em outro momento, deflagrando que a tortura dos ratos lhe veio em pensamentos não só para uma pessoa amada, mas também para o pai, Ernst expõe sua implicação com a memória citando uma frase de Nietzsche: “‘Eu fiz isso’, diz minha memória; ‘eu não posso ter feito isso’, diz meu orgulho, e permanece inflexível. Por fim — a memória cede.” (FREUD, 1909/2014, p. 44). E conclui: “‘Nisso minha memória não cedeu’” (FREUD, 1909/2014, p. 44).

Freud aproveita o ensejo para a seguinte resposta: “Justamente porque você, para castigar a si mesmo, tira prazer de suas recriminações.” (FREUD, 1909/2014, p. 44). Ele ainda articula esse ponto em uma nota de rodapé, na qual enfatiza que a temporalidade da culpa

contraria a negação de que Ernst nunca “tivera desejo ruim em relação ao pai” (FREUD, 1909/2014, p. 44). Vemos como esse aspecto temporal da culpa deflagra a forma em que a neurose obsessiva utiliza-se de uma temporalidade traumática para promover suas defesas. Com base nesses indicativos, podemos retomar a questão que formulamos, mais agora com mais clareza em sua resposta: Em que tempo pode um neurótico obsessivo sucumbir/descobrir toda uma Pompeia? Na temporalidade trazida pela memória que, mesmo sendo utilizada como álibi das incertezas, traz onde sua culpabilidade não lhe permite se refutar da implicação.

Seguindo com a história clínica, percebemos como a própria causa da doença expõe uma culpabilidade conduzida pelo ato de lembrar. Em um plano de identificação com o pai, Ernst narra que esse teve afetos por uma moça, mas preferiu casar-se com sua mãe por suas condições financeiras. Na situação presente ao desencadeamento da doença, ele se vê em um plano (da família) no qual pode se casar com a filha de parentes abastados, mas isso lhe despertou o conflito de como manter-se com a garota que realmente amava. Assim, Freud nos fala que a dúvida entre “o seu amor e a persistente vontade do pai, ele resolveu adoecendo, ou, melhor dizendo: ele subtraiu-se, mediante a enfermidade, à tarefa de resolvê-lo na realidade” (FREUD, 1909/2014, p. 60).

Isso lhe afeta com uma inibição de trabalho, em que há referência direta à temporalidade: “o fez adiar por anos a conclusão dos estudos” (FREUD, 1909/2014, p. 60). O adiamento tomado pela enfermidade justifica também sua indecisão sobre o casamento. Freud distingue, em uma retroação temporal, que as consequências do adoecimento são na verdade a causa dele: “o resultado da doença já estava na intenção dela; o que parece ser consequência é, na realidade, a causa, o motivo do adoecimento” (FREUD, 1909/2014, p. 60). Essa referência indica como a neurose obsessiva tem em sua estratégia defensiva o tempo.

Para Gazzola (2002), em “Estratégias na neurose obsessiva”, o obsessivo se utiliza de uma estratégia temporal para guardar o lugar do pai morto e para ele mesmo se passar por morto, o que exemplificaria como uma prisão temporal:

[...] ele já pulou uma geração, ao esposar a causa do pai. Ele não tem passado, pois a respeito do passado só faz lamentar o tempo perdido, lamentar o que não fez. Claro, pois o seu desejo não era verdadeiramente o seu, era aquele de um Outro [...] Ele não tem presente pois no presente ele deixa o tempo passar, sem se mexer. Não tem futuro também, pois o futuro imediato é sempre adiado [...] Ora, alguém que é sem passado, sem presente e sem futuro é um morto [...] Guardar uma temporalidade fixa é uma boa forma de se fingir de morto. (GAZZOLA, 2002, p.152)

Entretanto, Ernst nega que a dúvida paralisadora tivesse esse efeito com relação ao casamento. Isso ressurgue com um novo ensejo temporal sobre a transferência, vivenciando

“como novo e atual algo do passado que havia esquecido, ou que apenas inconsciente nele transcorrerá” (FREUD, 1909/2014, p. 61). Trata-se de uma fantasia em que certo desejo por uma das filhas de Freud justificaria a amabilidade e a paciência do analista, querendo tomá-lo como genro. Isso foi rebatido imediatamente pelo “inabalável amor à sua dama” (FREUD, 1909/2014, p. 61). Essa temporalidade de abertura e fechamento que a transferência resgata nos parece um ponto decisivo na análise de Ernst. Vamos abordar essa questão nas conclusões do último capítulo, mas podemos antecipar que o paciente combate o desejo pela filha de Freud remetendo-se a outro amor, sem destacar um temor proibitivo à sua escolha.

À base de sua identificação com o pai morto desponta a realidade da dúvida de outrora para uma atualização na transferência. Freud utiliza-se de um sonho do Homem dos Ratos para elucidar o traço identificatório: “*Ele vê minha filha à sua frente, mas ela tem duas bolas de excremento no lugar dos olhos*. Para qualquer um que compreenda a linguagem dos sonhos a tradução é fácil: *Ele não se casa com minha filha por seus belos olhos, mas por seu dinheiro*” (FREUD, 1909/2014, p. 61, grifo do autor).

Como já dissemos anteriormente, essa marca conflitiva do pai como obstáculo ao desejo já vinha desde a infância. Eles tinham um ótimo relacionamento amigável, exceto pelo estorvo do pai à sua paixão pela dama pobre. Isso o levava às “suas ideias obsessivas infantis, que ele pôde desejar que o pai morresse” (FREUD, 1909/2014, p. 62-63). A resultante freudiana foi destacar como “no âmbito da sexualidade surgia uma diferença entre pai e filho, e que o pai ficara em decidida oposição ao erotismo precocemente despertado no filho” (FREUD, 1909/2014, p. 63).

Mais uma vez lemos o tom da sexualidade tomada em medida precoce, sendo que o prazer sentido em seu primeiro ato de coito proporcionou-lhe a ideia: ““Mas isso é ótimo; por isso bem se poderia matar o próprio pai”” (FREUD, 1909/2014, p. 63). Freud percebe esse enunciado como, “simultaneamente, um eco e uma explicitação de suas ideias obsessivas infantis” (FREUD, 1909/2014, p. 63).

Com esse ensejo, recordamos o caso em que a temporalidade sensual precoce despertada por Ernst tomava duas hipóteses: uma anterioridade de querer eliminar o pai em prol do objeto amado ou um tempo ainda mais remoto, em que não se pudesse decidir.

Suspendemos um pouco essa questão porque, até então, o leitor deve ter notado como tudo se encaminhava para que a indecisão, marcada pela dúvida obsessiva, representasse a explosão sexual precoce despertada. Todavia, ao lermos no eco infantil que se poderia matar

o pai em prol do prazer com o objeto amado, temos uma temporalidade do ódio anterior ao amor. Um tempo indicando as pulsões narcísicas agressivas que serão primeiramente recalçadas, gerando as formações reativas da proteção e a supermoral no obsessivo. Abordaremos mais sobre isso no final da dissertação.

A oposição do pai ao desejo pela mulher pobre, advertindo-o como “não era prudente e que ele se exporia ao ridículo” (FREUD, 1909/2014, p. 63), tinha a mesma entonação do obstáculo infantil aos componentes sexuais. Depois da morte paterna, teve uma compulsão à masturbação que foi contida pelo sentimento de vergonha (significante da “exposição ao ridículo” ao qual o pai assinalara). Voltava a praticá-la em algumas poucas ocasiões sentindo-se impelido a fazê-lo, havendo em comum, em todas elas, “a proibição e o desafio a uma ordem” (FREUD, 1909/2014, p. 65).

Conseguiu resgatar os estudos em uma fantasia de que pai ainda estava vivo e poderia retornar a qualquer momento. Assim, estudava noite à dentro deixando a porta que dava ao corredor aberta e voltava para contemplar seu pênis no espelho. Esse pequeno ritual conseguia agradar o pai, que lhe tomava de modo relapso nos estudos, e desafiá-lo com a exposição da nudez do pênis. Com esses dois tempos, “exprimia os dois lados de sua relação com o pai, tal como faria depois com a mulher que amava, no ato obsessivo da pedra na estrada” (FREUD, 1909/2014, p. 66).

Em outro relato, referindo-se a sua infância, destacou que após ser advertido e surrado pelo pai, começou a lhe falar mal com nomes de objetos quaisquer: “‘Seu lâmpada! Seu lenço! Seu prato!’ Etc.” (FREUD, 1909/2014, p. 67). O pai, parando de lhe bater, afirmou: “‘Esse menino será ou um grande homem ou um grande criminoso.’” (FREUD, 1909/2014, p. 67). Freud, em uma pequena nota de rodapé, acrescenta que faltou ao presságio paterno uma terceira opção: a neurose. O autor faz esse acréscimo resgatando uma etiologia que vai se insistindo — a sexualidade precoce/prematura: “As alternativas eram incompletas. O pai não pensou no resultado mais frequente de paixões assim prematuras, a neurose.” (FREUD, 1909/2014, p. 67).

A lembrança pela qual sofrera tal punição não pôde ser recordada, mas sua mãe lhe contou que o ocorrido se deu por uma “mordida” e que ele merecera o castigo. Curioso não haver menção ao caráter sexual do delito, mas nessa hora Freud abre uma longa nota de rodapé em que tentaremos retomar os trechos principais ao nosso interesse de pesquisa:

[...] a atividade sexual infantil parece atingir o apogeu e, devido um acidente ou uma punição, termina frequentemente de modo catastrófico... as “lembranças infantis” das pessoas vêm a se estabelecer apenas em uma idade posterior (em geral na época da puberdade), sendo então submetidas a um complicado processo de reelaboração, inteiramente análogo à formação de lendas de um povo acerca de sua história primitiva. Pode-se claramente perceber que o indivíduo em crescimento procura, nessas fantasias relativas à sua primeira infância, apagar a lembrança de sua atividade *autoerótica*, na medida em que eleva seus traços mnemônicos ao nível do amor objetal, como um historiador que busca enxergar o passado a luz do presente... não mencionar a natureza sexual da ofensa pela qual o menino foi castigado pode se dever à própria censura, já que em todos os pais é precisamente isso que a censura se esforça por eliminar do passado dos filhos. (FREUD, 1909/2014, p. 68-69, grifo d’o autor)

O critério de como as lembranças infantis lembram as lendas da história primitiva de certo povo e como o indivíduo (sujeito) se faz historiador para enxergar o passado à luz do presente, remete-se à temporalização dos casos clínicos. Ou seja, tomá-los por uma construção de um saber (passado e presente-futuro) inconsciente ao qual a transferência dá acesso. Por isso Freud segue a narrativa descrevendo o seguinte episódio: “[...] veio a suceder, em sonhos, devaneios e pensamentos espontâneos, que ele xingasse a mim e meus parentes do modo mais grosseiro e vil, enquanto me testemunhava sempre um enorme respeito” (FREUD, 1909/2014, p. 69-70).

Tomar Freud com lisonjeio e afeto, para em seguida revelar seu teor agressivo, corresponde ao destino pulsional de elevar a lembrança (os traços mnemônicos) ao nível de amor objetal, ou seja, ligar-se ao objeto que o analista representa para atualizar a cena inconsciente. Isso consegue estipular como a presença do analista “é ela própria uma manifestação do inconsciente” (LACAN, 1964/2008, p. 125), dando condições de possibilidade à manifestação do tempo de abertura e de fechamento do inconsciente em seu movimento que “exige *re-conhecimento*” (ASSOUN, 1995). Por isso, as analogias freudianas sobre uma “formação de lendas de um povo acerca de sua história primitiva” e “como um historiador que busca enxergar o passado a luz do presente” parece-nos indicar a pulsação temporal e sua função de restituir a continuidade de uma história. Acompanhemos com o psicanalista francês Jacques Lacan:

Se o inconsciente é aquilo que se tranca uma vez que se abre, segundo uma pulsação temporal, se a repetição, por outro lado, não é simples estereotipia da conduta, mas repetição em relação a algo sempre faltoso, vocês vêem desde já que a transferência — tal como a representamos, como modo de acesso ao que se esconde no inconsciente — só poderia ser, por si mesma, uma via precária... Se a transferência pretende, através da repetição, restituir a continuidade de uma história, ela só o fará fazendo ressurgir uma relação que é, por sua natureza, sincopada. (LACAN, 1964/2008, p. 142)

É sobre a mediada que a transferência abre o não-sentido do trauma, inscrevendo fragmentos e restos de um tempo travestido em outro e conduzindo uma tessitura temporal na

restituição da “continuidade de uma história”. A cena inconsciente em uma presença de tempo contínuo, embora, submetida às temporalidades distintas em sua organização consciente.

No decorrer da narrativa, vemos como o suplício dos ratos acabou demonstrando seu “vínculo com a cena infantil em que ele mesmo havia dado mordidas” (FREUD, 1909/2014, p.78), assim como o capitão cruel acabava representando seu pai. A associação dos ratos consigo mesmo e com as crianças de modo geral levou a trazer uma informação que havia desprezado, “mas que agora esclarecia o interesse que nutria por crianças. A mulher que ele adorava havia anos e que não pudera se decidir a esposar estava condenada a não ter filhos... esse era o principal motivo da hesitação” (FREUD, 1909/2014, p.78).

Os temores punitivos estipulados pela cena dos ratos e do possível incidente ao coche da amada indicavam a animosidade referente ao pai e à donzela. Ou seja, tanto o pagamento da dívida do pincenê quanto a hesitação ao casamento eram repercussões de autopunição pelo sentido inconsciente de seu desejo: “Mas o delito fora cometido, as duas pessoas que lhe eram mais caras, o pai e a amada, foram insultadas. Isso requeria punição, a qual consistiu na autoimposição de um juramento impossível de ser cumprido” (FREUD, 1909/2014, p.80).

Encontramos nas respostas de Ernst uma impossibilidade que marca um determinado aspecto temporal, a acepção da consequência futura como prerrogativa do fim de sua jornada obsessiva (ato obsessivo): “Sim, pagarei o dinheiro a A. quando meu pai e minha amada tiverem filhos’, ou: ‘É tão certo que lhe pagarei o dinheiro quando meu pai e ela poderem ter filhos’. Ou seja, uma afirmação derrisória ligada a uma condição absurda, irrealizável” (FREUD, 1909/2014, p. 80), permanecendo na dúvida.

Acerca dessas manifestações o psicanalista francês Paul-Laurent Assoun formula: “... é realmente para esse ato impossível que tenderia a ação obsessiva, como assíntota. É por *não* fazê-lo que o obsessivo repete seu ato derrisório, mas é a esperança de fazê-lo um dia que sustenta sua repetição sem fim” (1995, p.210).

É por essa razão que a fatalidade da sintomatologia obsessiva, os atos e os sentimentos que assinalavam a oscilação de Ernst encontravam seu núcleo duro e inerte na dúvida, mantendo-se nela para marcar certa inconclusão e impossibilidade.

Haviam aumentado as dúvidas quanto ao falecido pai e as incertezas quanto ao valor da amada. Nesse estado de ânimo deixou-se levar ao denegrecimento dos dois, e então punia a si mesmo por isso. Dessa maneira repetiu um velho modelo. Quando, ao fim

das manobras, hesitou bastante em ir para Viena ou ficar e cumprir o juramento, representou de uma só vez os dois conflitos que desde sempre o agitavam: se devia obedecer ao pai ou permanecer leal à amada (FREUD, 1909/2014, p.81).

Freud encerra a história clínica falando da dificuldade e da gravidade em solucionar as ideias obsessivas, mas afirma ter obtido êxito em acabar com o delírio dos ratos, no que escutamos ter havido uma análise bem-sucedida (no prefácio à história clínica: “cujo tratamento, durando cerca de um ano, obteve a princípio a recuperação plena da personalidade, e o fim de suas inibições” (FREUD, 1909/2014, p. 14)).

Ainda nos interessa comentar alguns pontos da última citação freudiana para fechamento do capítulo. Primeiro, vale dizer que a punição mencionada é correspondente às características que Freud enumera ao Supereu: severo, cruel e tirânico (podemos acrescentar “obsceno”, com as leituras de Jacques Lacan). Isso traduz como os atos de dever e de cumprimento à ordem eram tomados.

Levantamos esse aspecto para nos alçarmos em um segundo comentário. Utilizávamos da metáfora do pêndulo para representar os aspectos temporais no obsessivo, ou seja, manobras demonstrando as temporalidades dos atos que tentavam dar conta da divisão psíquica. Para tanto, a dúvida era estabelecida como ponto articulador e condição metapsicológica dos atos e pensamentos contraditórios: “os dois conflitos que desde sempre o agitavam: se devia obedecer ao pai ou permanecer leal à amada” (FREUD, 1909/2014, p.81).

Agora, nossa comparação é de um relógio com os ponteiros ou numerais parados, representando o “fim das manobras” para explicitar a hesitação. Em dois momentos do dia eles “acertariam” a hora, nos demais, o que restaria é a espera. Assim como no caso, os pensamentos e atos na neurose obsessiva esperam que haja uma adequação de seu momento de compreender com a parada do outro (o congelamento da sucessão temporal do dia).

Pagar a dívida (que é dupla, do pai e sua) e casar-se tornam-se um dever irrealizável, colocando um tipo de paralisação temporal sobre o credor e o amor. Falamos “parada do outro” porque a alteridade não está descartada ou excluída, ao contrário, há todo um esforço para atendê-la, ao mesmo tempo que não. Atender a demanda do outro é determinado em um ato de impossibilidade, que marca uma parada por uma fantasia irrealizável: “quando meu pai e minha amada tiverem filhos”, “quando meu pai e ela poderem ter filhos”.

O obsessivo, como um relógio parado, parece visar o congelamento do outro para chegar em alguma garantia, fechamento ou “não-alternância”, que refletirá em si mesmo e em

suas ações. Já que nenhum vivo pode conferir-lhe uma identidade substancial, algo assim só pode ser estipulado por uma alteridade morta. A única possibilidade de pensar uma temporalidade estática é considerar o passado como aquilo que está morto, feito, realizado e imutável. O que recai, também, na forma de um futuro que se cumprirá conforme uma causalidade necessária e incontornável, um futuro já prostrado.

Porém, o congelamento do outro como uma alteridade morta ainda não é exatamente excluí-lo ou descartá-lo. É fazê-lo vivo-morto em um esquema de livrar-se dele como um obstáculo obsoleto, no aspecto de um tempo ultrapassado, mas concluído e fora de uso. Suas manobras e oscilações obsessivas, todas com um fundo de hesitação, parecem demandar simbolicamente do outro a realização de seu próprio irrealizável que ele encarna. Ou seja, que o outro se comprometa com seu compromisso, pois ele já fez todo o possível. Isso levaria a um jogo cuja responsabilização própria já foi extenuada, restando apenas ações dedicadas a um tempo cíclico e inconclusivo.

Todos os esforços dos planos de pensamento e atos cerimoniais seriam truques para suas considerações sem deliberação, atos derrisórios nos quais o que se acelera é a própria espera. Por isso, seu correlato lamento, demonstrado por “uma temporalidade específica, marcada por um ‘tarde demais’” (RIBEIRO, 2003, p. 26).

3.2.3.1 Algumas características gerais das formações obsessivas

Freud começa a enfatizar os pontos da teoria psicanalítica desde considerações anteriores ao caso de Ernst Lanzer. Inicia sua elaboração destacando o teor sexual sentido com prazer na infância em meio a alguma ação prática e reprimida, colocação formulada desde 1896 e referente às “Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa”.

O autor toma o pensamento obsessivo como um dos modos centrais nessa neurose, definindo-o como um híbrido de pensamentos contrários que estipulam uma luta secundária sobre as ideias que entram na consciência. O conteúdo ideativo seria combatido e situado com certo teor de racionalidade, o que produziria algumas formações delirantes no ápice conflitivo. Seu mecanismo psíquico atuaria retirando o grau afetivo do conteúdo ideativo, tais “como desejos, tentações, impulsos, reflexões, dúvidas, ordens e proibições” (FREUD, 1909/2014, p. 83).

A hibridez das lutas primárias e secundárias provoca um modo particular em que “os doentes ignoram o teor de suas próprias ideias obsessivas” (FREUD, 1909/2014, p. 84,

grifo do autor). Seus pensamentos carregam impulsos, tentações ou algum desejo súbito que foi substituído pela formulação de conteúdos preventivos e contrários às primeiras intenções. Suas ideias carregam, “em sua deformação relativa ao teor original, os traços da luta defensiva primária” (FREUD, 1909/2014, p. 85). O sentido deformado da ideia obsessiva atinge o pensamento consciente, mas esse “é obrigado a entendê-la mal como ao conteúdo onírico, que é ele mesmo um produto de compromisso e deformação e é também mal-entendido pelo pensamento desperto” (FREUD, 1909/2014, p. 85-86).

Essas ideias aparecem pertencentes ao pensamento consciente com um sentido supersticioso (baseado na onipotência dos pensamentos), contendo deformações elípticas (fragmentos de resoluções indicando premissas ou suposições que devem ser fontes causais, mas não explicitadas). Freud indicará um tipo de abordagem sobre o passado da formulação ideativa do obsessivo:

[...] os processos psíquicos inconscientes irrompem na consciência da forma mais pura e menos desconfigurada, que tal irrupção pode ocorrer desde qualquer estágio do processo inconsciente de pensamento, e que as ideias obsessivas, no instante da irrupção, geralmente podem ser reconhecidas como formações há muito existentes. Daí o notável fenômeno de que, quando se busca com o neurótico obsessivo a primeira aparição de uma ideia obsessiva, ele tem de recuá-la sempre mais no decorrer da análise, sempre achando novos “primeiros” ensejos para ela. (FREUD, 1909/2014, p. 90)

Eis que nos aparece um importante apontamento temporal na direção do tratamento. Primeiramente, os processos inconscientes avançam sobre a consciência de um modo cru, ou seja, “da forma mais pura e menos desconfigurada” e isso pode ser reconhecido “como formações há muito existentes”. Desse modo, os atos e os pensamentos conscientes tentam promover em si mesmos os efeitos do recalque, o que se denominará de defesa secundária. Sobre esse modo defensivo, Freud conduzirá o tratamento na busca das primeiras intenções para as formulações obsessivas, notadamente marcadas pelo cumprimento do dever (como vimos no Homem dos Ratos).

Em meio a isso, ele nos adverte como o neurótico recuará “sempre achando novos ‘primeiros’ ensejos”, marcando sua típica estratégia inconclusiva/indefinitiva e fazendo a gênese não cessar de não se inscrever. Freud apreende dessa manobra temporal que o recuo é o próprio avanço. Basta lembrarmos como devemos continuar situando as ideias obsessivas “em relação temporal com as vivências do paciente, ou seja, ao pesquisar quando surgiu primeiramente uma ideia obsessiva particular e em que circunstâncias externas costuma se repetir” (FREUD, 1909/2014, p. 47).

Cada novo ensejo de origem gera uma novidade ficcional dos processos inconscientes que irromperam na consciência, constituindo-se como a própria verdade das formulações “há muito existentes”. Um passado não marcado por uma existência prévia, embora tecido para (re)tomar ficcionalmente seu lugar de passado.

3.2.3.2 Algumas peculiaridades psíquicas dos neuróticos obsessivos — sua relação com a realidade, a superstição e a morte

A superstição e o apego à realidade podem acompanhar simultaneamente o neurótico obsessivo. No entanto, sua oscilação fica marcada por momentos de dúvidas; logo, o próprio critério de simultâneo tem um aspecto temporal de não simultaneidade no sujeito obsessivo. A explicação vem do seguinte modo: chamamos de simultâneo o híbrido de sentimentos e pensamentos contrários, por exemplo, um posicionamento inconsciente pode demonstrar uma resolução supersticiosa, como se algum ato ou pensamento específico fosse consequência necessária para determinado acontecimento. No entanto, ele também pode desprezar sua colocação em grau afetivo e saber conscientemente que a realidade não lhe corresponderia de tal forma, sem deixar de fazer cometer o ato supersticioso.

A divisão psíquica entre consciência e inconsciente provoca que a simultaneidade de dois afetos pode ocorrer deliberativamente em tempos diferentes e, nem por isso, tais afetos deixam de ser simultaneamente presentes, em diferentes instâncias, no psiquismo. Freud comumente nomeia isso de formação ou produto de compromisso e, na neurose obsessiva, podemos vê-lo de maneira nuclear sobre a dúvida que assombra esses sujeitos.

Uma necessária incerteza na vida “é um dos métodos que a neurose utiliza para afastar o doente da *realidade* e tirá-lo do mundo” (FREUD, 1909/2014, p. 94, grifo do autor). Sobre a fórmula de se manter na dúvida há um importante apontamento que situa a gravidade ao caso:

Mas uma vez é bastante claro quanto os doentes se esforçam para fugir a uma certeza e permanecer em uma dúvida. Em alguns essa tendência chega a exprimir-se vivamente na aversão a... relógios, que dão certeza quanto à hora do dia, e nos artifícios inconscientes que empregam para tornar inofensivo os instrumentos que eliminam a dúvida. (FREUD, 1909/2014, p. 94)

Vemos como a fuga para neurose é uma permanência na dúvida, porém, isso não é feito de qualquer modo. Basta recordarmos o que parece ser uma incongruência, mas, na verdade, especifica a questão. No caso do Homem dos Ratos temos como ele se esforça em pedir, de um amigo para o outro, respostas por sua conduta possivelmente ruim: “O amigo lhe

dá ânimo, assegura-lhe que é um homem inatacável, que desde a infância, provavelmente, habituou-se avaliar sua vida por esse ponto de vista” (FREUD, 1909/2014, p. 18).

Logo no início do tratamento, Freud substituirá a ideia desses amigos, antes mesmo da representação paterna. O que vemos com esses pedidos de apaziguamento não seria uma maneira de Ernst sair da dúvida, a princípio, sobre uma incerteza do seu caráter? Em seguida ele descreve mudanças em relação aos amigos que lhe tinham em mais elevado grau:

esse estudante veio a dar-lhe aulas particulares e mudou subitamente a conduta, tratando-o como um imbecil. Ele notou, enfim, que o outro se interessava por uma de suas irmãs, estabeleceu relação com ele para ter acesso à sua casa. (FREUD, 1909/2014, pp. 18-19)

Afirmado que essas causas foram “a primeira comoção de sua vida” (FREUD, 1909/2014, p. 19) podemos ler como esses elementos de sua índole são buscados com uma questão específica: eles indicam uma dúvida sobre o amor. Pela primeira vez há algum ponto da saída neurótica que será decisivo na transferência com Freud.

Outro caso que já comentamos diz respeito a certa consequência futura para o fim do ato obsessivo: “‘É tão certo que lhe pagarei o dinheiro quando meu pai e ela poderem ter filhos’. Ou seja, uma afirmação derrisória ligada a uma condição absurda, irrealizável” (FREUD, 1909/2014, p. 80). Podemos dizer que tanto a pergunta sobre seu caráter aos amigos quanto o pagamento da dívida são o começo e o fim (mesmo que irrealizável) de um ciclo e devem estar relacionados.

Nesse sentido, a representação de relógios ou outros elementos que eliminam a dúvida tornam-se aversivos porque parecem apontar a resolução de uma possibilidade. O exemplo freudiano, precisamente sobre os relógios, parece indicar como uma incerteza do tempo tende a ser mantida no obsessivo. Podemos dizer que a dúvida tem um aspecto ou forma temporal, aliás, talvez seja pertinente afirmarmos que o tempo na neurose obsessiva é o tempo da dúvida e que a possibilidade da decisão do amor é o nome para um outro tempo.

Essa hipótese vincula-se com as temporalidades que já foram abordadas, referentes à parada ou ao congelamento, insistência traumática, persistência obsessiva, morte, antecipação, procrastinação, e o tempo da possibilidade de Pompeia — sucumbida, mas descoberta. Vamos retomar essas considerações ao final do trabalho.

Ainda nos desdobramentos freudianos, vemos sobre a insígnia da incerteza como os pensamentos obsessivos costumam se prender a temas universais os quais justamente apresentam-se com relativa aporia: “a paternidade, a duração da vida, a vida além-túmulo e a memória, na qual costumamos crer sem a menor garantia de que seja confiável” (FREUD, 1909/2014, pp. 94-95). Soma-se a isso a utilização da “incerteza da memória para formação de sintomas” (FREUD, 1909/2014, p. 95). Esses elementos nos aparecem como os aspectos dos atos e pensamentos produzem uma desconsideração temporal, no sentido da temporalidade que conduziria à certeza, servindo de subsídio para os sintomas. A posição da organização consciente credibiliza na memória sua sistematização do tempo, mas sua busca na memória não é confiável.

Entre a disputa da realidade (comprometida pela incerteza da memória) com a superstição (corriqueira atribuição de certeza ao futuro, que é incerto) abre-se o caminho para uma onipotência dos pensamentos. Dessa forma, a fuga da realidade é pautada em um passado e futuro dependentes de cada nova formulação do pensar, mas o próprio pensamento não lhe parece seguro sobre o terreno da memória.

Outro tema peculiar é a morte, em que Freud acentua a culpabilidade da economia psíquica obsessiva do seguinte modo: “A singular extensão dos temores obsessivos ao ‘além’ não é mais que uma compensação pelos desejos de morte em relação ao pai” (FREUD, 1909/2014, p. 97). Correlativo ao sintoma de anulação nessa neurose, que aborda um sentido da desconsideração temporal, os ensejos ao “além” ou “pós-vida” (como articulação entre passado incerto e futuro supersticioso certo) derivam à tentativa de extensão da vida do pai: “atenção a um desejo que antes insinuara em todo tipo de fantasias — anular a morte do pai” (FREUD, 1909/2014, pp. 97-98).

Intrigante como justamente uma apelação à morte lhes parece despontar para a resolução do conflito psíquico e, mais uma vez, há aspectos temporais a serem investigados:

Mas requerem a possibilidade da morte, sobretudo, para resolver os conflitos que deixaram sem solução. Sua característica essencial é serem incapazes de decisão, especialmente em questões de amor; procuram adiar toda decisão, e, na dúvida de por qual pessoa ou por qual medida contra uma pessoa devem decidir, têm seu modelo nos velhos tribunais alemães, cujos processos geralmente terminavam com a morte das partes em litígio, antes da sentença do juiz. Assim, em todo conflito de sua vida eles espreitam a morte de uma pessoa importante para eles, normalmente uma pessoa amada, seja um dos pais, seja um competidor ou um dos objetos de amor entre os quais hesita sua inclinação. (FREUD, 1909/2014, p.98)

A morte do outro se apresenta como solução e é sobre o aspecto de uma espera que definíamos a forma de se congelar temporalmente. A indecisão é marcada por esse meio tempo, reservando certo adiamento que aguarda o movimento do outro para um passo mortífero: “Assim, em todo conflito de sua vida eles espreitam a morte de uma pessoa importante para eles, normalmente uma pessoa amada, seja um dos pais, seja um competidor...” (FREUD, 1909/2014, p.98).

Nesse sentido, vemos que esse outro é tomado como um obstáculo, mas por que seu opositor seria tomado justamente por alguém amado, sendo também, seu próprio competidor? Mais uma vez é necessário vincularmos a questão à colocação freudiana que assinala: “A dúvida da obsessão de compreender é dúvida quanto ao seu amor”. A incerteza expõe a fragilidade desse sentimento, na qual o obsessivo não sabe se verdadeiramente ama ou odeia o objeto amado, quando ele faz os dois ao mesmo tempo.

Essa ambivalência de afetos tem sua razão na neurose obsessiva por um dado do aparelho psíquico. Sobre a recorrente hipótese freudiana de uma aceleração temporal da formação do Eu, ou explosão de sensualidade precoce, esse tipo de neurose teria alguma marca do externo que os mantém presos em certo impasse à própria formação do Eu. Como consequência, vemos a culpabilidade tomando-os com autopunição em relação ao seu desejo inconsciente, enquanto os imperativos do Supereu aparecem na forma de um fazer pelo outro, sendo esse seu principal contratempo.

3.8 A vida pulsional e as origens da compulsão e da dúvida

Freud situa o começo do adoecimento neurótico quando Ernst Lanzer “se viu frente à tentação de casar com outra moça que não aquela que havia muito amado, e furtou-se à resolução desse conflito adiando todas as ações preliminares requeridas” (FREUD, 1909/2014, p. 99). O adiamento associa-se, e ganha força, com o destino que o pai mesmo se submeteu, pois ele próprio teria passado pelo dilema, escolhendo a garota mais abastada em vez da amada.

A neurose apresenta-se pelos recursos de adiamento à decisão desse momento específico; contudo, Freud nos lembra “que em toda a sua vida, tanto relativamente ao pai como à mulher que amava, existia nele um conflito entre amor e ódio” (FREUD, 1909/2014, p. 99). Esse ponto merece ser destacado, pois o teor conflitivo é demonstrado em uma temporalidade contínua (mítica), “toda sua vida”, reafirmado o que dizíamos sobre um dado do aparelho psíquico, ainda que não sobre o aceleração do Eu, mas na hibridez amor-ódio.

No entanto, também dizíamos sobre um passado não marcado por uma existência prévia, embora tecido para (re)tomar ficcionalmente seu lugar de passado. Se atentarmos para a frase, devemos nos perguntar: como ficcionar esse lugar como retorno se não há existência prévia? A resposta vem do exemplo dessa impressão de “toda vida”, correspondente ao que Freud chamará de pré-história.

Temos que delimitar como essa forma híbrida explica a simultaneidade, de modo que os afetos e opostos representativos “não independem uns dos outros, são unidos em pares” (FREUD, 1909/2014, p. 100). A persistência e a durabilidade do amálgama desses contrários surpreende Freud e isso lhe faz promover um tempo mítico, denominando-o de “anos pré-históricos da infância”, nos quais deveria ter ocorrido a separação efetiva desses afetos. Acompanhemos:

[...] os dois sentimentos contrários podem existir lado a lado por algum tempo, como que competindo. Mas a coexistência crônica de amor e ódio à mesma pessoa, os dois sentimentos com a máxima intensidade, é algo que nos espanta... tal persistência dos contrários é possível apenas em condições psicológicas especiais... Uma separação desses opostos ocorria bem cedo, nos anos pré-históricos da infância, com repressão de uma das partes, geralmente o ódio, parece ser a condição para esta surpreendente constelação da vida amorosa. (FREUD, 1909/2014, p. 101)

No decorrer da elaboração freudiana sobre o Homem dos Ratos ressaltamos indícios de como o amor e o ódio são afetos de especial ocorrência na neurose obsessiva. Nessa última citação podemos ver como essa condição é atrelada a um determinado dado temporal, a separação ocorrendo “bem cedo, nos anos pré-históricos”. Entendemos o significado desses “anos pré-históricos” como uma referência mítica, expressando uma estrutura ficcional necessária para se dar conta de uma verdade. Assim, seguimos a interpretação de Lacan (1956/1995, p. 259): “A necessidade estrutural que é carregada por toda expressão da verdade é justamente uma estrutura que é a mesma da ficção”.

O ponto que queremos sublinhar é a expressão “bem cedo”, pois Freud poderia passar sem ela para falar dos anos pré-históricos da infância. Seria esse apontamento o aspecto temporal da prematuridade ou precocidade do Eu? Um pouco em seguida às observações das considerações teóricas, lemos que “nos casos discutidos de ódio inconsciente, o componente sádico do amor desenvolveu-se constitucionalmente de forma bastante acentuada, daí experimentando uma supressão prematura e demasiado radical” (FREUD, 1909/2014, p. 102).

Suprimida de forma prematura, a expressão do ódio ganha uma acentuada força e, como resultado, consegue inibir as vinculações das motivações amorosas. Dessa forma, vemos

como Freud consegue vincular a relação amor e ódio a uma condição de dúvida paralisante (motivo pelo qual nos leva a trazer os termos: parado, congelado, aprisionado), seguindo do deslocamento das incertezas à luta defensiva da repetição.

Se a um amor intenso contrapõe-se indissolúvelmente um ódio quase tão forte, o resultado imediato é uma parcial paralisia da vontade, uma incapacidade de decisão em todos os atos nos quais o amor é o motivo impulsor. Mas a indecisão não fica limitada por muito tempo a um só grupo de ações... é característica da neurose obsessiva fazer amplo uso do mecanismo do *deslocamento*. Assim a paralisia da decisão se estende gradualmente por toda a atividade da pessoa. Com isso há o domínio da *obsessão* e da *dúvida*... A dúvida corresponde à percepção interna da irresolução, que, devido à inibição do amor pelo ódio, assenhoreia-se do doente em cada ação pretendida. É, na realidade, uma dúvida quanto ao amor, que subjetivamente deveria ser a coisa mais certa, dúvida que se alastra por todo o resto e que desloca preferentemente para o que é menor e mais insignificante. Quem duvida de seu amor não pode, não deve duvidar de tudo o mais, de tudo pequeno? A mesma dúvida que nas medidas protetoras leva à incerteza e à contínua repetição, para banir tal incerteza, acaba por fazer com que essas ações protetoras tornem-se inexecutáveis como a inibida decisão original quanto ao amor. (FREUD, 1909/2014, p. 103-104, grifo do autor)

Eis o momento em que se amarraram importantes aspectos temporais da neurose obsessiva. A supressão prematura do ódio disputa com força similar às inclinações do amor que movem o obsessivo; assim, a paralização de suas ações amplia-se em irresoluções grandes e pequenas, ascendendo sua dúvida em formas temporais do que foi feito (irresolução do passado) para o que vai/deve fazer (suspeita do futuro). É nesse sentido que classificávamos o tempo, ou as temporalidades (se dividirmos as condicionantes da ritmicidade nos afetos de amor e ódio), da neurose obsessiva sendo a própria dúvida. Uma irresolução paralisante apresentando aspectos temporais: o estabelecimento antecipativo de um tempo para o preparo protetor e outro procrastinador, esperando um movimento ou causalidades diferentes em seus esforços inconclusivos e repetitivos. A força do pensar é investida para produzir garantias, mas provoca também armadilhas (indeterminação das variáveis) da própria previsibilidade (índice das repetições e procrastinações).

Temos claramente “a inibida decisão original quanto ao amor” como mantedora de certa imobilidade da incerteza, mas justamente o choque do amor e ódio envolveria uma ritmicidade nos contrários dos pensamentos e atos. A sintomatologia expressaria uma tentativa de separar temporalmente as inclinações híbridas dos afetos, embora seu movimento pendular estaria fixado na dúvida: “A mesma dúvida que nas medidas protetoras leva à incerteza e à contínua repetição, para banir tal incerteza, acaba por fazer com que essas ações protetoras tornem-se inexecutáveis com a inibida decisão original quanto ao amor” (FREUD, 1909/2014, p. 104).

O tempo da incerteza tem seu alicerce sobre a “não confiabilidade da memória” levando a “estender a dúvida a todo o resto, também a ações já cumpridas e ainda sem laços com o complexo amor-ódio, e a todo o passado” (FREUD, 1909/2014, p. 105). A dúvida funcionaria como uma marca psíquica do desejo sobre o ato, ou seja, o que se quis fazer e sobre quais intenções não desaparecem pelo que foi feito (questionamento da memória). Com isso, a temporalidade da inibição implica uma responsabilização da qual o neurótico não quer saber, subtraindo os afetos ou tentando anulá-la. A fixidez obsessiva vai levando suas ações de maneira substitutiva, apresentando um apaziguamento pelas variações dos impulsos de amor e de ódio.

A obsessão, porém é uma tentativa de compensar a dúvida e corrigir o intolerável estado do passado de inibição de que a dúvida é testemunho. Se com o auxílio do deslocamento, o doente consegue levar à resolução algum dos propósitos inibidos, este tem de ser realizado. Certamente não é mais o original, mas a energia ali represada já não renuncia à oportunidade de desafogo que é a ação substituta. Então ela se exprime em comandos e proibições, conforme o impulso afetuoso ou o hostil se apodere desse caminho para a descarga. Se o comando obsessivo não é seguido, a tensão é insuportável, vindo a ser percebida como angústia extrema. (FREUD, 1909/2014, p. 106, grifo do autor)

A inibição é a pedra angular do passado “de que a dúvida é testemunho”, por isso a fixidez das obsessões (auxiliadas pelo deslocamento) apresenta, no fundo, certa imobilidade do próprio paciente. Esse aprisionamento leva na insígnia da angústia uma temporalidade antecipativa e alimenta a obstinação por outro aspecto temporal, uma margem inconclusiva de tempo sem fim.

A medida antecipativa toma, substitutivamente, as próprias resoluções conclusivas e coloca certo adiamento em curso. Além disso, o pensamento é privilegiado ao ato com uma temporalidade preliminar e fundamenta a angústia pela exigência de determinada ação: “uma espécie de *regressão*, além disso, atos preparatórios tomam o lugar da resolução final, o pensamento substitui o agir, e algum pensamento preliminar ao ato se impõe com obsessiva veemência, no lugar da ação obsessiva” (FREUD, 1909/2014, p. 106, grifo do autor).

Dentre esses aspetos temporais, precisamos voltar à repressão do ódio em meio ao seu caráter prematuro: “Uma separação desses opostos ocorria bem cedo, nos anos pré-históricos da infância, com repressão de uma das partes, geralmente o ódio” (FREUD, 1909/2014, p. 101). Seguindo o trabalho freudiano, acrescentamos que essa supressão também é acompanhada por um sentido antecipativo dos afetos amorosos: “Nas histórias dos neuróticos obsessivos, um acontecimento quase regular é o precoce surgimento e prematura repressão do impulso sexual de olhar e saber” (FREUD, 1909/2014, p. 107). Essa teoria do amor e do ódio

também parece estar vinculada ao detrimento dos atos pelo superinvestimento no pensamento. A dúvida, que é sempre incerteza de seu amor-próprio refletido no amar do outro para si, procura ser sanada pelo impulso de saber e quando ele “predomina na constituição do neurótico obsessivo, o cismar torna-se o principal sintoma da neurose” (FREUD, 1909/2014, p. 107).

Dessa forma, a supressão prematura do ódio e a precocidade do amor em saber e olhar recebem a regressão dos atos pelo superinvestimento no pensar. Prematura e precocidade das ações em meio à regressão e ao privilégio do pensar, poupando e deslocando cotas da energia libidinal. Todavia, se as ações perdem suas energias para o âmbito do pensamento, mais uma vez o adiamento é eleito como uma consequência dos sintomas:

[...] a ação substitutiva pode, com a ajuda do impulso de saber, ser também substituída por atos de pensamento preparatórios. Mas o adiamento da ação logo é substituído pelo demorar-se no pensamento, e todo o processo é enfim transposto para um novo âmbito, mantendo-se todas as peculiaridades, tal como os americanos conseguem “to move” [mover] uma casa de um local para outro. (FREUD, 1909/2014, p. 109)

Podemos notar que as consequências prematuras da repressão do ódio e da precocidade sexual (com o olhar e o saber) são lidadas sobre certa antecipação preparatória dos atos e dos pensamentos que impedem uma conclusão. Oferecendo aspectos temporais diferentes, como o atraso do “demorar-se no pensamento” balanceia a antecipação da ação produzida pelo pensar, a dúvida utiliza-se dessas formas de tempo para questionar a própria ideia de tempo: está se antecipando ou se atrasando quando se demora a pensar? Quando Freud pergunta-se “Quem duvida de seu próprio amor não pode, não *deve* duvidar de tudo o mais, de tudo pequeno?” (FREUD, 1909/2014, p. 104, grifo do autor), podemos ver como as incertezas dispersam a segurança do acontecimento.

Se a própria ideia de tempo é questionada pela inibição e pela dúvida, demonstrando e utilizando-se da atemporalidade do inconsciente, também não deixam de mostrar suas formas ou aspectos temporais. Quando dizemos que a neurose obsessiva parece tomar algo de prematuro e/ou precoce de sua fundação estrutural (o parêntese psíquico) para questionar a ideia de tempo, falamos no sentido de como podemos ver sua dúvida na pergunta: o que devo primeiro, amar/odiar ou ser amado/odiado, para obter amor?

Tomando algumas premissas do primeiro capítulo, podemos dizer que esse algo de prematuro e/ou precoce tem sua base na temporalidade e no não-sentido do traumático: uma ligação de lembrança que descreve um tipo de efeito contínuo do tempo, tomando o passado, o presente e o futuro, em uma conjunção.

O pensamento obsessivo representaria algo traumático que “penetrou de maneira muito forte na consciência” (FREUD, 1909/2014, p. 108) e sua defesa utiliza-se das mesmas forças depositadas na consciência para combatê-lo: “precisa ser garantido contra os esforços do pensamento consciente para dissolvê-lo” (FREUD, 1909, 2014, p. 108).

Vamos analisar essas questões avançando na teoria freudiana e recortando os pontos que consideramos os principais aspectos temporais abordados.

4 ASPECTOS TEMPORAIS DA NEUROSE OBSESSIVA: DA SEXUALIDADE PRECOCE À ANTECIPAÇÃO DO EU

Nesse capítulo iremos acentuar os desdobramentos teóricos da neurose obsessiva sublinhando as principais formas de comparecimento do tempo que distinguimos no decorrer do trabalho. Resgatando alguns pontos centrais dos capítulos anteriores, avançaremos na obra freudiana para acompanhar sua movimentação teórica a respeito dos atos e dos pensamentos obsessivos em relação com o artefato metapsicológico. Nosso intuito é apresentar as divisões subjetivas dos mecanismos de defesa em aspectos temporais, demarcando consequências para pensar a natureza etiológica da neurose obsessiva em sua hipótese de uma sexualidade precoce dar origem à formação antecipada do Eu.

4.1. Contexto geral dos atos obsessivos

4.1.1 Trauma e defesa: a oposição complementar da insistência sexual às proibições cerimoniais

Em 1907, Freud estabelece um estudo sobre a neurose obsessiva em “Atos Obsessivos e Práticas Religiosas”, destacando mais uma análise sobre os modos de estabelecimento e de fracasso da defesa. É nesse texto que ele retoma a neurose obsessiva após uma longa pausa, já que seu último empreendimento mais direto sobre o tema havia se dado em 1896, no artigo intitulado “Observações Adicionais Sobre as Neuropsicoses de Defesa”. Após mais de dez anos sem dirigir-se ao contexto etiológico dessa neurose, o mestre vienense mantém o parâmetro da sexualidade como condição necessária no “entendimento” do obsessivo. Não restam dúvidas de que “Atos Obsessivos e Práticas Religiosas” aprofunda melhor o que havia sido abordado em 1894, no texto sobre “Obsessões e fobias”:

[...] embora os casos que enumerei mostrem graus variáveis de complexidade têm em comum o seguinte: a representação original (incompatível) foi substituída por outra representação, a representação substituta. Nos casos que acrescento agora, a representação original foi substituída, mas não por outra representação, foi substituída por atos, ou impulsos que serviram originalmente como medidas de *alívio* ou procedimentos *protetores*, e que são agora grotescamente associados a um estado emocional que não lhes é adequado, mas que permaneceu inalterado e continuou a ser justificável quanto a sua origem. (FREUD, 1894b/2006, p. 82, grifo do autor)

A substituição deslocada diz respeito ao afeto que incide sobre o Eu na forma de atos ou impulsos como medidas protetoras à representação incompatível: “afeto de que o eu sofre permanece como antes, inalterado e não diminuído, como a única diferença de que a representação incompatível é abafada e isolada da memória” (FREUD, 1894a/2006, p. 61).

Os resultados das investigações psicanalíticas de 1907 reiteram os dados sobre a representação sexual isolada afirmada em 1894: “o que é representado nas ações obsessivas ou no cerimonial vem de experiências mais íntimas, geralmente sexuais” (FREUD, 1907/2015, p. 305). Assim, sobre a insígnia do sexual é que “tudo nos atos obsessivos tem significado e pode ser interpretado. O mesmo vale para o cerimonial propriamente” (FREUD, 1907/2015, p. 307).

Nesse sentido, a sexualidade explicaria, no campo teórico, os motivos que levariam os obsessivos aos seus atos compulsivos, servindo “a expressão de ideias e motivos *inconscientes*” (FREUD, 1907/2015, p. 307, grifo do autor). O ato obsessivo seria descrito como se estivesse no jugo de obediência a leis dessas motivações sexuais do inconsciente e qualquer afastamento do seu cumprimento serviria para o desencadeamento de profundos níveis de angústia (“cada desvio do cerimonial é unido com uma angústia insuportável” (FREUD, 1907/2015, p. 302)). Dessa forma, o cerimonial obsessivo como um ato de defesa ou uma medida protetora também representaria o cumprimento de uma realização sexual, embora só pudéssemos averiguar seu “disfarce” psíquico como ato protetor nas vias de impedir seu cumprimento.

O que chamamos de disfarce corresponderia à semelhança por vias simbólicas das medidas de proteção com o próprio conteúdo da representação sexual. Assim, o conteúdo representativo tentaria isolar-se na memória por sua “incompatibilidade” com outros processos da consciência, ao mesmo tempo em que a ligação afetiva investida nos atos indicaria a sexualidade. O que ocorre é uma mescla entre o sexual traumático e a medida defensiva, estabelecendo as relações entre os atos e seu estatuto proibitivo. Acompanhemos Freud (1907/2015, p. 310):

[...] as ações protetoras não bastam contra a tentação; aparecem as proibições, a fim de manter afastada a situação que gera a tentação... Por outro lado, o cerimonial representa a soma das condições sob as quais se permite outra coisa, ainda não absolutamente proibida, exatamente como a cerimônia matrimonial da Igreja significa, para o devoto, permissão para o prazer sexual, que de outra maneira é pecaminoso.

Os atos obsessivos receberiam essa permissividade de aproximação ao sexual semelhante ao matrimônio para prática do sexo, como concedido pelas leis divinas. O passado traumático da representação sexual seria conjugado com as medidas defensivas; no entanto, as condições dos atos protetores e a lei proibitiva estariam sobre o auspício de malogro do recalque. Uma vez que os afetos caíram sobre o Eu na forma de atos e leis de interdição, a própria instância usaria da libido, mas em deslocamento representacional: “o eu *transforma*

essa representação poderosa em uma representação fraca retirando-lhe o afeto — a soma de excitação — do qual está carregada” (FREUD, 1894a/2006, p.56, grifo do autor).

As medidas dos atos protetivos do Eu ficariam presas à formação de compromisso entre a interdição e o isolamento da representação sexual e a denúncia do mesmo, já que estariam sempre reproduzindo “algo de prazer que se destina a prevenir” (FREUD, 1907/2015, p. 310). Um modo de satisfazer a representação sexual proibida e, traumática, portanto, como a instância da lei de repressão. Freud (1907/2015, p. 310) acentua que “de fato, com o progredir da doença, as ações que originalmente cuidavam sobretudo da defesa semelham cada vez mais as ações proibidas, mediante as quais o instinto podia se expressar na infância”.

A pulsão sexual que se expressava livremente na infância vai ganhando tonalidade com as próprias ações protetivas. Esse manejo conflitivo seria visto nos sintomas com aspecto temporais de precauções, antecipação e atraso, uma vez que os atos obsessivos levantariam uma defesa com íntima relação ao conteúdo traumático. O curso das atividades ganharia um estabelecido de rigorosos padrões e sistematizações na tentativa de certa prevenção à angústia, ao passo que o interrompimento das prevenções desencadearia esse afeto. Assim, toda uma ritualística seria montada como a marca de uma religiosidade particular e essa característica leva a se pensar o ritmo, os acréscimos, as pausas e as repetições como indicativos temporais.

Qualquer atividade pode se transformar em ato obsessivo no sentido mais amplo quando é enfeitada mediante acréscimos e ritmada por meio de pausas e repetições. Não se encontrará uma delimitação nítida entre “cerimonial” e “atos obsessivos”. (FREUD, 1907/2015, p. 302-303)

Os atos e cerimoniais ganham a mesma proporção na medida em que “o cerimonial tem início como *ato de defesa ou de garantia, medida de proteção*” (FREUD, 1907/2015, p. 308, grifo do autor). Nada mais coerente que nessa defesa proceda uma sistemática da repetição como fórmula da dita garantia, uma vez que a característica do cerimonial é reproduzir uma organização como tentativa de evitar surpresas, ou seja, um futuro não planejado. O que acompanha essa estratégia defensiva é a medida de desresponsabilização subjetiva, fazendo da ritualística mesma o animismo responsável para a realização do desejo inconsciente. Assim, o Eu do obsessivo tenta se excluir e fica preso a um particular preparo, tentando arquitetar um cálculo de previsibilidade com aspectos de antecipação e de atraso.

Vale notar que, sobre esse aspecto temporal do Eu, Freud destaca, ainda no trabalho de 1907, que os atos triviais como vestir-se e despir-se, preparar-se para dormir e satisfazer as necessidades orgânicas tomam proporções que, além de adornadas e dificultadas, são formas

de atividades retardadas pelo caráter de cerimonial. Uma curiosidade se desprende ao caso: se apontávamos um índice de antecipação do Eu em suas tentativas cerimoniais pela prevenção, previsibilidade e preparo, por que o caráter cerimonial serviria ao atraso, pelas formas de atividades retardadas?

Percebemos a situação conflitiva do Eu, sua divisão subjetiva em dois tempos, confluentes em um ponto e divergentes em outro. A antecipação cerimonial é condição necessária para que se estabeleça a própria demora das atividades retardadas; assim, conflui como causa necessária, mas (aparentemente) diverge quanto à própria intenção casuística.

Dessa maneira, esses aspectos temporais não são atribuições fenomênicas, mas sim, metapsicológicas. Essa divisão do Eu não indica que um neurótico obsessivo chegue tarde ou atrasado aos seus compromissos, devido sua condição de cumprimento aos cerimoniais. Tanto a pontualidade quanto o atraso poderiam servir como relatório da repetição, contanto que a antecipação proibitiva ou protetiva de algum ato fosse cumprida. E essa anterioridade ritualística poderia vir antes da tomada do ato de decisão, ou envolver o próprio movimento deliberativo como parte da cerimônia. Se acentuamos no primeiro capítulo a defesa como um acontecimento presente configurado pela lembrança do passado sexual, sendo este traumático, podemos dizer que o cerimonial tenta assumir a operação temporal e paradoxal da antecipação para se defender da angústia.

Quando pontuamos que a antecipação só pode servir para algo que já tem um mínimo de presença ou chegada, tal como o impulso erótico (e uma revolta contra ele), contextualizou-se que sua medida é, de partida, marcada por uma divisão. O aspecto ritualístico de proteção e previsibilidade sobre o futuro já envolve uma consequência que a antecipação só encontra na interligação do passado-presente, assim como o traumático.

Nessa conjuntura, as medidas defensivas ganhariam na expressão “futuro como angústia expectante” (FREUD, 1907/2015, p. 309) a lógica estabelecida de que “cada desvio do cerimonial é punido com uma angústia insuportável” (FREUD, 1907/2015, p. 302), como já apontávamos no exemplo do Homem dos Ratos. Interessa-nos notar que o futuro na neurose obsessiva ganha essa marca de “angústia expectante” e esse afeto seria o mobilizador dos atos obsessivos, colocando o registro de suas defesas em aspectos temporais de uma constância: o cálculo das ações como uma defesa do Eu em resposta à insistência do sexual traumático.

4.1.2 Temporalidade indefinitiva e defesa perpétua no adiamento do preparo cerimonial

A tentação percebida pelos atos obsessivos diz respeito à ensaística do cerimonial na aproximação com a sexualidade. Cada repetição é sentida pela possibilidade de malogro do recalque e exercida por insistência da pulsão sexual. Nesses termos, entre o exercício repetitivo dos atos e a persistência da sexualidade representada pelos próprios, uma temporalidade indefinitiva abre-se por uma lei inibidora, ou por um movimento retroativo de fazer e desfazer. Recordamos que será o trabalho do Eu na neurose obsessiva que dará testemunha de “uma defesa perpétua” (FREUD, 1894a/2006, p.60), sinônimo de um aprisionamento perpétuo.

Em combate com a insistência do passado sexual traumático, as medidas protetoras das ações cerimoniais descrevem uma impossibilidade de resolução no presente, por conseguinte, a expectativa do futuro é que sofrerá um superinvestimento como saída do conflito. Nas palavras do psicanalista francês Paul-Laurent Assoun (1995, p.210): “é realmente para esse ato impossível que tenderia a ação obsessiva, como assíntota. É por *não* fazê-lo que o obsessivo repete seu ato derrisório, mas é a esperança de fazê-lo um dia que sustenta sua repetição sem fim”.

Na matemática, uma assíntota seria uma função gráfica que progride em desvio de seu curso original, tendendo seu valor de desvio ao infinito. Ou seja, quanto mais a ação do obsessivo indica uma aproximação ao seu desejo, mais ele se distancia do mesmo, tornando-o inconclusivo. Uma espacialidade de aproximação e distanciamento “financiada”, digamos, pela lei e pelas tentativas das ações de proteção. Dessa maneira, o fim ganha a dimensão da esperança de uma conclusão.

Enquanto a conclusão não chega, os cerimoniais obsessivos ganham a responsabilidade do preparo. Ainda por sua tentação sentida em cada ato com a ligação sexual, sua preparação restringe-se com a dimensão da lei. O obsessivo orienta seus atos no preparo do que não deva acontecer; assim, sua preparação só orienta a si mesma. Uma imprevisibilidade ou um acontecimento indeterminado/inesperado são seus índices de angústia. Em outras palavras, a preparação repetitiva e infundável fica às margens do que não deva acontecer, tentando estabelecer uma premissa antecipativa, mas o que se estipula é uma crescente soma de variáveis pela atividade do pensar, desencadeando a angústia.

Com a “angústia expectante” pairando sobre a produção dos atos, cada tempo estabelecido para o preparo e as precauções percebe a força do impulso pulsional de maneira

contínua. Com certo fracasso de sua onipotência sobre o futuro, não podendo conter o índice de indeterminação que a própria força do pensar desempenha, toda obstinação de trabalho do Eu mantém-se inconclusiva.

Nesses termos, Freud começa a abordar uma “coincidência” entre neurose obsessiva e religião. Ele destaca o seguinte trecho sobre o sentimento da angústia expectante:

[...] tal sentimento de culpa tem sua fonte em determinados processos psíquicos da infância, mas é continuamente reavivado na tentação que se repete a cada novo ensejo, e, por outro lado, faz surgir uma angústia expectante que sempre fica à espreita, uma expectativa de desgraça que mediante a noção de castigo, acha-se ligada à percepção interna da tentação. (FREUD, 1907/2015, p. 308)

Esse período do sentimento de culpa da infância, assinalado em 1907, é coerente com o indicativo de reincidência temporal da sexualidade, como descrito em “A hereditariedade e a etiologia das neuroses”: “...essas modificações patológicas funcionais *têm como fonte comum a vida sexual do sujeito, quer residam em um distúrbio de sua vida contemporânea, quer em fatos importantes de sua vida passada*” (FREUD, 1896a/2006, p.148, grifo do autor).

A sexualidade ligada à culpa na neurose obsessiva remonta à satisfação obtida nos componentes autoeróticos. Devemos recordar que em “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa” uma atividade agressiva estaria emergindo pelo “ato *sexual* praticado com prazer na infância” (FREUD, 1896c/2006, p. 169, grifo do autor). Isso demonstraria como a questão masturbatória do cerimonial obsessivo é dirigida por uma lei masoquista, servindo tanto de aperfeiçoamento da medida protetora, como também de puro ensejo autoerótico. Por isso, o sentimento de culpa “é continuamente reavivado na *tentação* que se repete a cada novo ensejo” (FREUD, 1907/2015, p. 308, grifo do autor); em outras palavras, reavivado em cada nova repetição do ato. É dessa maneira que o cerimonial estabelece a angústia expectante, sinal de desgraça e de castigo pela própria medida repetitiva, sentida como autoerótica. Acompanhamos essa definição sobre a angústia explicitamente em “Inibição, sintoma e angústia” (1926):

[...] constitui um importante progresso em nossa autopreservação que tal situação traumática de desamparo não seja simplesmente aguardada, mas prevista, esperada. A situação que inclui a condição para tal expectativa pode ser chamada situação de perigo, e nela é dado o sinal para angústia [...] ‘a situação atual me lembra uma das vivências traumáticas já sofridas. Por isso antecipo o trauma, vou me comportar como se ela já tivesse chegado, enquanto ainda há tempo para afastá-lo’. Portanto, a angústia é, de um lado, expectativa do trauma, e de outro, repetição atenuada do mesmo... Sua relação com a expectativa se liga à situação de perigo, sua indeterminação e ausência de objeto, à situação traumática de desamparo, que é antecipada na situação de perigo. (FREUD, 1926/2014, p.116)

As condições da prática cerimonial assumem uma medida protetiva à situação de perigo, sendo acompanhadas por esse sentido da angústia expectante. A incitabilidade ao castigo, pelo prazer sentido com a antecipação traumática, acaba desencadeando o surgimento de uma conscienciosidade especial: “Uma *conscienciosidade* especial, voltada para as metas desse instinto, é criada durante sua repressão; porém, esta formação psíquica reativa não se sente segura, mas continuamente ameaçada pelo instinto que espreita no inconsciente” (FREUD, 1907, p.309, grifo do autor).

Essa conscienciosidade ganha sua definição como uma formação reativa que impulsiona o Eu do obsessivo no sentido de seus atos: “graças a essa camuflagem das tendências eróticas e às poderosas formações reativas no Eu, a luta contra a sexualidade passa a ser travada sob a bandeira da ética” (FREUD, 1926/2014, p. 53). No entanto, a angústia permanece à espreita, uma vez que a encontramos relacionada a uma “supermoralidade” com a tentação, assim como o prazer masturbatório ao castigo.

David-Ménard descreve a situação do seguinte modo:

Um(a) histérico(a) está ‘mais perto’ da castração do que um(a) obsessivo(a), que afasta a questão específica da diferença, direcionando-a aquela da hierarquia e da agressão. Freud distinguiu, de início, uma da outra, afirmando que o sintoma obsessivo representava a efetividade de uma experiência sexual e a sua interdição... (DAVID-MÉNARD, 2000, p. 151)

É nessa configuração que a ritmicidade e o simbólico, como se estipula na ritualística cerimonial, demonstram como se estabelece um preparo para o futuro com a característica de adiamento: jogo do sintoma obsessivo entre a efetividade da experiência sexual e sua interdição. Foi o que posicionamos na premissa da angústia com o preparo, como também poderíamos localizá-la ao lado da preocupação, que caracteriza um dos sentidos da conscienciosidade especial.

Interdição e medida protetiva, em seus aspectos temporais, formalizam uma antecipação angustiante que desencadeia no adiamento (preparo) cerimonial. Essas perspectivas ajudaram a conduzir Freud em sua segunda teoria da angústia. Como uma tática também de testagem, esse afeto nos mostra como “[...] a situação atual me lembra uma das vivências traumáticas já sofridas. Por isso que ‘antecipo o trauma, vou me comportar como se ela já tivesse chegado, enquanto ainda há tempo para afastá-lo’.” (FREUD, 1926/2014, p.116). Com isso, observamos como os atos defensivos do Eu na neurose obsessiva já apontavam que a antecipação do sexual traumático seria usada para afastar o próprio trauma. Os aspectos

temporais de seus sintomas se utilizam de um desordenamento temporal, ou uma desconsideração pela separação entre passado, presente e futuro, caracterizando um dos sentidos da atemporalidade no inconsciente.

Os primórdios das defensivas do Eu no obsessivo, por via dos seus atos cerimoniais, remetem-se a uma leitura de maleabilidade temporal da qual eles expressam sua caricatura. O arremedo de encarnar nos sintomas a estratégia de um adiamento indefinitivo por meio uma antecipação leva a se pensar as temporalidades dessa neurose. Outros aspectos dos atos obsessivos também estão relacionados com particularidades que devem ser analisadas: o isolamento e a anulação do acontecido.

4.1.3 Isolamento/ocultamento e anulação do acontecido como básculas do tempo

A angústia expectante também responde como os atos obsessivos demonstram seu temor em relação ao futuro, tal como bem caracteriza as práticas religiosas: eles isolam-se e se ocultam para que suas práticas cerimoniais tentem garantir uma segurança (subjéctiva) futura, mesmo que remetida a um pós-vida.

[...] podemos tomar a liberdade de caracterizar a neurose obsessiva como a contrapartida patológica da formação da religião, a neurose como uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal. A coincidência mais essencial estaria na subjacente renúncia à atividade dos instintos já trazidos na constituição da pessoa; e a diferença mais defensiva, na natureza desses instintos, que na neurose são de origem exclusivamente sexual, e na religião, de procedência egoísta. (FREUD, 1907/2015, p. 312)

A proximidade dessa neurose com a religião aponta uma divisão subjéctiva dos obsessivos em seus atos, no sentido que tanto as antecipações como o atraso correspondem às medidas defensivas de um “futuro como angústia expectante”, justificando como os cerimoniais associam-se ao prazer masturbatório da prática sexual: uma permissividade sexual praticada como ensaio, prelúdio para um ato futuro, mas antecipando-o de toda forma. Dessa maneira, é possível que um isolamento/ocultamento seja cada vez mais rígido, produzindo mais horas dedicada às ritualísticas do preparo. Freud ilustra o caso:

[...] tais doentes são capazes de tratar seu problema como algo privado e escondê-lo por muitos anos... o ocultamento é facilitado pela circunstância de que elas podem muito bem desempenhar suas obrigações sociais durante parte do dia, após terem dedicado algumas horas a seus sigilosos afazeres, escondidas como Melusina. (FREUD, 1907/2015, p. 303)

O mito de Melusina é mencionado em Freud mais de uma vez e recortado nessa citação para ilustração dos atos obsessivos. Trata-se de um conto popular reproduzido por

ilustres (em especial, Goethe, o qual Freud era ávido leitor). Fala de uma mulher (ou mulheres) com certos poderes e atributos mágicos, mas que precisavam dispendar certas horas em isolamento e ocultamento para algumas de suas realizações. Esse critério era decorrente de uma faceta monstruosa (muitas vezes reportadas como um tipo de sereia, como na logo da cafeteria norte-americana “Starbucks”⁸) que a donzela em questão não gostaria de revelar.

Uma contação mítica que procura explorar os altos fazeres sociais ao custo de uma privacidade de caráter monstruoso: a mulher com poderes mágicos, prestando valiosos serviços à comunidade (em muitos casos do mito, ela é retratada como uma rendeira) precisaria de um tempo longe dos outros para não expor sua intimidade desconfigurada.

O isolamento e ocultamento obsessivo ilustrado em Melusina colocam o obsessivo em deslocamento afetivo e permite uma passagem às suas “obrigações sociais” (tal como as altas realizações sociais de Melusina), mas com uma particular condição temporal: “após terem dedicado algumas horas a seus sigilosos afazeres”.

Supostamente despossuído de sua aparição subjetiva (que corresponderia à monstruosidade escondida da mulher sereia) vemos o Eu do obsessivo em certa formação de compromisso, provavelmente ligado ao afeto da vergonha, como podemos ler nas “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa”: “Assim, a *auto-acusação* (por ter praticado o ato sexual na infância) pode facilmente transformar-se em *vergonha* (de que alguém o descubra)” (FREUD, 1896c/2006, p. 171, grifo do autor). Falaremos mais sobre esse afeto resgatando o texto do Homem dos Ratos.

Nesse momento cabe destacarmos que se isolar, ou seja, sair de cena para que se consiga produzir um meio de laço social, indica o preço de uma dívida simbólica: resguardar certas horas (não se dando a ver) para conseguir produzir seus feitos, mesmo os mais banais. Divisão subjetiva que contextualiza um frágil equilíbrio, uma vez que o recalçamento é “um processo imperfeitamente bem-sucedido, que cada vez mais ameaça malograr” (FREUD, 1907/2015, p. 309).

Esse isolamento contextualiza como a forma da experiência sexual e sua interdição é marcada por certos deslocamentos dos atos cerimoniais. A questão é que a proibição

⁸ A “Starbucks” utiliza-se da figura de Melusina em sua logomarca e, apesar de não encontrarmos na internet um posicionamento preciso da escolha, poderíamos relacioná-la com o aspecto da temporalidade no mito: o tempo do café como um momento de parada cerimonial, ou preparação de continuidade para retomar alguma atividade.

acompanha o deslizamento libidinal estendendo uma impressão da impossibilidade aos objetos de prazer. Em “Totem e Tabu” (1912) podemos ler que

As proibições obsessivas têm a característica de serem extremamente deslocáveis, estendem-se de um objeto por meio de qualquer conexão e tornam também esse novo objeto “impossível”, na expressão feliz de uma paciente. Esta impossibilidade termina por invadir o mundo inteiro. Os doentes obsessivos agem como se as pessoas e coisas “impossíveis” fossem portadoras de uma infecção perigosa, pronta a transmitir-se para tudo em volta mediante contato. Ao descrever as proibições do tabu já sublinhamos esses atributos de capacidade de contágio e transmissibilidade. Também sabemos que quem infringiu um tabu ao tocar em algo que é tabu torna-se ele próprio tabu e ninguém pode entrar em contato com ele. (FREUD, 1912/2012, p.55)

O resultado do isolamento como um tipo de transfiguração do próprio sujeito em tabu, indicando que ninguém possa entrar em contato com ele, assemelha-se com a dimensão do isolamento da representação sexual na memória. Através das proibições impostas pelo tabu, o neurótico obsessivo oferece sua ausência ao outro que, juntamente com a ideia do contágio e da transmissibilidade, busca refugiar-se da relação com a alteridade. Um “não estar lá” indicaria “um não estar lá ao mesmo tempo em que o outro esteja”, e isso traz a conotação de se colocar em um tempo de suspensão, ou pausa, como líamos nas horas dedicadas aos afazeres escondidos de Melusina.

[...] o isolamento é a suspensão de toda a possibilidade de contato, o meio de subtrair uma coisa a qualquer contato, e, quando o neurótico isola também uma impressão ou uma atividade mediante uma pausa, ele nos dá a entender, simbolicamente, que não quer que os pensamentos relativos a ela entrem em contato associativo com outro. (FREUD, 1926/2014, p.61)

Ainda no trabalho de “Inibição, sintoma e angústia” (1926), encontramos uma articulação temporal de maneira oposta ao isolamento. Determinadas ações que tentam promover uma anulação do acontecido, não havendo pausa ou suspensão, mas dinâmica explícita.

Elas são como uma tentativa de desfazer um evento; retroagir anulando algum momento específico. Dessa forma, Freud descreve a “anulação do acontecido primeiramente nos sintomas em dois tempos, em que o segundo ato cancela o primeiro, como se nada tivesse ocorrido, quando na realidade, ambos aconteceram” (FREUD, 1926/2014, p. 57).

O que vemos é uma linearidade retroativa, como se a condição temporal pudesse ser desfeita em uma jogada dupla. Tomar um tempo passado e convertê-lo como se nunca tivesse existido, anulando o próprio passado. Ora, o desejo do segundo tempo em retornar à temporalidade passada para anulá-la só seria possível pela marca do mínimo de permanência, ou seja, do estabelecimento e consideração pelo passado.

Lembremo-nos da explicação de Freud sobre o caso de Ernst Lanzer em seu dilema com a pedra:

Tais ações obsessivas em dois tempos, em que o primeiro é anulado pelo segundo, ocorrem tipicamente na neurose obsessiva. Elas são naturalmente mal-entendidas pelo pensamento consciente do enfermo e dotadas de uma motivação secundária — *racionalizadas*. Seu verdadeiro significado, porém, está na representação do conflito entre impulsos contrários de magnitude aproximadamente igual, pelo que até agora pude constatar: sempre a oposição entre amor e ódio. (FREUD, 1909/2014, p. 53, grifo do autor)

A dinâmica, que promove o arrepio de toda lógica, como descreve Freud, estabelece que a condição retroativa indica um efeito mínimo de permanência das motivações inconscientes para o primeiro ato. Ou seja, algo do passado é a causa para sua anulação, mas isso acaba descrevendo que o passado deve ocorrer para promover seu sentido de apagamento. Nesses termos, a anulação do acontecido parece uma tentativa de apagar o próprio tempo, de modo que estipula sua operação em anular não somente um tempo, mais os dois: uma vez considerado que o primeiro tempo não aconteceu o segundo também tem que ser descartado, já que ele seria consequência do primeiro.

O que aparenta vir ao caso é uma tentativa de se estar em dois lugares ao mesmo tempo para que nenhum deles tenha efeito, trazendo a ideia de uma simultaneidade. Jogo simbólico e imaginário da dispersão do tempo e de seu estatuto de permanência mínima, isto é, dos traços psíquicos de alguma representação incompatível. A anulação do acontecido demonstra como “as construções obsessivas podem equivaler aos mais diferentes atos psíquicos” (FREUD, 1909/2014, p. 83), até mesmo tratando uma incompatibilidade do primeiro tempo como um “não-acontecido”.

4.3 Contexto geral dos pensamentos e da metapsicologia na neurose obsessiva

4.3.1 “Tempo contínuo”: modalidades de defesa e aprisionamento perpétuo

No trabalho sobre “As neuropsicoses de defesa” vimos Freud indicar como o Eu estipula sua mecânica defensiva na neurose obsessiva:

[...] a tarefa que o eu se impõe, em sua atitude defensiva, de tratar a representação incompatível como ‘non-arrivé’, simplesmente não pode ser realizada por ele... o eu *transforma essa representação poderosa em uma representação fraca* retirando-lhe o afeto — a soma de excitação — do qual está carregada. (FREUD, 1894a/2006, p.56, grifo do autor)

O Eu aparece com o sentido de desvaler uma representação por meio do deslocamento afetivo para outra representação mais suportável. Embora a própria sobrecarga

excitatória na representação tolerável sirva como uma maneira denunciativa, descompensando a tarefa defensiva de sua incumbência. O “*non-arrivé*” (não acontecido), na tarefa de “não pensar no assunto, de suprimi-lo” (FREUD, 1894a/2006, p.55), estabeleceria algo similar como um “made in Germany”, ou seja, a carga libidinal na outra representação indicaria uma origem estranha ao dado afetivo ligado a ela, mostrando uma origem diversa e conflitiva para a libido deslocada.

A interdição da representação incompatível configura o deslocamento afetivo para uma representação fraca, tentando um isolamento libidinal da representação sexual traumática. Nesse mecanismo o “*afeto fica obrigado a permanecer na esfera psíquica*” (FREUD, 1894a/2006, p.58-59, grifo do autor), formalizando que “ao contrário da histeria, em que o sintoma se manifesta primordialmente no corpo, na neurose obsessiva o sujeito sofre dos pensamentos” (RIBEIRO, 2003, p. 18).

Ribeiro (2003) lembra-nos da definição que Lacan assinala ao obsessivo em 1975, tal como “um puro ‘eu penso’”. Dessa forma, a tarefa que o Eu se incumbe marca o modo singular de trabalho ao qual essa estrutura se empenha. Mesmo as ideias de irrupção mais recentes acusam formações arcaicas e sustentam uma estrutura de defesa elegendo a via do pensamento como privilegiada para empenhar o próprio recalque. A representação recalcada e enfraquecida é sempre sentida como perigosa pelas constantes vias de reinvestimento energético e ficam em meio para se fazer descobrir pelos indícios em cada mudança de representação. Os obsessivos ficam encurralados pela própria força que ganha o pensar e, “já que os pacientes estão cômicos da origem sexual de suas obsessões, frequentemente as mantêm em segredo” (FREUD, 1894a/2006, p.60).

Em 1909, quando publica o estudo sobre o “Homem dos Ratos”, Freud dirá que, quando a pulsão de saber prepondera na constituição de um obsessivo, “o cismar torna-se o principal sintoma da neurose” (FREUD, 1909/2014, p.107). Assim, o processo de “pensar é sexualizado, na medida em que o prazer sexual, que normalmente se liga ao teor do pensamento, é voltado para o ato mesmo de pensar, e a satisfação ao atingir um resultado intelectual é sentida como satisfação sexual” (FREUD, 1907/2013, p.73). No caso do Homem dos Ratos podemos ler o seguinte:

[...] o que oficialmente chamamos “ideia obsessiva” carrega, em sua deformação relativamente ao teor original, os traços da luta defensiva primária. Sua deformação a torna viável, pois o pensamento consciente é obrigado a entendê-la mal como ao conteúdo onírico, que é ele mesmo um produto de compromisso e deformação e é também mal entendido pelo pensamento desperto. (FREUD, 1909/2013, p.85-86)

Os resultados sucessivos de troca das ligações energéticas, sempre carregada dos traços da luta defensiva primária, demarcariam um estatuto que já chamávamos atenção desde o primeiro capítulo, trata-se da seguinte atividade remetida ao Eu: “uma defesa perpétua vai erigindo contra representações sexuais que reemergem continuamente — ou seja, um trabalho que ainda não chegou a sua conclusão” (FREUD, 1894a/2006, p.60).

Defesa perpétua e inconclusiva seriam as definições dos pensamentos e atos do Eu à interdição do conteúdo sexual, pois elas próprias teriam sua satisfação e empenho nos alicerces da sexualidade. Lembremos que o dilema da pedra no caminho trazia a imposição de pensamento em “que *nada podia acontecer à amada*” (FREUD, 1909/2014, p.50, grifo do autor), antecipando “um impulso contrário, ou seja, hostil, dirigido à amada antes do esclarecimento” (FREUD, 1909/2014, p.52).

Se o pensar e agir teriam tarefas constantes e com características inacabadas, reemergindo suas exigências continuamente, como nosso exemplo de Sísifo, outro mito ilustraria o caso. Para o psicanalista francês Jacques Lacan, a condenação de Tântalo traria algo do impossível que as proibições fazem sobre os objetos obsessivos:

[...] na crise obsessiva mostra, com efeito, que o objeto do desejo tãntalisante que o sujeito tem de retroceder na direção em que está a senhora do correio, não é de modo algum esta senhora ela própria, mas um personagem que, na história recente do sujeito, encarna a mulher pobre, uma empregada de albergue que ele encontrou no decorrer das manobras... Tudo se passa como se os impasses próprios da situação original se deslocassem para um outro ponto de organização mítica, como se o que em um sítio não está resolvido se reproduzisse sempre no outro. (LACAN, 1953/1987, p.60)

A referência da passagem é sobre a dívida de Ernst Lanzer, contextualizando que “é justamente na impossibilidade de sobrepor estes dois planos que se joga todo o drama neurótico. Ao tentar fazê-los coincidir, ele faz uma operação circular, nunca satisfatória, que não chega a fechar o seu ciclo” (LACAN, 1953/1987, p.61). O impossível da operação circular é o aprisionamento das próprias medidas defensivas que conjugam uma aproximação com o sexual em cada novo ensejo de repressão, mas não se trata somente disso.

Esse círculo que não se fecha deve ser observado como uma espiral, pois a dívida de Ernst correspondia a de seu pai (devendo a um amigo que nunca reencontra e a sua mulher que o eleva na condição social), sobrepostas no plano mítico desde sua pré-história: “o pai, seu amigo militar, a jovem mulher pobre, mas bela, e a mulher rica que dá ao seu pai sua posição social. As duas situações são aquelas correspondentes às dívidas do pai” (GAZZOLA, 2005, p.43). Essa força espectral que começa a definir o destino do Homem dos Ratos “reflete com

efeito, de um modo sem dúvida fechado para o sujeito, mas não absolutamente, longe disso” (LACAN, 1953/1987, p. 59). Vamos falar disso nos subtópicos seguintes, por hora, queremos reintroduzir o sentido do aprisionamento e da defesa perpétua com esse tempo contínuo.

Voltemos um pouco para a história mítica de Tântalo que Lacan dá exemplo. Há uma condenação similar à de Sísifo, o “mais sábio dos mortais” (curiosamente esse adjetivo serviria, em alguma medida, como outra analogia ao obsessivo), que vale destacarmos alguns modos de aprisionamento de ciclo fechado.

[...] ele foi condenado ao tormento eterno em companhia de Íxion, Sísifo, Títio, as danaides e outros. Agora ele está dependurado, consumido perenemente pela sede e pela fome, no ramo de uma árvore frutífera que se inclina sobre um lago pantanoso. Suas ondas chegam-lhe até a cintura, às vezes até o queixo, mas, quando se inclina para beber, elas retrocedem e nada deixam... A árvore está carregada de peras, lustrosas maçãs, figos doces, azeitonas e romãs maduras que lhe roçam os ombros, mas, cada vez que ele estica a mão para colher um desses frutos suculentos, uma rajada de vento os coloca fora de seu alcance. (GRAVES, 2018, p. 32)

Podemos notar que ambos os mitos, Sísifo e Tântalo, são aprisionados por uma proximidade particular com seus objetos impossíveis. Tudo se passa como na curiosa dívida dos óculos de Ernst, afinal, ele sabe desde o início a quem deve fornecer o pagamento, mas trata como um impossível. As dificuldades cíclicas são estipuladas e tornam-se mal compreendidas por causa de uma aproximação com a solução final, tomam um aspecto inconclusivo (perpétuo) como nas modalidades cerimoniais. O objetivo pretendido, ao nível da consciência, parece ser claro e preciso, mas as motivações inconscientes do Homem dos Ratos colocam-no em um plano de fuga e perseguição diante de seu objeto desejado. Seus desdobramentos e racionalizações o fazem ficar alienado das manobras que ele próprio constrói deixando a questão da dívida incontornável.

Se nos permitirmos certa digressão, o poema “No meio do Caminho”, do grande poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade, consegue acrescentar alguma dimensão dessa dificuldade obsessiva:

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra

Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra.

(ANDRADE, 2013, p. 32)

Publicado pela primeira vez em 1928 na “Revista de Antropofagia” por Oswald de Andrade, o poema consegue apresentar a volta cíclica e indefinitiva da dificuldade obsessiva. A repetição e redundância da expressão “tinha uma pedra”, usada sete dos dez versos do poema, exemplifica a obsessão desse objeto impossível de contornar, ou seja, do retorno insistente da representação intolerável. Da mesma forma, essa temporalidade registrada pelo “nunca me esquecerei” encarna a luta defensiva contra os pensamentos do dever da dívida obsedante. Ao exemplo do Homem dos Ratos, o “nunca esquecerei desse acontecimento” corresponde ao acontecimento da representação intolerável que ele se esforça para torná-lo não-acontecido (*non-arrivé*). Seu desdobramento — “Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra” — é o acompanhamento desse objeto impossível que ele carrega em seus deslocamentos de caminho.

Podemos dizer que esse sentido são os mesmos encontrados nos mitos de Sísifo, de Tântalo e de Ernst Lanzer. O poema de Drummond ilustra esse nível duro e persecutório dos conteúdos eróticos sentidos na neurose obsessiva. A pedra no meio do caminho toma as medidas do rochedo da castração que o obsessivo reencontra em suas estratégias de atos e pensamentos. A impossibilidade dessa tentativa de recalque mais que perfeito é sentida quando os deslocamentos obsessivos são acompanhados pela mesma representatividade sexual que suas defesas evitam estipular. Tudo se passa como se estivessem acorrentados em um grillão com uma bola de ferro no final, sua mobilidade é ilusória ante a condenação defensiva deixada em seus rastros.

Os deslocamentos da libido que fazem sobre a representação incompatível tentam promovê-la como um ‘*non-arrivé*’ (não-acontecido). No entanto, as ideias obsessivas são apresentadas como produtos de compromisso e deformação. Ficam vinculadas a sua sobrecarga afetiva em certa dissociação da sua representação primária e intolerável. Essa característica conjuga o aspecto do pensar trazendo a simultaneidade dos pares opostos em sua luta defensiva: “Simultaneamente à ideia há também a ‘sanção’, isto é, a medida defensiva que é obrigada a tomar para que a fantasia não se realize” (FREUD, 1909/2014, p. 27). Trata-se do que já expomos anteriormente sobre a defesa obsessiva, ante o traumático sexual, recorrer ao tempo da antecipação. Mas lembremos que se antecipar só pode ocorrer de maneira imperfeita, pois sua consequência estratégica só ocorre perante algo que não pode mais ser antecipado: a representação intolerável.

A simultaneidade é marcada por “um instinto erótico e uma revolta contra ele, um desejo (ainda não obsessivo) e um temor (já obsessivo) que a ele se opõe” (FREUD, 1909/2014, p. 23). Isso desencadeia a questão da dívida, justamente quando Ernst associa outra forma simultânea: o castigo do suplício dos ratos que lhe vinham à cabeça tanto para a mulher amada quanto para o pai.

Esse simultâneo como um híbrido de sentimentos de castigo e proteção, desejo e medo, amor e ódio, é marcado por um estatuto de não acabamento no passado — um morto que vive sob ameaça que pode morrer — e no presente/futuro — não pode morrer novamente porque já está morto. Esse “não-realizável” precipita uma não conclusão no passado e futuro, servindo como causa às motivações inconscientes: “ao personagem do pai vem se adicionar o seu símbolo, o pai enquanto morto. É o fantasma do pai que será causal no inconsciente” (GAZZOLA, 2005, p. 40).

O tema da morte é circunscrito pela culpabilidade na economia psíquica do obsessivo: “A singular extensão dos temores obsessivos ao ‘além’ não é mais que uma compensação pelos desejos de morte em relação ao pai” (FREUD, 1909/2014, p. 97). O “além” ou “pós-vida” tem sua natureza da expressão simbólica do pai morto, correlativo ao tratamento obsessivo do símbolo: “atenção a um desejo que antes insinuara em todo tipo de fantasias — anular a morte do pai” (FREUD, 1909/2014, p. 97-98).

Se o pai morto só pode advir de sua expressão simbólica, sua anulação é um apelo ao simbólico. Nesses termos, o “não-realizável” do pai morto é o ponto principal que se trata como “não-acontecido”, relativo ao núcleo de retorno da representação intolerável. Os símbolos produzidos para anular o que não se realizou da morte é chamado em suplência de outro símbolo, e depois mais outro, e assim por diante. Isso conjuga um aprisionamento no tempo perpétuo de uma morte sempre incompleta:

Ele próprio está preso em uma rede simbólica inexorável, que vai selar seu destino antes mesmo de sua existência como sujeito. Enfim, seu pai, se é desfalecente, é também indestrutível: é um pai que não termina nunca de morrer. Enquanto morto, sua lei inflexível se impõe ao sujeito como imperativo superegóico, e determina sua relação com o gozo. Com efeito, vemos que esse pai volta sempre, como um fantasma, para assombrar o sujeito, quando se trata de gozar... Prisioneiro de sua fantasia, o Homem dos Ratos só pode repetir ao infinito essa história cujas transformações não saem do plano do desdobramento dos personagens e do deslocamento da dívida. (GAZZOLA, 2005, p. 44)

Essa repetição infundável é a tessitura de uma costura simbólica para tentar tamponar a negatividade dessa morte que “não termina nunca”. A implicação que se segue é

uma entrega às exigências superegóicas que vão se tornando cada vez mais reivindicadoras dos atos obsessivos.

4.3.2 “Perda de tempo”: o desejo de morte e a irredutibilidade da Lei sobre o Homem dos Ratos

Logo no início da história do “Homem dos Ratos” vemos seus temores referentes ao pai e sua amada tomarem essas proporções de uma continuidade perpétua. Esses medos vinham acompanhados por pensamentos de autoagressão e formulações proibitivas. Nesse contexto, ouvimos uma resolução tomada contra a luta dessas ideias: “perdeu anos de sua vida, e por isso ficou para trás” (FREUD, 1909/2014, p. 17):

O conteúdo principal de sua doença, diz ele, são temores de que aconteça algo a duas pessoas que muito ama, o pai e uma dama da qual é admirador. Além do que, sente *impulsos obsessivos*, como cortar a garganta com uma navalha de barbear, e cria *proibições* relativas também a coisas insignificantes. Na luta contra essas ideias perdeu anos de sua vida, e por causa disso ficou para trás. (FREUD, 1909/2014, p. 17, grifo do autor)

Esse sentimento de tempo perdido descreve sua inibição e formaliza sua autoagressão e proibição como denúncias de ódio e desejo agressivo aos seus estimados. O temor pelos outros significaria as intenções destrutivas a eles, o tempo do medo sobreposto ao tempo (censurável) da ameaça. Mas sabendo que “junto ao desejo obsessivo, e intimamente ligado a ele, encontra-se um temor obsessivo” (FREUD, 1909/2014, p. 22), a manobra do medo não consegue recobrir a divisão que é manifestada pela auto-repreensão.

A raiz dessa inibição vinha de seus desejos sexuais na infância que tinham bastante vigor e eram sentidos com muito prazer, no entanto, sofriam severa repreensão encarnada na figura do pai. O resultado veio com uma formulação de pensamento sobre as consequências libidinosas de Ernst: “Por exemplo, *que meu pai morreria*” (FREUD, 1909/2014, p. 21, grifo do autor); “Se tenho o desejo de ver uma mulher nua, meu pai vai morrer” (FREUD, 1909/2014, p. 22).

As tentativas do pensamento em driblar sua satisfação sádica levantariam as defesas contra seu reconhecimento libidinal, de modo que a escolha por algum de seus objetos de amor causaria uma consequência nefasta ao outro. Em todo caso, o componente agressivo encontra sua via de vinculação, mas é ao futuro que podemos ver o nível da formação obsessiva, tal como um “acontecerá” (ao exemplo, o pai “morreria”, “vai morrer”). Nessa causalidade, Ernst põe-

se inerte entre o desejo e sua inevitável consequência condenatória, assumindo o impasse de seus interesses de amor como um tempo perdido.

Sua imobilidade entre os conteúdos eróticos e a proibição lhe atingia de tal forma que mesmo os pensamentos eram produzidos com grande medo, tendo na infância a ideia delirante de que seus pais pudessem escutá-los, mesmo quando não enunciados: “‘Expresso meus pensamentos sem ouvi-los’ — isto soa como uma projeção para o exterior de nossa suposição de que ele tem pensamentos sem saber algo deles, como uma percepção endopsíquica de reprimido” (FREUD, 1909/2014, p. 23-24).

A ilusão dos pensamentos serem ouvidos, mesmo quando não ditos, começa a retratar um especial investimento no pensar, esboçando como insuficiente a antiga suposição do método catártico.

A operação do método catártico de Breuer consiste em promover deliberadamente a recondução da excitação da esfera somática para a psíquica, e assim a resolução da contradição, através da atividade de pensamento e da descarga da excitação por meio da fala. (FREUD, 1894a/2006, p.57)

A cura estaria baseada em fazer valer esses mecanismos contra um tipo de representação, sempre ao nível do sexual, que provocava os processos contrários do pensar e falar: o esquecimento e a inervação somática. O problema que se incide com a neurose obsessiva é que o superinvestimento do pensar é a própria marca de contradição. Os pensamentos seriam estratégias de defesa à representação incompatível na vida psíquica: “as pacientes conseguem recordar com toda a precisão desejável seus esforços defensivos, sua intenção de ‘expulsar aquilo para longe’, de não pensar no assunto, de suprimi-lo” (FREUD, 1894a/2006, p.55).

Já sublinhamos que a representação incompatível do “expulsar aquilo para longe” é referente ao “não-realizável” do pai morto. Sua ascensão simbólica serve de ferramenta defensiva para cobrir esse negativo. Mas, afinal, de que modo responde o Homem dos Ratos como objeto desse pai vivo, que suporta a insígnia simbólica de “Um pai” (como o “não-realizável” da morte do pai)?

Lembramos que, ao contrário da época da infância, o pai já se encontrava morto e mesmo isso não era suficiente para parar o temor obsessivo. A distinção do tempo dos pais era que o vivo era ameaçador e outro, ameaçado. Freud descreve o pai castrador conservado como

um empecilho indestrutível por duas hipóteses temporais: estava em uma época como o primeiro objeto de amor, ou não podia ser distinguido em clara decisão amorosa:

O desejo (de eliminar o pai como sendo um estorvo) devia ter se originado em um tempo em que a situação era muito diferente, em que talvez não amasse o pai mais do que a pessoa desejada sensualmente, ou em que não fosse capaz de uma clara decisão, isto é, cedo na infância, antes dos seis anos de idade, antes que sua memória se tornasse contínua, e isto permaneceu assim para sempre. (FREUD, 1909/2014, p. 43)

Nessas condições, esse pai não poderia ser morto porque estava *in absentia* (em ausência), nos diz Freud, e que esse desejo não poderia ser atendido porque já “era um desejo *há muito reprimido*, ante o qual ele não podia comportar-se de modo diferente de antes, e que, por isso, ficou imune à destruição” (FREUD, 1909/2014, p. 43, grifo do autor).

Tomar o pai como primeiro objeto de amor, ou não ter sua posição definida, levava a mesma consequência: dúvida sobre seu amor. Isso ainda seria uma correspondência ao seu amor-próprio, pois a indecisão do amor a quem lhe tem como ameaça liga-se a outro polo, duvidar de um amor dirigido a si mesmo.

Se o acentuado vigor de sua sexualidade se encontrava na mesma proporção das sanções punitivas como objeto do pai, isso descreve que todo sentido prematuro ou precoce que a teoria freudiana levanta é acompanhada de uma sanção também prematura ou precoce: “Nas histórias dos neuróticos obsessivos, um acontecimento quase regular é o precoce surgimento e prematura repressão do impulso sexual de olhar e saber” (FREUD, 1909/2014, p. 107).

O sentido obsessivo de saber parece recair sobre quem se deve amar primeiro, ou quem se deve amar mais, tomando o correlato do ódio ao segundo, ou menos amado. A questão reflete que tipo de existência o pai tem para ele, tendo a dúvida do amor como alicerce para a busca de seu saber obsessivo: “O segredo do pai é que ele só existe na fé. A fé é um ato que postula a transcendência, que implica um para-além do saber: só podemos ter fé no pai, pois ele é sempre incerto” (GAZZOLA, 2005, p. 47).

O retrato da inibição indica a posição de Ernst igualado na incerteza do pai, tendo os esforços de seu saber, contrapondo-se com a fé, com a sensação da perda de tempo. Essa impressão pode ter uma importante conotação para se buscar o tratamento, mas deve ser observada com cuidado, porque certamente esse tempo perdido já vem sido percorrido por um certo período, sendo mantido assim. Ou seja, em primeiro lugar o aspecto de “compensar a dúvida e corrigir o intolerável estado do passado de inibição” (FREUD, 1909/2014, p. 106) coloca o tempo em uma determinada posição de continuidade: “em que não fosse capaz de uma

clara decisão, isto é, cedo na infância... e isto permaneceu assim para sempre” (FREUD, 1909/2014, p. 43).

Essa infinitude parece ser usada como forma para sua inercia inicial, colocando a temporalidade do “para sempre” em sua manobra de certa imobilidade e caracterizando seu adiamento indefinitivo. Por que ele teria que escolher entre o amor e o temor, se lhe dado um tempo que nunca termina? Assim, ele tampouco finaliza sua escolha. Por isso que a dúvida paralisadora não seria uma consequência da doença, mas causa: “o resultado da doença já estava na intenção dela; o que parece ser consequência é, na realidade, a causa, o motivo do adoecimento” (FREUD, 1909/2014, p. 60).

Por outro lado, ele sente o tempo se esgotar na sensação de perder anos de vida, ficando para trás. É provável que sua impressão da perda de tempo seja uma referência a sua estratégia na formação de compromisso. O que ele perde na indecisão é a possibilidade das próprias escolhas, ficando sem alternativa: o pai morreu e a donzela amada, talvez, será substituída por outra com posses.

Tomar a temporalidade como algo que se esgota aponta, na verdade, para a perda de algum dos objetos amorosos, revelando o fracasso de sua dúvida paralisadora.

4.4 “Prisão temporal”

4.4.1 Da explosão sexual precoce à hipótese da antecipação do Eu

Se a dúvida paralisante pode corresponder a uma perda de tempo é porque já há alguma marca de um tempo perdido. O vínculo dessa temporalidade terminável e interminável está inscrita pela insistência do sexual traumático, em que seu ponto de abertura e fechamento é a fantasia fundamental. Ela seria como a metáfora do retrato, uma imagem parada no tempo “em que talvez não amasse o pai mais do que a pessoa desejada sensualmente” (FREUD, 1909/2014, p. 43). Para o obsessivo, a fantasia fundamental descreve essa dúvida do amor em “um tempo de parada, um tempo suspenso, uma imagem fixada para sempre” (GAZZOLA, 2002, p. 150).

Mas como ele se liga nessa fantasia? Sabemos que tanto na neurose histérica quanto obsessiva “o indivíduo em crescimento procura, nessas fantasias relativas à sua primeira infância, *apagar a lembrança de sua atividade autoerótica*, na medida em que eleva seus traços mnemônicos ao nível do amor objetal” (FREUD, 1909/2014, p. 68, grifo do autor). A situação

presente sofre de uma flexão com o passado que desponta sobre a sexualidade: “o indivíduo *sexualiza suas recordações*, isto é, relaciona vivências banais à sua atividade sexual, estende sobre elas o seu interesse sexual, nisso provavelmente seguindo a trilha do nexó efetivamente presente” (FREUD, 1909/2014, p. 68-69, grifo do autor).

Especificamente na neurose obsessiva, o apagamento da lembrança sexual está relacionado com as associações presentes nos modos defensivos de seus atos e pensamentos. A falha do processo de recalque corresponde às tentativas de uma defesa com a proporção de um tempo perdido, ou seja, uma temporalidade de fechamento forçado à experiência sexual infantil. Sua persistência traumática sendo combatida pela insistência obsessiva do Eu nessa neurose.

Em “Atos obsessivos e práticas religiosas” (1907) citamos o sentido desse tempo perdido no modo em que os atos triviais tomam proporções adornadas e dificultadas, como formas de atividades retardadas pelo caráter de cerimonial. Esse texto expõe as precauções e dúvidas das ações obsessivas como uma montagem ritualística de grande morosidade, considerando as operações defensivas como um tempo perdido sobre a impressão de uma temporalidade interminável. Ou seja, a preparação cerimonial pode ser tão lenta que parece desconsiderar o sentido de ser apenas uma prévia, tornando-se ela mesma a finalidade do ato. Dessa maneira, algo de “não-realizável” da ação pretendida desponta com o sentimento do preparo infundável, trazendo a impressão de que nunca se está realmente preparado.

Os atos ainda apresentam um ensaio rítmico sobre as tentativas de anular intenções e ações do passado, presente ou futuro. O misto de proibição e desafio dão compasso ao ritmo, na perspectiva que a finalidade do desejo sempre parece adiada indefinidamente. É o que podemos ilustrar com as características do estudo de 1910, sobre o caso de Leonardo da Vinci.

Freud analisa uma recordação de infância do gênio renascentista expondo como proibição e desejo atormentavam o artista desde sua infância: “ele se admirava muito de que fosse impelido a masturbar-se precisamente nessas ocasiões belas e enaltecidas. Mas não pude deixar de sublinhar que nesses dois exemplos o que havia de comum era a “proibição e o desafio a uma ordem” (FREUD, 1910/2014, p.65). Esses dois sentimentos apontavam como “a morosidade que sempre caracterizou os trabalhos de Leonardo se revela como um sintoma dessa inibição, como um prenúncio do abandono da pintura que depois ocorreria” (FREUD, 1910/2014, p.121). Assim como podíamos ler na incapacidade de Ernst para o trabalho e os estudos, a “proibição e o desafio a uma ordem” sugeridos pela “sexualidade precocemente incitada pelos beijos da mãe” (FREUD, 1910/2014, p.210) marcam o aspecto do

tempo como um sintoma em meio à morosidade; à proverbial lentidão, ou completa paralisação no ápice da neurose.

A parcimônia dos atos obsessivos, tal como Freud (1908) a considera em “Caráter e erotismo anal”, conjuga-se com o caráter “ordeiro” e obstinado junto às “formações reativas ou contrárias como a vergonha, nojo e moral” (FREUD, 1908/2015, p. 353). Esses traços dão os parâmetros às suas inibições, sendo originadas de formações reativas da regressão libidinal ligada à passividade anal.

Devemos lembrar como Freud assinala o envergonhamento obsessivo como um estado de aparente saúde: “a conscienciosidade, a vergonha e a autodesconfiança são sintomas dessa espécie, que dão início ao terceiro período — período de aparente saúde, mas, na realidade, de defesa bem-sucedida” (FREUD, 1896c/2006, p. 169). Sabemos que um pouco antes da morte do pai de Ernst ele fora proibido a procurar prazeres masturbatórios, descrevendo sua inibição como uma formação reativa pelo desejo de morte que veio despertado pelos prazeres eróticos:

Não há dúvida de que no âmbito da sexualidade surgia uma diferença entre pai e filho, e que o pai ficara em decidida oposição ao erotismo precocemente despertado no filho. Vários anos depois da morte do pai, quando experimentou pela primeira vez a sensação prazerosa de um coito, veio-lhe à mente a seguinte ideia: ‘Mas isso é formidável; por isso bem se poderia matar o próprio pai!’ Eis, simultaneamente, um eco e uma explicitação de suas ideias obsessivas infantis. Pouco antes de morrer, o pai se manifestara diretamente contra a inclinação que depois viria a dominar o paciente. Notou que este procurava a companhia daquela mulher e advertiu-o contra ela, afirmando que isso não era prudente e que ele se exporia ao ridículo. (FREUD, 1909/2014, p. 63)

Se voltarmos à passividade obsessiva caracterizada pela vergonha, podemos pontuá-la como algo experimentado pelo fracasso da exigência do ideal em cumprir a exigência da lei paterna. Ao tentar se aproximar de cada nova exigência à ordem proibitiva, Ernst ficava mais preso ao ideal não cumprido, como demonstrava a dívida que assumira em relação ao pai. A masturbação proibitiva de Ernst Lanzer indicaria a vergonha pela condenação de que aquilo “não era prudente”, expondo-o ao ridículo.

Nesse sentido, esse afeto diria como os atos obsessivos ficam presos ao julgamento paterno, tal como descrevemos com o isolamento e ocultamento em *Melusina*, e como pontuamos nas “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa”: “a *auto-acusação* (por ter praticado o ato sexual na infância) pode facilmente transformar-se em *vergonha* (de que alguém o descubra)” (FREUD, 1896c/2006, p. 171, grifo do autor).

O deslocamento da autoacusação para o envergonhamento segue a regressão libidinal do obsessivo. Se “a vergonha é o típico afeto da inibição” (DUNKER, 2017, P. 97), a culpa teria uma condição ativa frente à forma passiva da vergonha. Importante pontuação para que o analista não atenda uma demanda desculpabilizante frente à neurose obsessiva, pois esse afeto representaria a retirada mínima da posição esmagadora do fracasso frente o ideal paterno.

Podemos ver como o desejo e a lei, o desafio e o cumprimento a uma ordem norteiam uma escala rítmica sobre os atos obsessivos. O movimento afetivo da vergonha à culpabilidade, e vice-versa, encena o pêndulo da movimentação libidinal fixado sobre o parâmetro da inibição. A fantasia fundamental, inscrita sobre a dúvida de compreender o amor, estabelece esse ponto fixo dentro do movimento oscilatório.

Vergonha e culpa designam o ponto de parada sobre a sexualidade, na qual vimos que Freud sugere uma particular precocidade na neurose obsessiva:

1. “Ao contrário da histeria, nela (a neurose obsessiva) sempre se acha a característica da atividade sexual prematura” (FREUD, 1909/2014, p. 25).
2. “...precoce explosão de sua sensualidade” (FREUD, 1909/2014, p. 42).
3. “...o pai ficara em decidida oposição ao erotismo precocemente despertado no filho” (FREUD, 1909/2014, p. 63).
4. “O pai não pensou no resultado mais frequente de paixões assim prematuras, a neurose” (FREUD, 1909/2014, p. 67).

Já no primeiro capítulo apontamos como o caso do Homem dos Ratos acentuava a sexualidade precoce para o obsessivo, ao contrário do que era mantido desde 1896, no texto “A hereditariedade e etiologia das neuroses”:

A neurose obsessiva emerge de uma causa específica muito semelhante à da histérica. Também aqui encontramos um evento sexual precoce, ocorrendo antes da puberdade, cuja lembrança torna-se ativa durante ou depois desse período. (FREUD, 1896a/2006, p. 153)

Ainda no ano de 1896, em “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa” (1896b), Freud estima que a diferença entre neurose histérica e obsessiva viria das condições cronológicas do desenvolvimento da libido, isso começa a dirigir uma sexualidade mais prematura especificamente ao obsessivo. Além disso, uma agressividade precoce ainda estaria anterior à experiência de sedução, ao contrário da passividade sexual do prazer correspondente à histeria:

[...] em todos os casos de neurose obsessiva, descobri um *substrato de sintomas histéricos* que puderam ser atribuídos a uma cena de passividade sexual que precedeu a ação prazerosa. Suspeito de que essa coincidência não seja fortuita, e de que a agressividade sexual precoce implique sempre uma experiência prévia de ser seduzido... tenho apenas a impressão de que o fator decisivo quanto à emergência de histeria ou neurose obsessiva a partir de traumas na infância depende de circunstâncias *cronológicas* no desenvolvimento da libido. (FREUD, 1896c/2006, p. 168-169, grifo do autor)

A respeito disso, trouxemos que “só depois” do trauma da experiência de sedução poderíamos inferir uma “experiência prévia de ser seduzido”. Suposição lógica e mítica em que a agressividade seria ainda mais precoce. Temos condições de dizer agora que esses argumentos metapsicológicos são condizentes com a dúvida em relação ao amor, determinando as temporalidades do obsessivo. O Eu assina os aspectos temporais nos quais o tempo apresenta-se parado, aprisionando o neurótico em condições inconclusivas e impossíveis, mas insistentes.

4.4.1.2 A formação dos juízos e a relação de amor e ódio

O critério da sedução precoce deriva das condições temporais que o Eu do obsessivo traz em seus mecanismos defensivos. Essa instância já tem uma referência ao tempo descrita em seu processo de formação:

O desenvolvimento do Eu consiste em um processo de distanciamento do narcisismo primário e produz um intenso anseio em recuperá-lo. Esse distanciamento ocorre por meio de um deslocamento da libido em direção a um ideal-de-Eu que foi imposto a partir de um fora, e a satisfação é obtida agora pela realização desse ideal. Ao mesmo tempo, o Eu lançou os investimentos libidinais aos objetos. Ele empobreceu em favor desses investimentos e do ideal-de-Eu e voltará a enriquecer-se pelas satisfações obtidas com os objetos como pela via da realização do ideal. (FREUD, 1914/2004, p. 117)

Distanciamento e deslocamento da libido são conjecturas chave para o Eu obter sua diferenciação do Isso (“O Eu ainda é uma parte do Isso, porém organizado” (FREUD, 1926/2014, p.27)). A imposição de um fora para uma satisfação obtida por meio de circuito instaura-se como um modo processual e dita a saída de um narcisismo primário para um narcisismo secundário. Devemos acrescentar que a descontinuidade da libido, que tocam no fora para retornarem ao Eu, marcam uma periodicidade mínima na qual Freud elege como a própria ideia abstrata do tempo no homem: “...a ideia que essa forma de trabalho descontínuo do sistema *P.-Cs.* originalmente embasou a concepção que o ser humano tem da temporalidade” (FREUD, 1925b/2007, p.141).

A tese de 1914 faz uma introdução ao conceito de narcisismo e traz uma analogia da libido do Eu como pseudópodes de um protozoário: “Poderíamos dizer que ela se relaciona com os investimentos realizados nos objetos de modo análogo àquele com que o corpo de um

protozoário se relaciona com os pseudópodes que projeta em direção aos objetos” (FREUD, 1914/2004, p.98). Em 1925, no trabalho intitulado “A negativa”, Freud reafirma que o Eu experimenta a apreensão sensorial como constituinte antes do pensar, dando o início da apreensão entre o mundo externo e o mundo interno. Essa fórmula já se encontrava em 1914, em que descrevia que os pequenos investimentos do Eu para o sistema perceptivo eram utilizados como prova e teste dos estímulos externos, antes de voltar para si e promover um afastamento do mundo externo. A partir disso, é possível acreditar que em algum momento, esse investimento sensorial tocou em um mínimo radical do exterior para definir que o real estará também presente no fora. Um tipo de resto não assimilável no qual ele se utilizará para fazer reconhecimento do não-real da representação: “Conforme podemos notar, é novamente uma questão de dentro e fora. O não-real, isto é, o que é somente imaginado [*das Vorgestellte*], o subjetivo, está presente somente no dentro; enquanto o real estará presente no lado de *fora*” (FREUD, 1925b/2007, p. 149, grifo do autor).

Em “A predisposição à neurose obsessiva” (1913), podemos ler:

Não sei se parecerá muito ousado supor, acompanhando as pistas existentes, que deve ser incluída na predisposição à neurose obsessiva uma aceleração temporal do Eu ante o desenvolvimento libidinal. Tal antecipação requeria a escolha de objeto por influência dos instintos do Eu, enquanto a função sexual ainda não atingiu sua última configuração, e assim deixaria uma fixação no estágio da ordem sexual pré-genital. Levando em conta que os neuróticos obsessivos têm que desenvolver uma supermoral para defender o seu amor objetal da hostilidade que por trás dele espreita, estaremos inclinados a ver certo grau dessa antecipação do desenvolvimento do EU como típica da natureza, e achar que a aptidão para a gênese da moral baseia-se na circunstância do desenvolvimento do ódio ser precursor do amor. (FREUD, 1913/2015, p.335)

Se há um aceleração temporal da formação do Eu ele é decorrente do seu tatear no mundo externo onde toca um ponto do real em que ele ainda não está preparado, promovendo sua antecipação. Essa formação precoce deriva como uma regressão libidinal ao Eu no momento em que o narcisismo primário começou a trocar a indiferença pelo ódio aos estímulos externos, produzindo o sentido da agressividade sexual precoce. Com isso, uma formação reativa segue na produção da supermoral obsessiva como defesa ao amor objetal.

Fontenele (2018) nos fornece as seguintes indicações:

[...] a neurose obsessiva é determinada por um tipo de experiência sexual traumática vivenciada em um tempo em que o eu não disporia de recursos para integrá-la à sua estrutura. Em outros termos, poderíamos afirmar que a operação de defesa que permitira a simbolização dessa vivência é precária, pois, nesse momento, só se encontra o enlace entre o real e o simbólico. O eu é forçado a se desenvolver precocemente e, antes do tempo, é levado a promover, sem o devido auxílio da instância imaginária, a produção das operações de juízo que só depois haveriam de se

verificar, sem que mesmo a negação primordial tenha se tornado efetiva. (FONTENELE, 2018, p.127-128)

O aceleração temporal na formação do Eu responde a algum efeito do desenvolvimento libidinal tocando essa representação intolerável, exigindo do investimento ao ideal-do-Eu um enriquecimento ainda maior. Tal exigência delimita a ambos, Eu e seu ideal, com um estatuto de agressão prévia, já que foram estabelecidos sem o recurso do imaginário para a operação de juízos.

Sabemos que as operações dos juízos são divididas em “juízo de atribuição” e “juízo de existência”, referindo-se a duas questões: “decidir se uma coisa [*Ding*] possui ou não uma certa característica e confirmar ou refutar se a representação [*Vorstellung*] psíquica dessa coisa tem existência real” (FREUD, 1925a/2007, p.148). Por certa característica pertencer ou não a coisa, defini-a como boa ou má, o juízo de atribuição é a operação do Eu-prazer propriamente dito: “o Eu-prazer presente no início do desenvolvimento quer introduzir tudo o que é bom e expelir de si tudo que é mau. Inicialmente, para o Eu-prazer não há diferença entre o mal, o que é estranho [*Fremd*] ao Eu e tudo aquilo que se situa fora” (FREUD, 1925a/2007, p.148).

Já o juízo de existência não tem uma questão pertencente ao Eu-prazer, mas vinculada ao teste de realidade. O que se procura saber é “se algo que está disponível na forma de uma representação [*Vortellung*] psíquica no Eu pode ser reencontrado também na esfera da percepção [*Wahrnehmung*] (realidade)” (FREUD, 1925a/2007, p.149).

Freud nos explica que as operações são formuladas pela questão do dentro e fora, expondo de um procedimento para o outro a saída do narcisismo primário para o secundário:

Assim, no curso do desenvolvimento psíquico, a consideração pelo princípio de prazer foi, nesse momento, colocada de lado. A experiência ensinou à psique que não é somente importante saber se uma coisa [*Ding*] (objeto de satisfação) possui uma qualidade ‘boa’, isto é, se merece ser acolhida no Eu, mas também, se está presente no mundo externo, de modo a que seja possível apoderar-se dela conforme surja a necessidade [*Bedürfnis*] para tal. (FREUD, 1925a/2007, p.149)

O desenvolvimento precoce do Eu indicaria um momento em que o juízo de atribuição estava mais preponderante, tomando a diretriz do fora como tudo aquilo que é mal, ou estranho ao Eu, definindo os recursos auxiliares do simbólico e do real. A existência do pensar pela instância do imaginário ainda está mal desenvolvida, o que parece dificultar à representação psíquica reencontrar a coisa no exterior sem ligá-la às tendências agressivas.

Em dificuldade de reencontrar a existência do objeto no exterior sem o recurso do imaginário, tal como o “*afeto fica obrigado a permanecer na esfera psíquica*” (FREUD,

1894a/2006, p.58-59, grifo do autor), a incorporação prematura do Eu ao que lhe era mal (o externo tocado da representação intolerável) o faz confundir com sua própria imagem. Nessas condições, a precocidade forçada sem o auxílio da instância imaginária parece resultar na dúvida obsessiva sobre seu amor.

4.4.1.3 O “não-acontecido” e a espera como um dos nomes do desejo

A experiência sexual traumática seria o distanciamento da libido do Eu ao sistema perceptivo, tocando uma parte do real que antecipasse sua formação ainda sem recurso do imaginário. O enlace dado somente pelo simbólico e o real acelera a formação e trata como “não-acontecido” a parte da representação intolerável.

A agressividade precoce estaria vinculada à negação do acontecimento da representação intolerável no real, como se poderia notar na formação reativa pela supermoral obsessiva. Tentando evitar a denúncia agressiva à representação recalcada, ou seja, “para defender o seu amor objetal da hostilidade que por trás dele espreita” (FREUD, 1925a/2007, p. 150). Dessa forma, “a negação propriamente dita é antecipada para um momento no qual o que ainda está em vigor é a operação de negação primária, que ainda se encontra travada e acompanhada das tendências narcísicas agressivas” (FONTENELE, 2018, p.128).

Se “a oposição entre o subjetivo e o objetivo não existe desde o início” (FREUD, 1925a/2007, p.149), a negação propriamente dita é antecipada em um momento remoto para promover o afastamento entre o subjetivo e o objetivo. Nessa hora, entra em cena a fórmula do “não-acontecido” (*non-arrivé*) da representação intolerável, tentando substituir a carência da instância imaginária. O problema disso é que a representação intolerável é confundida com seu próprio Eu, produzindo as expressões de agressividade. Ou seja, a negação antecipada confunde o afastamento do objeto externo com seu Eu, acarretando a culpabilidade e o envergonhamento como ressonâncias da inibição pela dúvida do amor.

Nessas condições, ele tenta manter-se persistente contra a insistência do sexual traumático, mas o máximo que consegue é transformar a “*representação poderosa em uma representação fraca* retirando-lhe o afeto” (FREUD, 1894a/2006, p. 56, grifo do autor). Isso produz o sentimento da perda de tempo sobre essa luta, causado pelo aprisionamento ligado ao objeto e à própria modalidade defensiva. A resolução obsessiva se inclina em uma fantasia de espera como último recurso temporal para solução conflitiva.

Lembramos que o temor de Ernst pela morte do pai atua com uma hora de morte que nunca vem, como sinaliza sua angústia quando não se faz presente em seu óbito. Essa espera indeterminada também é circunscrita na ideia da perda de tempo, já que sua posição indecisa deriva daquele tempo de morte do pai que nunca foi totalmente estabelecido. A submissão a esse desejo configura a ambivalência de amor e ódio por esse que o escraviza temporalmente.

Essa fantasia coagulada no tempo coloca a realidade em suspensão, que pode ser descrita pelos delírios, as tentativas de anulação, o isolamento/ocultamento, a superstição, dentre outros. Lacan (1964/2008) em seus comentários sobre princípio do prazer, o sistema de realidade e o processo primário no “Seminário 11”, introduz o termo francês *souffrance*⁹ para designar um tipo de realidade em suspensão: “A realidade está lá em *souffrance*, lá esperando” (LACAN, 1964/2008, p.60). Ele quer indicar que há um resto não assimilável pelo simbólico que fica em espera até que um acontecimento o retire desta condição, ainda que mediante uma repetição: “O processo primário... é preciso mesmo, uma vez mais, se o apreendamos em sua experiência de ruptura, entre percepção e consciência, nesse lugar, eu lhes teria dito, intemporal” (LACAN, 1964/2008, p.61). Nesta experiência de ruptura, ocorreria um movimento de antecipação em que a consciência chega depois da percepção. Nas palavras de Martins (1994):

O que está sendo descrito aqui é um fenômeno psíquico que acontece antes para a percepção, com um certo atraso do princípio de realidade e da censura (entre o Inconsciente e Pré-Consciente). Talvez, neste sentido, Freud tenha afirmado que "todo sonho tem um efeito despertante". Observação que o coloca diante de certas questões quanto à temporalidade em curso nos sonhos: o processo de despertar requer um certo tempo e, durante o mesmo, o sonho ocorre. (MARTINS, 1994, p.46)

No processo primário, a percepção capta o acontecimento previamente ao princípio de realidade e da censura. A ruptura virá em certo atraso, precipitando uma espera pelo que não foi totalmente assimilado pelo simbólico, nesse lugar intemporal. A precocidade do Eu no obsessivo exemplifica esse estado de *souffrance*. A tentativa de estipular um “não-acontecido” da representação sexual refere-se ao não assimilado pelo simbólico, seguido de uma falta do auxílio imaginário. Assim, o Eu dessa neurose tenta estabelecer suas defesas no mesmo atraso entre percepção e consciência, designando conotações de perpetuidade e insistência ao intemporal.

⁹ De acordo com o tradutor da edição brasileira do Seminário 11, MD Magno, o termo carrega, na língua francesa, os sentidos de sofrimento e paciência, de espera por algo indeterminado, de negócio inconcluso. Como uma mercadoria que aguarda ser retirada pelo destinatário.

Para aludirmos ao obsessivo uma relação de aprisionamento à espera do acontecimento, tal como o sonhador ao efeito despertante, como mencionado por Martins, falaremos de uma obra citada por Freud em suas “Conferências introdutórias à psicanálise” (1916b). Trata-se do quadro de Schwind da Galeria Schack, intitulado *Sonho do prisioneiro*, no qual o pai da psicanálise destaca que é “muito próprio que a libertação ocorra por meio de uma janela, porque dela penetra o estímulo da luz que põe fim ao sono do prisioneiro” (FREUD, 1916b/2014, p. 180). Comparação que podemos dedicar ao obsessivo: preso em sua repetição ritualística e acusado pela culpabilidade oriunda do proibido, espera pelos primeiros raios de Sol vindo de uma passividade inerente à própria produção de um ciclo dito natural, curso entre o poente e o nascente.

A espera pelo acontecimento, que conjuga tanto o atraso como a antecipação, é a total assimilação do simbólico pelo pai morto, tentado tamponar o furo do não-sentido da representação intolerável. O dever obsessivo desponta em contornar a insistência do “não-realizável” no passado, fazendo com que seu sentido inacabado seja concluído na situação presente. Isso resulta em outro aspecto, pois é na dependência de uma definição do futuro que a espera ocorre.

Ao exemplo do pai de Ernst Lanzer, acompanhamos que, enquanto vivo, era ameaçador, e morto, ameaçado. Mas a culpabilidade pela morte paterna, como conclusão do outro para liberdade de escolha em seu objeto de amor, colocava-o em uma situação mais ameaçadora do que antes.

Apesar da aparente insolubilidade na neurose obsessiva, lembremos que Freud descreve o caso como bem-sucedido e Lacan fala que seu destino reflete “de um modo sem dúvida fechado para o sujeito, mas não absolutamente, longe disso” (LACAN, 1953/1987, p. 59).

A indicação que temos para isso é estabelecida logo no início da história clínica do Homem dos Ratos. Por uma abertura de demanda, ele pede a dois amigos que lhe indiquem algo sobre seu caráter. Em certa frustração, descreve como “a primeira comoção de sua vida” (FREUD, 1909/2014, p. 19). Na verdade, ela não é sua primeira comoção, como podemos acompanhar por suas memórias infantis, e nem mesmo “de sua vida”, digamos. Essa frustração é uma reedição da dívida paterna ao amigo. Ao colocar em questão seu caráter, ele equaciona a dúvida sobre seu amor-próprio com a do pai.

A pergunta aos amigos e o pagamento da dívida são o começo e fim (ambos não realizados) do ciclo de seu destino mítico com sua fantasia. Vimos que ele ainda conta com a ajuda de um amigo para pagar uma quantia ao correio, supondo saber que “não estava devendo a taxa de remessa a *outra pessoa que não o funcionário do correio*” (FREUD, 1909/2014, p.32, grifo do autor).

Logo depois, “lembrava de que algumas horas antes de encontrar o capitão cruel tivera oportunidade de apresentar-se a outro capitão, que o informara da verdadeira situação” (FREUD, 1909/2014, p.32). Certamente o acompanhamento do amigo foi a motivação inconsciente para o pagamento ser dado à pessoa errada. Também na transferência com Freud haverá uma mescla entre pagamento e amor, dívida e dúvida, quando ele estabelece um sonho em que fantasia seu analista lhe oferecer a filha: “*Ele vê minha filha à sua frente, mas ela tem duas bolas de excremento no lugar dos olhos*. Para qualquer um que compreenda a linguagem dos sonhos a tradução é fácil: *Ele não se casa com minha filha por seus belos olhos, mas por seu dinheiro*” (FREUD, 1909/2014, p. 61, grifo do autor).

Certamente essa fantasia de oferta coloca Freud na posição do bom amigo, perdendo-lhe a dívida como supostamente teria feito o amigo do pai nunca reencontrado. Ao mesmo tempo, Freud também estaria no lugar paterno que finalmente deixou de ser obstáculo para o amor, presenteando-o duplamente, com a mulher amada e o mimo do seu próprio amor de abdicação.

O que sabemos dessa fantasia é que ela foi previamente “combatida pelo inabalável amor à sua dama” (FREUD, 1909/2014, p.61), ainda no decorrer de “amargos insultos” (FREUD, 1909/2014, p.61) ao analista. Mesmo assim, a posição do pai e do amigo transferidos à Freud trouxe “como novo e atual algo do passado” (FREUD, 1909/2014, p.61) e isso parece ter operado na prisão cíclica do obsessivo. Se finalmente o pai foi definido como um “pai-amigo” (desobstruindo o objeto de amor), e o amigo como “um amigo-pai” (perdendo-lhe a dívida, como os pais o fazem, na forma da significação do dinheiro pelo excremento) o que encontramos não é só uma realização fantasística, mas também uma posição de escolha: um combate desses pensamentos não vinculado ao temor, ou repreensão à uma ordem, mas pelo amor inabalável à sua dama.

Esse sonho também não é descrito como um sonho de angústia e essa pequena variável permanece fundamental. Pela ausência da angústia, ele não relaciona a antecipação do trauma como medida protetiva, o que provavelmente estabeleceu sua narrativa com certa

desvalorização e, por isso, desencadeou “uma série de resistência e amargos insultos” (FREUD, 1909/2014, p.61) quando Freud foi interpretá-lo.

No trabalho de “Inibição, sintoma e angústia” (1926), sabemos que “o Eu é a genuína sede da angústia” (FREUD, 1926/2014, p.22), o que torna curioso porque o sonho manifesto de Ernst Lanzer não foi sentido com angústia por uma medida antecipava do Eu. Ao contrário, ele foi rechaçado pelo ódio vinculado à interpretação freudiana. Essa posição parece apontar que o Eu não se utilizou da antecipação angustiante como medida protetiva, mas forçou uma regressão libidinal ao ódio para se afastar de um sentido do conteúdo onírico. Em Freud, isso parece estar disposto da seguinte forma:

Talvez a regressão não seja consequência de um fator constitucional, mas sim temporal. Não ocorreria porque a organização genital da libido resultou muito frágil, mas porque a oposição do Eu começou muito cedo, ainda em pleno vigor da fase fálica. Tampouco nessa questão me arrisco a fazer uma afirmação segura, mas a observação analítica não favorece essa hipótese. (FREUD, 1926/2014, p. 49)

Esse trecho não condiz com uma oposição, ou formação do Eu (já que “o sujeito se defende *com seu eu*” (LACAN, 1958/2016, p. 28, grifo do autor)) operando cedo ou de maneira precoce. Ele favorece uma temporalidade de regressão libidinal, e não do Eu. No decorrer do artigo, Freud apontará que a regressão aponta na disjunção pulsional, “no afastamento dos componentes eróticos que, com o início da fase genital, haviam se agregado aos investimentos destrutivos da fase sádica” (FREUD, 1926/2014, p. 50). Ou seja, a regressão é uma das formas defensiva do Eu no obsessivo, estabelecendo a separação e conduzindo os impulsos eróticos aos componentes agressivos, utilizando-se da temporalidade das pulsões agressivas narcísicas:

Ao forçar a regressão, o Eu obtém seu primeiro sucesso na luta defensiva contra as exigências da libido. Nisso é pertinente fazermos a distinção entre a tendência mais geral da “defesa” e a “repressão”, que constitui apenas um dos mecanismos de que a defesa se utiliza. (FREUD, 1926/2014, p. 50)

A regressão libidinal explicaria como “a destruição do complexo de Édipo junta-se a degradação regressiva da libido” (FREUD, 1926/2014, p. 51), acarretando um Supereu “particularmente rigoroso e inclemente” (FREUD, 1926/2014, p. 51). Essa pontuação demonstraria “o complexo de castração como motor da defesa, e tendências do complexo de Édipo como o alvo da defesa” (FREUD, 1926/2014, p. 50). Nesses termos, a etiologia obsessiva implica que “a regressão não seja consequência de um fator constitucional, mas sim temporal” (FREUD, 1926/2014, p. 49).

Essa tese retoma aquela que descrevemos no primeiro capítulo, no qual a experiência sexual precoce é comum às duas neuroses, histérica e obsessiva, não sendo um

privilégio mais prematuro no obsessivo que levaria uma antecipação da instância do Eu. Essa variação de posicionamento em 1926 não descarta a posição antecipativa do Eu, apenas deixa de descrever uma especificidade da neurose obsessiva, como podemos ler em Lacan:

Enquanto experiência do eu, a sua função é decisiva na constituição do sujeito. Que é o eu, senão algo que o sujeito experimenta primeiramente como estranho no interior de si próprio? É em primeiro lugar, mais avançado, mais perfeito que ele que o sujeito se vê. Em particular, ele vê sua própria imagem no espelho em uma época em que é capaz de se perceber como um todo, ao passo que ele próprio não se sente como tal, pelo contrário, vive no caos originário de todas as funções motoras e afetivas que é o dos primeiros seis meses de vida. O sujeito tem sempre uma relação antecipada com sua própria realização, que o reenvia a si-mesmo a um plano de profunda insuficiência... É por este fato que em todas as relações imaginárias, o que se manifesta é uma experiência de morte. (LACAN, 1953/1987, p. 74)

Nossa hipótese, que particulariza o obsessivo sobre a antecipação do Eu frente ao incompatível da precocidade sexual, é que essa neurose utiliza-se desse dado da constituição psíquica como produtor de seus mecanismos defensivos. Isso inclui a regressão libidinal, uma vez que ela conta com um aspecto temporal que indica uma inibição paralisadora.

No trabalho sobre “O estádio do espelho como formador da função do Eu (1966), Lacan formula uma relação de “eu-ideal” vinculada à assunção jubilatória de sua autoimagem. Ele descreve um tempo de precipitação antes da “dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito” (LACAN, 1966/1998, p.97). Especificamente na articulação dessa condição com a neurose obsessiva, vemos as formações dos sintomas mantendo seu apoio no dado da formação do Eu:

Correlativamente, a formação do [eu] simboliza-se oniricamente por um campo fortificado, ou mesmo um estádio, que distribui da arena interna até sua muralha, até seu cinturão de escombros e pântanos, dois campos de luta opostos em que o sujeito se enrosca na busca do altivo e longínquo castelo interior, cuja forma (às vezes justaposta no mesmo cenário) simboliza o isso de maneira surpreendente. E, do mesmo modo, desta vez no plano mental, vemos realizadas essas estruturas de obra fortificada cuja metáfora surge espontaneamente, como que saída dos próprios sintomas do sujeito, para designar os mecanismos de inversão, isolamento, reduplicação, anulação e deslocamento da neurose obsessiva. (LACAN, 1966/1998, p.101)

Ao retornarmos à questão da transferência em que Ernst traz sua fantasia do pai-amigo e do amigo-pai, junto ao conteúdo onírico manifesto desprovido de angústia, o que encontramos? Vemos a escolha pelo do amor pela donzela prevalecer sem temor, proibições ou imperativos de cumprimento a uma ordem. No entanto há sim um dado de antecipação que podemos notar retroativamente: mesmo com a conclusão da sua deliberação amorosa, não podemos dizer que ela era “inabalável” (FREUD, 1909/2014, p.61), como afirma Ernst.

É por isso que a transferência abre o não-sentido do trauma, inscrevendo fragmentos e restos de um tempo travestido em outro. A condução de uma tessitura temporal estranha deve advir no Eu a fim de produzir sua retomada de abertura histórica. Mas, para tanto, é preciso que o obsessivo se localize no fracasso de suas defesas e da própria antecipação do Eu. Deixar sucumbir Pompeia para (re)descobri-la.

Mesmo que sua dúvida amorosa precise contar os segundos do intemporal, como uma espera por um resto simbólico não assimilado, o tempo do desejo sempre determina que um minuto pode encerrar muitos dias. A essa temporalidade infinita e breve, ilustramos com uma passagem da obra de Machado de Assis:

Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros; mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me. Quantos minutos gastamos naquele jogo? Só os relógios do Céu terão marcado esse tempo infinito e breve. A eternidade tem as suas pêndulas; nem por não acabar nunca deixa de querer saber a duração das felicidades e dos suplícios. Há de dobrar o gozo aos bem-aventurados do Céu conhecer a soma dos tormentos que já terão padecido no inferno os seus inimigos; assim também a quantidade das delícias que terão gozado no Céu os seus desafetos aumentará as dores aos condenados do inferno. (ASSIS, 1994, p. 32)

O amor, como uma força que nos arrasta para dentro de nosso próprio espelho narcísico, implicando na dúvida de quanto podemos ceder narcisicamente para que o objeto amado restitua nossa libido, fica fora de qualquer cálculo de previsibilidade, tal como nos ensina a neurose obsessiva. No entanto, a pergunta de quanto tempo se gasta em certa paralisação de encantamento — “Quanto minutos gastamos naquele jogo?” — parece restituir na espera a possibilidade da escolha de uma movimentação, mesmo que se reincida em outra espera, o que já seria um outro tempo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa tentamos demarcar as principais teses freudianas acerca do tempo no tratamento que se confere à neurose obsessiva. Contextualizamos a relação da

experiência sexual precoce com a formação antecipada do Eu — relação encontrada nos elementos ordenadores da etiologia da neurose obsessiva em Freud.

A discussão dos primeiros textos psicanalíticos nos serviu para constatar a incidência do sexual em uma relação de diferença em relação à maturidade sexual. O sexual guarda uma relação com a maturidade na medida em que produz um núcleo irreduzível ao sentido, no cerne da produção do sentido. A diacronia presente na noção de maturidade é atravessada por um núcleo traumático desvelando uma outra face do tempo. Como consequência, esse núcleo traumático atravessa passado e futuro como uma resistência ao sentido que os torna — passado e futuro — inacabados. Esses trabalhos permitiram explicitar a proposição que situa o processo de defesa a partir da incompatibilidade entre a representação e o sexual traumático. Freud fala de uma incompatibilidade da representação sexual traumática.

As reflexões freudianas também mostraram como o trauma vincula-se à sexualidade marcada de modo precoce. Desse modo, a defesa é estabelecida contra essa experiência sexual do passado traumático. O passado assume, nesses textos, um caráter de insistência, fazendo com que a lembrança atue como um evento contemporâneo. Essa tese já designa a indestrutibilidade da memória e situa a medida defensiva em uma relação com o recalçamento — recalçamento que afasta e, ao mesmo tempo, presentifica o intolerável que preside a representação do sexual.

A insistência desse tempo (passado) desvela a incidência do inconsciente e abre caminho para a formalização de um agente estranho, avesso à lógica da consciência. Acompanhamos como Freud estabeleceu que a vida sexual infantil se apresentava em uma ligação contemporânea e configurava-se como o agente provocador do traumático.

Os modos defensivos da representação traumática na neurose obsessiva foram descritos em “As neuropsicoses de defesa” (1894a/2006), indicando o Eu em confronto com uma incompatibilidade em sua vida representativa. Nesse trabalho, Freud começa a acentuar o Eu como responsável pelas defesas ao conteúdo sexual. Essa instância trataria a representação incompatível como um não-acontecido, como uma experiência impossibilitada de se realizar inteiramente. Nessa tarefa, o Eu se encarrega de retirar o afeto da representação forte, deslocando-o para uma representação fraca. Seu esforço, indo de encontro à persistência sexual, ergueria uma defesa perpétua contra o contínuo reemergir do conteúdo sexual, definindo seu trabalho como incluso. Portanto, o Eu descreverá a falha do sistema defensivo por sua luta obsedante contra a espreita de malogro do recalque.

As problematizações apresentadas no texto “As neuropsicoses de defesa” (1894a/2006) fornecem um complemento importante às discussões encontradas nos textos “Obsessões de fobias” (1894b/2006), “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa” (1896b/2006) e “A hereditariedade e a etiologia das neuroses” (1896a/2006). O conceito de defesa aparece referido a um trabalho contra a insistência da experiência sexual infantil e a fantasia comparece como o que conjuga o efeito de um trauma situado no passado com sua atualização. Temos aqui a interveniência do presente, de uma situação vivida no presente, produzindo uma retroação em direção ao passado, na busca por ali situar esse elemento da vida pulsional irredutível à representação. Dessa forma, a predisposição neurótica é considerada, nestes textos, nesse vínculo associativo entre passado e presente, em que o “recalcamento” da lembrança de uma experiência sexual aflitiva, que ocorre em idade mais madura, só é possível para aqueles em quem essa experiência consegue ativar o traço mnêmico de um trauma da infância” (FREUD, 1896c/2006, p. 167).

Essa conjunção temporal indica o trauma do passado como inócuo, senão sob a condição de submeter-se ao presente para configurá-lo. É essa operação que produz o efeito de inacabamento ao passado. Sua incompletude é a expressão de sua dependência a um “só-depois”. As formulações sobre os modos de funcionamento dos processos primário e secundário revelam, assim, distintas maneiras de lidar com o tempo e o trauma — diferenças que, no entanto, são articuláveis.

Cabe apontar que o texto “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa” (1896b/2006) indica que os mecanismos de defesa demarcam uma posição do sujeito frente ao trauma. Essa posição, definida nos termos de uma posição passiva e outra ativa, aparece como um elemento distintivo entre as neuroses. Nesse texto já encontramos a proposição de uma precocidade na constituição do Eu na neurose obsessiva. Já em “A hereditariedade e a etiologia das neuroses” (1896a/2006) a neurose obsessiva será disposta ao lado da histeria, marcada por um evento sexual precoce, também contendo uma mescla de correntes passivas e ativas, como descrito em “A predisposição à neurose obsessiva” (1913/2015).

Essa precocidade de uma experiência sexual na neurose obsessiva é conjugada a um gozo sexual antecipado. A consequência dessa excitabilidade sexual precoce repercute em uma prematuração ou antecipação da formação do Eu nessa neurose. O indício dos atos de agressão serem praticados e sentidos com prazer, tal como vemos em “Observações adicionais

sobre as neuropsicoses de defesa” (1896b/2006), descreve uma ênfase à posição ativa, ao contrário da passividade sexual vista na histeria. Ainda nesse texto, a agressividade é apresentada em uma posição anterior à experiência de ser seduzido — a constituição antecipada do Eu se liga à emergência dessa agressividade.

Outra possível consequência da prematuração do Eu são seus modos defensivos que respondem a um impulso sexual presente (contemporâneo) produzindo uma relação com o passado na qual encontramos a substituição de um conteúdo sexual por outro não sexual, mas análogo. Essa observação se articula à proposição de que essa instância, no obsessivo, na verdade usa da antecipação como um dado da sua própria formação, tentando empreender um recalcar mais que perfeito.

No exemplo do Homem dos Ratos, vimos a produção do temor obsessivo se antecipar à consciência em oposição ao retorno do desejo de morte ao antigo opositor em sua empreitada sexual. Esse medo projeta no futuro-presente um efeito recalcante ao desejo, mas para ambos os tempos, passado e futuro-presente, há uma data de morte que vem.

O pai é determinado como aquele opositor, que estabelece um obstáculo ao amor, mas ele próprio também é o objeto amado, o que termina por produzir uma inibição amorosa da qual a dúvida fará testemunho. Essa simultaneidade de amor e ódio interroga o passado por seu sentido inacabado e interdependente com o presente, mas a existência do ódio no inconsciente mostra-se indestrutível pela ligação mesma que possui com a indestrutibilidade do pai, que não cessa de desvanecer. O inacabamento do passado e do futuro relacionam-se, desse modo, ao inacabamento da morte do pai.

Essa infinitude afetiva do ódio comparecerá sob a forma dos atos e ideias contraditórios, estabelecendo uma defesa perpétua relacionada a um caráter de inconclusão. A repetição infundável marcará um movimento oscilatório dirigido pelos ecos das “ideias” infantis, retratando um tempo muito prematuro para a definição das escolhas das paixões amorosas. A dúvida seria a expressão desse tempo contínuo e insistente que moverá a cena inconsciente do obsessivo às ações que costurem simbolicamente o rasgo entre passado e futuro atravessado pelo traumático

No último capítulo, procuramos sublinhar as principais formas de comparecimento do tempo na defesa obsessiva, a saber: (i) o caráter de insistência e incompletude do passado sexual traumático; (ii) a contração temporal e a vinculação do passado ao só depois; (iii) a

simultaneidade; (iv) a oscilação rítmica da inibição; (v) a impressão da perda de tempo; (vi) a anulação retroativa; (vii) a demora nos pensamentos; (viii) a defesa perpétua e inconclusiva do Eu; (ix) a antecipação, a procrastinação e a espera, movidas por um trabalho contra a falta de sentido do traumático; e (x) o tempo imóvel ou parado ligado a uma impressão de aprisionamento.

A investigação sobre o trauma e a defesa permitiram depreender que a forma das proibições e das medidas protetivas se estabelece como um mecanismo complementar ao caráter de insistência do sexual traumático. A relação com o futuro é marcada por uma angústia expectante, conferindo aos atos cerimoniais (com sua função protetiva) a resolução de um adiamento indefinitivo, cada vez mais submetido às exigências do Supereu.

O que encontramos na constituição desses atos é a tarefa do Eu em produzir o deslocamento do afeto de uma representação intolerável para outra representação mais suportável. A execução dessa incumbência acaba fracassando em se realizar inteiramente, uma vez que o afeto inadequado à nova representação deflagra sua conotação sexual e exige que se reponha o ciclo defensivo. Nesse mecanismo, há um superinvestimento sexual nos pensamentos, provocando um efeito de demorar-se no pensar para livrar-se da contradição que, juntamente com os cerimoniais cada vez mais exigentes e repetitivos, começam a se expressar no isolamento e na anulação retroativa dos atos.

A dimensão do não-acontecido tem sua ligação ao modo de tratamento que se dá ao acontecimento do não-realizável da morte paterna. Esse vínculo refere-se ao débito de algo ainda por se realizar (a morte do pai), expondo o dever obsessivo no cumprimento desse pagamento simbólico para saldar no futuro essa dívida (déficit de incompletude) com o passado. Todavia, o tema da morte e da dívida traz a dúvida obsessiva quanto ao seu amor, já que o cumprimento do dever de quitação resgata a honra do pai, mas o desvaloriza por assumir-se de vez como seu credo, destronando-o.

Nessa situação, entram em cena os movimentos oscilatórios de amor e de ódio que demarcam a relação da neurose obsessiva com seus objetos de amor. A memória é então chamada como alibi para averiguar que, no plano da consciência, as expressões obsessivas foram de dedicação, presteza, proteção e resguardo a quem ele ama, mas isso não apazigua as novas expressões de angústia que colocam novamente em marcha as tentações agressivas. É nesse sentido que o impulso erótico é acompanhado de uma revolta contra ele e, não

encontrando confiança em seus investimentos libidinais, a esfera da incerteza aumenta e a inibição fica cada vez mais patente.

Isso configura uma dúvida paralisante que encontra seu alicerce no tempo fixo da fantasia fundamental, juntamente com os afetos da autoacusação, da culpabilidade e da vergonha. Além disso, a neurose obsessiva postularia que o distanciamento do narcisismo primário prover  um forte anseio de recuperá-lo, buscando no tempo da fantasia fundamental os meios de uma fixa o a esse passado mítico. Esse retorno, às vias de uma paraliza o, também indica que a precocidade do Eu deu-se no momento em que um investimento tocou uma representa o intolerável no sistema perceptivo, exigindo que o Eu antecipasse sua forma o para levantar suas defesas. Assim, essa instância na neurose obsessiva também pode compensar a antecipa o privilegiando os esforços de retorno ao narcisismo primário.

Sabendo que o desenvolvimento precoce do Eu indicaria um momento em que o juízo de atribui o estava mais preponderante, vemos que a oscila o de amor e de ódio descreve quase que a mesma antiga situa o do Eu-prazer: verificar o que deve ou não ser incorporado, procurando delimitar o estatuto da coisa em boa ou má, respectivamente. Nesse momento, o fora e o estranho são confundidos com a representa o m  da coisa e, como consequência, se estabelece   precocidade do Eu uma dificuldade de reencontrar os objetos do mundo externo sem ligá-los às tendências agressivas. E não somente isso, pois mesmo o que já foi incorporado sofre das mesmas consequências.

Essa dificuldade indicaria uma falta de auxílio da instância do imaginário, tendo como consequência os afetos ficarem presos na esfera psíquica. Ainda assim, a incorpora o produzida pela antecipa o prematura do Eu faz com que sua autoimagem seja alvo de suas tendências agressivas, dando forma   d vida obsessiva em compreender o amor. A nega o primária também foi sobreposta   uma antecipa o da nega o propriamente dita, a fim de promover um distanciamento entre o subjetivo e o objetivo. Dessa consequência resultam as tentativas falhas de tornar “não-acontecida” a chegada da representa o intolerável — representa o essa que ainda se encontra confundida com uma parcela do próprio Eu, produzindo suas expressões agressivas. Ou seja, a d vida obsessiva do amor corresponde   antecipa o da nega o propriamente dita confundindo o afastamento do mundo externo com seu próprio Eu.

Por fim, as tentativas de tornar “não-acontecido” o sexual traumático parecem se configurar na neurose obsessiva como um tempo de espera, conjugando atraso e antecipa o

em seus pensamentos e atos. Esse esperar torna-se sinônimo de sua prisão. O aguardo refere-se à total assimilação do pai morto, na tentativa de tamponar o furo do não-sentido da representação intolerável, daí o imperativo superegóico passar a operar tratando o “não-realizável” do passado como um resto ainda para se assimilar no presente, tal como a expressão *souffrance*, de Jacques Lacan.

Apesar dessa neurose apresentar-se como um sistema aparentemente impenetrável, marcado por uma luta perpétua e forte do Eu contra a insistência do sexual, o caso do Homem dos Ratos demonstra que esse sistema não é insondável, muito pelo contrário. Com esse caso acompanhamos como a abertura de um momento de demanda reverberou na transferência como algo fundamental. O sonho no qual Freud lhe oferecia a filha com dinheiro (expressão das fezes nos olhos pela linguagem onírica) posicionava Freud como aquele que deixa de ser obstáculo ao amor e perdoa a dívida. Essa realização fantasística expõe uma posição de escolha, a suspensão dos pensamentos de temor pela eleição decisiva por sua dama.

A narrativa onírica também não desencadeou a angústia como uma medida antecipatória de defesa frente ao conteúdo sexual, e sim o ódio diante da interpretação de Freud. Essa conjectura pareceu condizente com outra tese de Freud que postula a disposição constitucional para a neurose obsessiva por uma regressão da libido a um momento de disjunção pulsional à saída do complexo de Édipo, produzindo o afastamento erótico com o início da fase genital.

Essa hipótese aponta uma retomada da sexualidade precoce como fato comum a ambas as neuroses (obsessiva e histérica). Em relação a essa posição de Freud, encontrada no texto “Inibição, sintoma e angústia” (1926), observamos que Lacan também pontua a antecipação do Eu como um fator normal de seu processo constitutivo, não se restringindo à etiologia do obsessivo. O texto freudiano de 1926 apresentou uma chave de leitura para a nossa tentativa de articular a hipótese da antecipação do Eu na neurose obsessiva ao tratamento que essa neurose confere ao tempo.

Concluimos que o obsessivo se utiliza da antecipação própria da constituição do Eu no aparelho psíquico para fixar seu próprio Eu. O desenvolvimento precoce do Eu indicaria um momento em que o juízo de atribuição estava mais preponderante, tomando a diretriz do fora como tudo aquilo que é mal ou estranho ao Eu. A existência do pensar pela instância do imaginário ainda estaria mal desenvolvida, o que parece dificultar à representação psíquica reencontrar a coisa no exterior sem ligá-la às tendências agressivas. Na dificuldade de

reencontrar a existência do objeto no exterior sem o recurso do imaginário, a incorporação prematura ao Eu do que era mal (o externo tocado da representação intolerável) o faz confundir com sua própria imagem.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma poesia/ Carlos Drummond de Andrade;** posfácio Eucanaã Ferraz. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- ASSIS, Machado de. **Obras Completas de Machado de Assis.** Vol. I. Nova Aguilar. Rio de Janeiro, 1994.
- ASSOUN, Paul-Laurent. **Metapsicologia freudiana:** Uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- COTTET, Serge. **Freud e o desejo do analista.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- DUNKER, Christian. **Reinvenção da Intimidade:** Políticas do Sofrimento Cotidiano. São Paulo: Ubu, 2017.
- DAVID-MÉNARD, Monique. **A histérica entre Freud e Lacan:** Corpo e linguagem em psicanálise. São Paulo: Escuta, 2000.
- FONTENELE, Laéria Bezerra. A estrutura desnudada: recalque, linguagem e afeto na neurose obsessiva. In: Sujeito e subjetividades contemporâneas: Estudos do programa de pós-graduação em psicologia da UFC. Fortaleza: Editora UFC, 2018.
- FREUD, Sigmund. **Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência (1893).** In: Estudos sobre a histeria. Obras Completas Vol. II. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FREUD, Sigmund. **As neuropsicoses de defesa (1894a).** In: Primeiras publicações psicanalíticas. Obras completas de Sigmund Freud, volume III. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. **Obsessões e fobias: Seu mecanismo psíquico e sua etiologia (1894b).** In: Primeiras publicações psicanalíticas. Obras completas de Sigmund Freud, volume III. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. **Projeto para uma psicologia científica (1895).** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. **A Hereditariedade a Etiologia das neuroses (1896a).** In: Primeiras publicações psicanalíticas. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. III. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. **Rascunho K (1896b).** In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, volume I (p. 263-267). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. **Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa (1896c).** In: Primeiras publicações psicanalíticas. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. III. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. **Carta 69 (1897).** In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos e Sobre os Sonhos (1900)**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. V. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. **Atos obsessivos e práticas religiosas (1907)**. In: O Delírio e os Sonhos na *Gradiva*, Análise da Fobia de um Garoto de Cinco Anos e Outros Textos. Obras Completas Vol. VIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, Sigmund. **Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”] (1909)**. In: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909). Obras completas, v. IX. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. **Caráter e erotismo anal (1908)**. In: O delírio e os sonhos na *Gradiva*, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909). Obras Completas, v. 8. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, Sigmund. **Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1910)**. In: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909). Obras completas, v. IX. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu (1912)**. In: Totem e tabu, contribuições à história do movimento analítico e outros textos (1912). Obras Completas, v. XI. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. **A predisposição à neurose obsessiva (1913)**. In: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”): artigos sobre a técnica e outros textos (1913). Obras Completas, v. X. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Pulsões e Destinos da Pulsão (1915a)**. In: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004.

FREUD, Sigmund. **O recalque (1915b)**. In: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004.

FREUD, Sigmund. **O inconsciente (1915c)**. In: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006.

FREUD, Sigmund. **A Transitoriedade (1916a)**. In: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. Obras Completas Vol. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias à psicanálise (1916b)**. Obras Completas Vol. XIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. **O Eu e o Id (1923)**. In: Escritos sobre a psicologia do inconsciente, volume III. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

FREUD, Sigmund. **A negativa (1925a)**. In: Escritos sobre a psicologia do inconsciente, volume III. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

FREUD, Sigmund. **Uma Nota sobre o “Bloco Mágico” (1925b)**. In: Escritos sobre a psicologia do inconsciente, volume III. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e angústia (1926)**. In: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos. Obras completas, v. XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. **Construções na análise (1937)**. In: Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos. Obras completas, v. XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GRAVES, Robert. **Os mitos gregos**. Volume I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

GONDAR, Jô. **Os Tempos de Freud**. Rio de Janeiro: Revinter Ed., 1995.

LACAN, Jacques. **O mito individual do neurótico (1953)**. In: CUNHA, T. C. (Org.). O mito individual do neurótico. Traduzido por Brigitte Cardoso e Cunha et al. 2.ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1987.

LACAN, Jacques. **O desejo e sua interpretação (1958)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016. Seminário, livro 6.

LACAN, Jacques. **A relação de objeto (1956)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. Seminário, livro 4.

LACAN, Jacques. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. Seminário, livro 11.

LACAN, Jacques. **O estádio do espelho como formado da função do eu (1966)**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. **Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o Psicanalista da Escola (1967)**. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

LACHAUD, Denise. **O inferno do dever: o discurso obsessivo**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2017.

MARTINS, Karla P. Holanda. **O inconsciente em suspense um estudo do processo de elaboração através do cinema hitchcockiano**. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica). Instituto de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1995.

RUDGE, Ana Maria. **Trauma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. **A neurose obsessiva**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.